

3 6105 024 479 649

www.libtool.com.cn

www.libtool.com.cn

DO MESMO AUTOR

(Obras Litterarias)

Pampanos, versos de 1884-1885—*Leusinger & Filhos*,
1886. 1 volume.

Poemas e Idyllios, versos de 1886—*Moreira & Maximo*,
1887. 1 volume.

Aristo, novella Typ. da *Tribuna Liberal*, 1889. 1 volume.

Festas Nacionaes, Educação Cívica—2.ª edição—7.º
milhajo. Editores, *Alves & Comp.* 1892. 1 volume.

Sonhos Funestos, Drama de assumpto colonial, em
verso—Editores, *Laemmert & Comp.* 1895. 1 volume.

Bodas de Sangue, novella—Publicada na *Revista Brasileira*, 1895.



RODRIGO OCTAVIO
DA ACADEMIA BRASILEIRA

Felisberto Caldeira

Chronica dos tempos coloniaes



RIO DE JANEIRO
LAEMMERT & C. - Editores - Rua do Ouvidor, 66
Casas filiaes: em S. Paulo e Recife

1900

www.libtool.com.cn

COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL

Muitas vezes não dá com ouro
quem mais cava, senão quem tem
mais fortuna.

ANTONIL, *Cultura e opulencia
do Brasil por suas drogas
e minas*, pag. 187 da edic.
de 1837.



www.libtool.com.cn

Passados alguns annos, foi arrematado o dito contrato por uns Fulanos Caldeiras, que encontraram nos serviços, que fizeram naquelle Continente, as maiores riquezas que ainda se viram. Estes soberbos commetteram crimes, que os levaram a uma dilatada prisão onde deram fim seus dias, deixando todos os bens entregues a um confisco real.

Memória Hist. da Capitania de Minas Geraes (manuscrito da Bib. Nac.; hoje publicado na *Rev. do Arch. Pùblico Mineiro*, anno 2, fasc. 3, pag. 465).

Foram quatro irmãos (os celebres Caldeiras) todos do mesmo apellido e igualmente interessados no contrato: Felisberto, Conrado, Sebastião e Joakim Caldeira Brant. Arguidos de grandes crimes, de que afinal se inocentaram, mal se puderam aproveitar do fructo de sua arrematção.

Breve Descripção Geográfica, Física e Política da Cap. de Minas Geraes, por Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos, 1807; (*Manuscrito da Bib. Nac.*, Cod. 5-71 moderno, nota ao § 5, Art. 6, Cap. 4 da Parte 2*).

Este contractador tirou grandes riquezas e por desmanchos que houveram terminou desgraçadamente.

Mem. Hist. sobre o diamante, seu descobrimento, etc. por José de Resende Costa. (*Rio de Janeiro*, Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve, 1836, pag. 8).

E assim estava fcita a historia. Nas chronicas e manuscritos guardados em nossos archivos e bibliothecas, pouco mais do que essas referencias, com que se

www.libtool.com.cn

Passados alguns annos, foi arrematado o dito contracto por uns Fulanos Caldeiras, que encontraram nos serviços, que fizeram naquelle Continente, as maiores riquezas que ainda se viram. Estes soberbos commetteram crimes, que os levaram a uma dilatada prisão onde deram fim sens dias, deixando todos os bens entregues a um confisco real.

Memoria Hist. da Capitania de Minas Geraes (manuscripto da Bib. Nac.; hoje publicado na *Rev. do Arch. Pùblico Mineiro*, anno 2, fasc. 3, pag. 465).

Foram quatro irmãos (os celebres Caldeiras) todos do mesmo apellido e igualmente interessados no contracto: Felisberto, Conrado, Sebastião e Joakim Caldeira Brant. Arguidos de grandes crimes, de que afinal se innocentaram, mal se puderam aproveitar do fructo de sua arrematação.

Breve Descripção Geografica, Física e Política da Cap. de Minas Geraes, por Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos, 1807; (*Manuscripto da Bib. Nac.*, Cod. 5—71 moderno, nota ao § 5, Art. 6, Cap. 4 da Parte 2^a).

Este contractador tirou grandes riquezas e por desmanchos que houveram terminou desgraçadamente.

Mem. Hist. sobre o diamante, seu descobrimento, etc. por José de Resende Costa. (*Rio de Janeiro*, Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve, 1836, pag. 8).

E assim estava feita a historia. Nas chronicas e manuscriptos guardados em nossos archivos e bibliothecas, pouco mais do que essas referencias, com que se

epigrapha libro, encontramos acerca da figura varonil de Felisberto Caldeira, tão generosa e altiva.

Se não sôra a curiosidade patriotica do Sr. Joaquim Felicio dos Santos que recolheu, da tradição popular e dos cartorios extintos da administração diamantina, as accidentadas *Memorias do Districto do Serro Frio*, teria talvez sido impossivel reconstruir os episodios de um dos mais originaes recantos da historia colonial, e afastar do nome do liberal mineiro a fama, que lhe crearam, de um criminoso vulgar.

E assim mesmo, nem tudo se salvou. No tocante á vida e acção de Felisberto Caldeira no Tejuco o livro precioso do Sr. Felicio se reporta a um *velho manuscripto* que o autor attribue ao Dr. Placido da Silva e Oliveira Rollim, irmão do padre inconfidente José da Silva e Oliveira Rollim.

Do manuscripto, porém, se transcrevem nas *Memorias* alguns periodos apenas, e pela minuciosidade desses trechos transcritos se deve concluir da importancia historica da obra cujo paradeiro não nos foi dado encontrar.

Dirigimo-nos ao filho do illustre mineiro, já falecido quando iniciamos este trabalho,

dirigimos ao digno director do Archivo Publico Mineiro, tão conhecedor das cousas de sua gloriosa terra, e de nenhum pudemos alcançar noticia do velho manuscripto.

Em todo o caso, é o livro do Sr. Felicio o manancial a que tem ido buscar informações chronistas e historiadores. O Sr. Azevedo Marques, nos *Apontamentos historicos da Provincia de S. Paulo* (Rio de Janeiro, 1879), o Sr. Xavier da Veiga nas *Ephemerides Mineiras* (Ouro Preto, 1897), apesar de tão eruditos ambos e de have-rem pesquisado, com tão cuidadoso es-mero, archivos e cartorios, só nesse livro encontraram as noticias e referencias que trazem acerca de Felisberto, sua vida, sua fortuna, sua desgraça.

Não é de extranhar, pois, que tambem ahi se fossem buscar os traços geraes deste livro em que é delineado o perfil do Caldeira, se bem que em estudos e pesquisas houvessemos encontrado alguma cousa que não havia sido conhecida do Sr. Felicio: - *Avizos* do Marquez de Pombal ao Governador e Capitão General das Minas, existentes, em original, no Archivo Publico, e, entre algumas obras manuscriptas,

especialmente um grande *in-folio* da Biblioteca Nacional proveniente da esplendida collecção Martins (1) offerecida áquelle instituto pelo Sr. Conde de Figueiredo no anno de 1890.

Do Descobrimento dos Diamantes e dos diferentes methodos que se tem praticado na extracção, denomina-se o *in-folio* (*Codice. 40-3 mod., 287 paginas*), que contem uma narração historica do Districto Diamantino desde 1727 até 1788. E' dividido em duas partes; a primeira, que vai até a folha 108, occupa-se da parte propriamente narrativa; a segunda, até final, traz uma preziosa collecção de documentos elucidativos: — bandos, editaes, contractos, decretos e cartas.

Este manuscrito importantissimo adianta muita cousa ao livro do Sr. Felicio e bem merece que se o tire, para geral conhecimento dos estudiosos de cousas patrias, da obscuridade em que tem sido conservado.

Só ahi se encontra alguma cousa da historia de Felisberto Caldeira e, essa

(1) O manuscrito proveio da preziosa biblioteca do Conde de Castello-Melhor, em cujo leilão o falecido bibliófilo o havia adquirido.

mesma, circumscripta ao tempo em que viveu no Tejuco (1745-1752) e despida dos episodios que não foram directamente ligados á exploração dos diamantes.

Quanto ás minudencias da vida do aventureiro, tão cheia de interesse, o só que se sabe é o que as *Memorias* do Sr. Joaquim Felicio transcrevem do desapparecido manuscrito.

De tal sorte, não foi pequena tarefa reconstituir a movimentada existencia do mineiro nas diversas épocas de sua vida e, o que se fez neste livro, só se poude fazer, em tão lamentavel deficiencia de dados e informações, graças ao concurso gentil de um descendente illustre do famoso heróe, que conseguiu, atravez de quasi cem annos de util existencia, conservar intacto o thesouro inapreciavel de sua peregrina memoria.

Tivemos a boa fortuna de merecer do Exm. Sr. Visconde de Barbacena, bisneto do celebre contractador de diamantes, alem de esclarecimentos, que lhe solicitamos, informação circumstanciada da vida de Felisberto, consoante a tradição que guardou a familia.

Essa interessantissima narração, tão episódica, tão original, e, até este

inteiramente inedita, veio, com grande proveito para este livro, enriquecer suas páginas.

Por essa fórmula e, certamente, ainda com muitos hiatos e incorrecções, procuramos, tanto quanto possível, destacar da argamassa confusa do passado colonial, á plena luz da historia, o vulto singular e bizarro do celebre aventureiro.

*

Sobre os primeiros tempos do diamante, inteiramente envolvidos nas nebulosidades da lenda, de outro *manuscripto*, tambem até agora inedito e quasi desconhecido, nos servimos com grande utilidade.

Delle nos deu informação o erudito Sr. Capistrano de Abreu, e se encontra de folhas 391 a 405 do Codice, — *Memoria n. 364* — do *archivo do Instituto Historico* que contem o *Indice de Varias Noticias, pertencentes ao Estado do Brasil e do que nelle achou o Conde de Sabugosa no tempo de seu governo.*

E' uma relação dos mais remotos descobrimentos de diamantes em Minas, escripta de proprio punho por Martinho de Mendonça de Pina e Proença e que

acompanhava a carta desse alto funcionario ao Vice-Rey, Conde de Sabugosa, datada de Villa Rica, aos 23 de Setembro de 1734.

Essa relação é muito interessante e minuciosa, os factos narrados são ditos com muita segurança nas informações e minudencia nos episodios, denunciando no autor perfeito conhecimento do assumpto.

A carta, com que Martinho a envia ao Vice-Rey, assim começa :

Meu Senhor.

« Da relação inclusa verá V. Ex. o que tem passado acerca dos diamantes do Cerro do frio, segundo informações de pessoas as menos apaixonadas, pedindo a V. Ex. perdão de lha mandar escripta de minha pessima letra. »

E o alludido *Codice* contem o original de taes documentos.

Infelizmente, o manuscrito é breve e apenas alcança os primeiros annos do Tejuco, e assim, só aproveitou aos primeiros capitulos da obra, para os quaes tambem precioso contingente trouxe a *Acayaca*,

~~romancero indigena~~ do mesmo illustrado autor das *Memorias do Districto Diamantino*. (1)

E' esse um livro muito curioso e, em cujas paginas, o Sr. Joaquim Felicio que, nas *Memorias* registrou a chronica, recolheu a legenda do Tejuco.

Alem dessas fontes principaes, outros livros, manuscriptos e documentos consultamos, tendo tido sempre o maximo cuidado em não fazer referencia sem a indicação da origem de onde nos veio a informação.

Não queremos que se pense que é este um livro de pura invenção. Por certo a imaginação do poeta andou por estas páginas; mas, esperamos se reconheça que as traçou a penna do chronista.

Rio de Janeiro, Setembro de 1899.

(1) Da *Acayaca*, que appareceu em 1866, nesta cidade (Typ. *Perseverança*), foi dada uma nova edição publicada em Ouro-Preto no anno de 1895. (Typ. de *Estado de Minas*).

www.libtool.com.cn
INDICE

	PÁGS.
I. O Tejuco	1
II. A arvore sagrada	15
III. O Diamante	33
IV. O Arauto	51
V. A vida no Tejuco	67
VI. O Roteiro	91
VII. Pyracatú	109
VIII. O Pacto	129
IX. O contracto dos diamantes	143
X. Garimpeiros e traficantes	157
XI. O tempo dos Caldeiras	173
XII. Contratempos	183
XIII. O Ouvidor	201
XIV. A prisão	215
XV. O sequestro	229
XVI. A morte	247

www.libtool.com.cn



www.libtool.com.cn

www.libtool.com.cn



I

O TEJUCO

Os audaciosos emprehendimentos dos primitivos paulistas levaram a exploração e o trabalho aos mais reconditos cantos de nossa terra natal.

Guiados pela cobiça que lhes desvairava as imaginações ardentes, embrenhavam-se os aventureiros, ao acaso, na conquista do gentio e na diligencia do ouro, sem destino certo, pelas bravias selvas, cuja solidão rumorosa não havia sido perturbada ainda pela visita devastadora do homem branco.

Reunidos em *bandeiras*, ligados pela solidariedade da mesma ambição e da mesma coragem, atiravam-se, apenas conscientes dos perigos e lutas que os esperavam no

www.libtool.com.cn
caminho, a uma jornada phantastica em procura do desconhecido.

Atravessavam a espessura secular das florestas tenebrosas, acompanhavam a trajectoria caprichosa dos rios, subiam ao pincaro das montanhas altivas, sondavam as profundidades mysteriosas das grotas humidas, e, não raro, encontravam a morte na surpreza sibilante de uma frecha hervada ou na confusão inesperada de um combate desigual.

Mais do que esses perigos, porém, e outros tantos que a chronica registra, podia no animo dos aventureiros bandeirantes a risonha perspectiva da fortuna, uma vez descoberto no seio da terra o fabuloso segredo dos seus thesouros occultos.

Para adiante, em todas as direcções a que os guiava o instincto ou simplesmente o palpite, seguiam attentos ao menor sussurro, prestes á defesa subita na emergencia provavel do ataque, experimentando a cada passo a terra em que pisavam, esmerilhando o leito raso dos corregos, ou indo buscar, em um mergulho, á profundidade incerta dos rios, que lhes cortavam o caminho, o cascalho ou o lodo do tenebroso fundo.

www.libtool.com.cn*

Assim, no meio de todos os perigos e aventuras, chegára, pelos fins do seculo XVII, ás margens do Jequitinhonha (1) numeroso e aguerrido troço de bandeirantes.

Vinham attrahidos pela noticia do grande descoberto do paulista Gabriel Soares, que do *Serro do Frio* se chamou, tirando o nome da montanha do *Kiveturui*, « penhascosa e intratavel, batida de frigidissimos ventos » (2)

Afastando-se do caminho que antes havia seguido Fernão Dias Paes, quando atravessou o districto na diligencia das esmeraldas, assignaladas, no roteiro de Marcos

(1) *Gectinhonha* — escrevia, ainda no principio deste seculo, o illustre filho de Tejuco Dr. José Vieira Couto, nas *Memorias sobre as minas da Capitania de Minas Geraes, á maneira de Itinerarios, etc.*, escriptas em 1801. (E. e H. Laemmert, Rio de Janeiro, 1842).

(2) *Memoria Historica da Capitania de Minas Geraes*, manuscrito do seculo passado pertencente á *Biblioteca Nacional*, e ultimamente publicado na *Revista do Arch. Publico Mineiro* (anno 2, fasc. 3, pag. 400). Joaquim Felicio, nas *Memorias do Districto Diamantino*, pag. 7, denomina o serro de *Ietiruy*, o que, segundo o A, na lingua indigena quer dizer — *montanhas frias*. Hoje se diz *Serro-Frio*, mas *Serro do Frio* é o nome que se lê em todas as chronicas e manuscriptos do seculo passado, da mesma forma que *Cabo Frio* primitivamente se chamou *Cabo do Frio*.

~~de Azéredo, o~~ para além do Rio Itamarandiba, (3) esses aventureiros viram cortar-lhes a marcha, como uma barreira insuperável, a torrente impetuosa do rio, cujas águas fervilhavam torvas no meio da floresta negra, num apertado leito de pedras encardidas.

Voltaram sobre o caminho andado e assentaram arraiaes nas margens de um pequeno correço, a que outros anteriormente haviam chamado Rio-Grande por ser maior que o Piruruca em que elle vem lançar suas águas barrentas.

Era o terreno em torno um grande lodaçal coberto da clara e fértil vegetação dos pantanos, que recurvava suavemente o dorso, formado de lâminas e flores, ao sopro das virações da serra, em ondas que palpitavam a perder de vista.

As provas que foram feitas pelas terras circumvisinhas indicavam a existência do ouro tão desejado, as formações do terreno, as apparencias do solo, tudo presagiava o exito feliz da empreza. E desta vez os indícios e a perspectiva não foram

(3) *Mem. Hist. da Capit.* citada; *Rev. do Arch. Mineiro* (2, 3, 429).

desmentidos: o lodo desses pantanos, tomado na batêa, deixou no fundo o precioso resíduo em quantidade tal que encheu de alegria o animo ambicioso dos exploradores.

Tomaram a resolução de firmar ahi o seu estabelecimento e, numa pequena elevação, que ficava á sombra de umas arvores velhas, plantaram o primeiro rancho.

Tranquilla começou a exploração das jazidas descobertas. A estes, que primeiro se fixaram nellas, outros e outros vieram se ajuntando, que em breve se espalhou pelos sítios próximos noticia da abundância prodigiosa das minas do Tejucu.

Tal foi o nome que desde principio se deu a toda aquella redondeza.

Iam-se pouco a pouco levantando pelas collinas vizinhas os colmos das choupanas primitivas e, em algum tempo, uma povoação cheia de movimento e ruido vestia uma das margens do arroyo. (4)

(4) Hoje cidade *Diamantina* e primitivamente *Tejucu*, não *Tijucu*, como hoje vulgarmente se escreve; e *Tujucu* deveria ser, por quanto, o nome vem do guarany *Tu-yu*: — lamaçal, lodo, lama, segundo Braz da Costa Rubim (*Vocabulário indígenas etc.*, *Rev. do Inst. Hist.*, vol. XLV, 2^a parte, pag. 384).

W Não longe outro povoado florescia já, e que deveria ser, dentro em breve, a Villa do Príncipe, (5) fundado por Lucas de Freitas que, com Antonio Rodrigues Arzão, filho do velho descobridor desse nome, havia sido socio da empreza de Gabriel Soares. (6)

No Tejuco cresciam todos os dias os trabalhos da mineração e não havia entre os mineiros rivalidades e rixas. O ouro chegava para todos; cada qual colhia á feição de sua cobiça, não lhe causando inveja a quantidade que outros iam colhendo tambem. De toda a parte em que se tirasse para a batêa lodo ou cascalho, do fundo dos pantanos, do leito dos corregos, das altas encostas das montanhas, que por um lado fechavam o horizonte como uma muralha altissima, de toda a parte era certo e abundante o fructo do arduo labor.

Cada qual tinha circumscripto para theatro de seu esforço a area de terreno que primeiro que os outros ia occupando, e nessas pequenas porções de terra a prodiga

(5) Hoje cidade do Serro.

(6) *Rev. do Arch. Mineiro*, 1, 4, 759 e 2, 8, 460; Pizarro *Memorias Historicas*, tomo 8, parte 2^a, pag. 133.

natureza tinha reunido e guardado o bastante para satisfazer e contentar todas aquellas ambições sem limite.

Dessa forma, tranquilla continuava a exploração das jazidas descobertas.

E um acontecimento funesto veio indicar que o periodo das contrariedades ia começar.

Certo dia, dois moços paulistas, que desde cedo se embrenharam na floresta á caça de uma vara de porcos do matto, que haviam deixado proximo da povoação o signal de sua passagem, não tinham voltado ainda, e o sol já desapparecera no horizonte longinquo em uma sangrenta apoteose de nuvens rendilhadas.

O arraial dormira sob a anciedade deste successo.

Ao outro dia, logo pela manhã, se espalhára a noticia de que os moços caçadores não haviam tornado ao pouso. Outros partiram em demanda dos companheiros extraviados. De balde pesquisaram os recantos todos da floresta, nenhum vestigio dos infelizes encontraram. E, como sentissem fome, tiveram de voltar ao Tejucó sem que nada pudessem adiantar sobre o destino dos companheiros perdidos.

W~~Cruzaram-se~~ commentarios sobre o caso estranho. Cada qual adduzia a hypothese que parecia mais provavel e amontoava argumentos e circumstancias em prol do seu parecer. O certo, porém, é que os dias se foram passando e os moços não voltavam, nem delles foi possivel descobrir traço ou signal.

De outra vez, alguns dias decorridos, outro moço caçador, que perseguiu nas proximidades do arraial uma corça bravia, viu-se de subito ~~e~~ñí frente de dois selvagens que para elle se precipitaram sibilando com os dedos um estridente assobio, que cortou penetrante a solidão tranquilla do bosque.

Um movimento brusco do caçador, porém, fez-o escapar á furia dos terriveis assaltantes, conseguindo, numa carreira desordenada, entrar pela povoação a dentro, atirando-se por terra de cançado.

Esse facto lançou subitamente luz sobre o caso mysterioso dos dois moços paulistas.

Já de outras vezes tinham sido vistos, furtivamente, vultos de selvagens que appareciam na orla do bosque perto da povoação e, a espaços, se ouvia aquelle

sibillar sinistro, que era attribuido ao pio solitario de alguma ave desconhecida.

Já agora porém, não restava duvida ; perto andava o inimigo e era preciso que os invasores ousados daquellas remotas paragens se acautelassem contra os possíveis ataques dos primitivos senhores da terra.

Estabeleceu-se um sistema regular de vigilancia, designando-se cada manhã a turma que deveria ficar alerta e á espreita, enquanto, despreocupados, os companheiros se entregassem aos trabalhos da mineração. E desse modo proseguiram os serviços sem causa de maior.

Entretanto, a população do arraial ia crescendo; raro era o dia em que lhe não chegavam novos habitantes que se iam localisando e dispondo-se para trabalhar logo que tinham, coberta de sapê, a simples habitação para descanso da afanosa lida. Já era considerável o numero de palhoças que vestiam a margem do correço, pela encosta do morro, e d'entre ellas, uma de maior aspecto e no lugar mais eminente, sobresaia. Em frente á porta, em um pequeno pateo, alteava-se um cruzeiro tosco de madeira lavrada. Era a primeira igreja,

~~em que se achava o Tejuco~~
elevada sob a invocação do milagroso Santo Antonio, e que recebeu para seu serviço um cura, mandado vir de um arraial mais proximo.

Estava portanto o Tejuco apparelhado para todas as expansões. Em torno da povoação, nos lugares mais proprios para cultura, rastejavam, na exuberancia do viço tropical, as plantações de hervas e legumes. A caça era abundante e sadia, e, por toda a parte, destacavam-se da rama do arvoredo os pomos maduros de saborosos fructos.

E já agora, mais que a preocupação egoista da fortuna, a imminencia de um perigo commum unia e fraternisava aquella nascente população forasteira.

Era certo que os indios os observavam. Descobriam-se todas as manhãs signaes de que elles haviam percorrido o povoado. Percebiam-se vultos entre as ramagens das arvores, e ouvia-se, uma vez por outra, o assobio fatidico que impressionava de maneira estranha o animo dos aventureiros.

Provavelmente existia nas proximidades a aldeia de alguma tribu numerosa e o crescente desenvolvimento do arraial dos

brancos não podia por certo agradar ao gentio indomado, outr'ora senhor unico das selvas.

Nenhuma outra occurrence, porém, havia quebrado a normalidade da vida trabalhosa do Tejuco, onde entretanto se mantinha, por summa cautela, continua vigilancia.

E uma imprudencia funesta veio, desastadamente, pôr termo á tranquillidade patriarchal do povoado.

Havia sido destacado como vigia para um certo ponto fronteiro a uma restinga de matto, que por uma banda ladeava o arraial, um moço aventureiro, quasi uma creança, a quem aquella postura expectante e quieta irritava e contrafazia.

O genio folgazão e trefego do moço, mais afeito ás correrias e emprezas arriscadas, não se adaptava áquelle mister pacato e attento de vigia. Mas o posto que lhe confiavam era de perigo e, dessa forma, devia caber a todos. Chegára sua vez.

Algumas horas havia já que o bandeirante guardava sua posição, quando presentiu rumor no bosque e percebeu, entre as arvores, uns vultos escuros que passavam rapidos.

Occultou-se a traz do annoso tronco de uma figueira brava, a cuja sombra se agasalhara, e viu que um bugre apparecera na fimbria da restinga e dera alguns passos de vagar pelo campo limpo, meio agachado, espreitando para o lado da povoação.

O moço, que não era visto por elle, deixou que o selvagem se approximasse mais e, quando o teve bem seguro ao alcance do seu bacamarte, tendo cuidadosamente renovado a escorva, feriu fogo e, numa detonação subita, prostrou por terra o corpo do infeliz que dera, cahindo, um uivo lancinante.

Passado o primeiro momento, que foi de pasmo para os indios que estavam na restinga, estes precipitaram-se sobre o corpo do companheiro morto e o levaram, correndo, para o interior da floresta.

O moço vigia renovou precipite a carga do fuzil e, sem haver deixado o seu esconderijo, aguardou corajoso e attento a continuação do incidente.

Uns trabalhadores, que mineravam perto, sobresaltados com o estampido da arma e tendo visto os indios que carregavam o corpo ensanguentado do companheiro, vieram correndo para o lugar em

que se achava o vigia e, tendo delle se approximado, este lhes veio ao encontro para contar a aventura.

Quando, porém, o jovem mineiro tinha começado a narração, numa entusiastica abundancia de gestos e apostrophes, ouvio-se o sibililar sinistro do assobio agoirento e viram-no cambalear e cahir por terra, tendo o peito varado, lado a lado, por uma frecha emplumada.

www.libtool.com.cn



II

A ARVORE SAGRADA

Glamentavel episodio, que termina pela morte inesperada do moço imprudente, marcou o inicio das hostilidades.

Nunca os indios, entretanto, fizeram uma correria contra os exploradores, ou um ataque formal ao povoado. O pavor supersticioso que lhes inspiravam as armas de fogo, e, segundo rezam as chronicas, tambem a vista dos escravos africanos, trabalhando nos corregos, semi-nús, e exposta ao sol abrazador a opulencia dos rijos corpos negros, livrou sempre os aventureiros do Tejuco de um combate encarniçado em que elles seriam sem

duvida desbaratados e mortos pela sanha
dos assaltantes ferozes.

A guerra se traduziu em pequenas es-
caramuças contra aquelles que se afasta-
vam um pouco do centro da povoação.

Os trabalhadores que mineravam em
qualquer ponto mais retirado eram subi-
tamente seguros e levados para o seio da
matta, onde por certo iam servir de pasto
ao appetite sanguinario daquelles selva-
gens irritados. Raro o dia em que uma
frecha delgada, partida occultamente dentre
a ramaria dos bosques, não levava a morte
repentina a algum infeliz que descuidado
trabalhava em meio dos companheiros,
ou chegava distrahido á porta da chou-
pana humilde.

Não raro amanheciam devastadas as
plantações viçosas, que circum davam o
povoado e muitas vezes, alta noite, o ar-
raial despertava ao clamor dos aventu-
reiros, a cujos colmados protectores não
inimiga havia levado sorrateiramente a
scentelha incendiaria.

Os mineiros, que sobresaltados iam che-
gando ás portas e janellas de suas chou-
panas, contemplavam com horror o es-
pectaculo magnifico do incendio, a cujo

clarão se percebia, distante, o tumultuar ameaçador dos indigenas em grupo, observando a destruição e o estrago do seu malefício infernal.

E de tal geito a vida no Tejuco tinha-se tornado insupportavel.

Por seu turno os habitantes do arraial nascente não poupavam tambem o selvagem que lhes surgia ao alcance do tiro. Já muitos haviam por essa forma perecido e alguns haviam cahido prisioneiros. Esses eram guardados, por cautela, para a possibilidade de uma permuta humanitaria. Inutil cuidado entretanto, porque os desgraçados, receiosos de veneno que os fizesse soffrer, ou quem sabe, persuadidos de que a morte os levaria de novo á taba gloriosa dos seus companheiros, deixavam-se stoicamente morrer, recusando com obstinação inquebrantavel todo e qualquer alimento.

Todos esses factos que, um ou outro, iam ocorrendo cada dia, levaram o desanimo ao espirito dos conquistadores que iam perdendo a esperança de poder, com calma e despreocupados, continuar os trabalhos iniciados sob tão fagueiros auspicios.

W Era, sem tregua, essa luta de dolorosas surpresas.

Agora sabiam os habitantes do Tejuco que a aldeia dos implacaveis inimigos ficava a pequena distancia, sobre uma explanada, no alto de um morro a que chamavam — Ibytyra.

Essa montanha lendaria ficava sobranceira á povoação do Tejuco e, sobre ella, erguia-se o vulto gigantesco de um cedro secular cuja ramaria prodigiosa desafiava incolum a furia dos temporaes.

Em torno dessa arvore protectora enredavam-se as legendas tradicionaes desse povo heroico que habitava o morro.

A sombra della, sob a esgalhada copa, cuja umbella enorme podia abrigar centenas de individuos, estendia-se o terreno que era o ádyto das ceremonias sagradas da tribu. Era ahi, junto das raizes nodosas do colosso das selvas, que se davam á terra os corpos embalsamados dos caciques e dos pagés. Era ahi, sob a queda das folhas, que os velhos sacerdotes vinham ditar as prophecias que *anhangá* lhes contava nos sonhos. Era ahi, ouvindo o sussurrar continuo das virações, lá nas altas e folhudas ramas, que os guerreiros, nunca vencidos,

vinham buscar alento e animação para as novas campanhas e empresas.

As tribus inimigas, que moravam nos valles proximos, já tinham conhecido o valor e a intrepidez dos ousados guerreiros; e todas concentravam seu odio impotente, seu rancor hereditario no velho cedro altaneiro, a cujas virtudes misteriosas atribuiam o segredo da fortuna sem igual dos destemidos vizinhos.

E era crença de todos que, quando aquella arvore sagrada deixasse de estender a sombra protectora sobre a taba guerreira, a ventura desertaria aquelle cume, que havia elegido morada predilecta, e a desordem e o desbarato entrariam fatalmente no seio da tribu.

Mais de uma vez, exercitos reunidos de varias nações aliadas tentaram a campanha de morte contra a velha arvore solitaria.

Planejavam levar a invasão impetuosa e subita á desprevenida taba dos inimigos, entrar de surpreza em meio de seu acampamento, pelo silencio da noite, e, enquanto o forte de suas columnas offerecesse combate formidavel aos adversarios mal despertos, um pequeno destacamento audacioso iria ferir e derrubar o annoso

tronco que, vivo, em pé, lhes tirava toda a esperança de desforra e triumpho.

Raros porém, puderam conseguir, na confusão da peleja, atravessar o acampamento e chegar incolumes junto do legендario tronco.

E conta-se que estes raros, ao primeiro golpe que ousavam desferir contra essa arvore mysteriosa, sentiam-se subitamente presos de um pavor horrivel e, como que impellidos por uma força estranha, prostravam-se humildes e submissos, beijando a terra que os seus pés haviam profanado, e nessa postura ficavam até que, nos azares de guerra, lhes chegasse a vez de morrer.

E assim sempre sucedeu. Apoz algumas horas de combate, desmantelladas e dispersas, as hostes invasoras, na desordem de uma retirada funesta, deixavam no campo, prisioneira ou morta, a melhor de sua gente.

E em seguida á luta desvairada, ainda arfantes e ensanguentados, os guerreiros felizes, antes de ir descansar das fadigas do successo junto das companheiras heroicas que os seguiram nas peripecias da refrega, vinham, contrictos e penitentes, trazer as oblações do seu agradecimento á grande

arvore santa em cuja seiva eterna palpita o sangue ardente do proprio deus de Tupan.

E a grande arvore, apoz a peleja continuava em meio da esplanada, altiva e solitaria, entregando as possantes galhadas da ramaria enorme á furia desencadeada dos temporaes.

Acreditava-se que os sôes de muitos seculos haviam queimado as folhas áquelle cedro.

Dizia-se mesmo que, em tempos muito remotos, cuja historia se perdia nas sombras de uma idade fabulosa, tinha havido por toda a terra uma grande inundação, transbordando as aguas de todos os rios e nella perecendo as gentes de todas as nações. E desse cataclysmo horrivel apenas um casal de indios se salvou, porque havia subido aos altos ramos do velho cedro a que não chegaram as mais altas aguas. E desse casal nasceram os homens que de novo povoaram a terra. (7)

Essa lenda e outras, que a tradição recolheu, faziam cercar a antiquissima arvore

(7) *Acayaca* (romance indigena, 1729) por Joaquim Feijio, Rio de Janeiro, Typ. Perseverança, 1866, pag. 24.

de um respeito supersticioso que se generalisou por todo o paiz e de cuja influencia gosava a tribu venturosa que tinha seus arraiaes pousados nesse recanto privilegiado do sertão.

Desde tempos immemoriaes, senhores absolutos da selva, triumphadores constantes de todas as tribus vizinhas, ou das que de longes terras se haviam abalançado, atravez das grandes extensões desertas, para lhes vir trazer a guerra no coração de seu reducto, os indios da montanha não podiam supportar a permanencia dos brancos, paulistas e portuguezes, nas proximidades do seu pouso, nos mais bellos paúes dos seus dominios.

Sobretudo, depois que a povoação se firmou, e as pequenas casas toscas se estenderam pela encosta das collinas, denunciando a intenção de um estabelecimento demorado, senão definitivo, mais se acirrou o odio dos selvagens que, nos conselhos reunidos, ao pôr do sol, á sombra inspiradora da grande arvore sagrada, resolveram a guerra de extermínio ao atrevido invasor.

E os indigenas puzeram-se á espreita. Convinha-lhes, antes de tentarem um

ataque formal, conhecerem um pouco que especie de gente era aquella com quem iam medir forças; mandava a cautela que observassem primeiro, attentamente, os habitos daquelle povo, para que pudessem com segurança de exito escolher o momento e as condições do combate; e, se assim procediam sempre que se aventuravam a uma empreza guerreira, agora que o inimigo era o branco, contra quem elles tinham tanta prevenção, todos os cuidados foram muito recommendedos pelos velhos e praticos conselheiros da tribu. E por isso os indigenas puzeram-se á espreita.

Na solidão dos bosques acompanhavam, sem serem percebidos, os aventureiros que se internavam á caça dos grandes animaes.

E ahí, muita vez, o pavor os subjugou, quando, do fundo de sua tocaia, os indios viram rolar ensanguentado o corpo elástico da onça, no momento mesmo em que, mandibulas abertas, o assanhado animal formava contra o caçador atrevido o salto que levaria a morte na ponta dos dentes alvos e no fio das unhas aceradas.

De outras vezes, era nas margens dos rios que a scena os assombrava. Os veados,

W~~mais~~ mais rápidos que cas emplumadas frechas dos melhores caçadores, tinham subitamente cortada a carreira veloz quando estrugia na mão do branco o engenho infernal que mata de longe. Os jacarés traiçoeiros, cuja couraça impenetravel desafiaava o gume das lanças mais fortes, via-se ferido e morto quando sobre elle atirava um caçador de rosto branco...

E, pouco a pouco, foi-se avolumando no animo do selvagem o sentimento instintivo do respeito e pavor que já lhe infundiam os homens de outra raça, vindos de longe. E de tal forma cresceu esse sentimento que tornou impossivel a idéa de um ataque geral, de um combate ostensivo, peito a peito, aos sobrenaturaes habitantes do Tejucó. Apezar da desproporção do numero, o panico que havia dominado o espirito do gentio, fazia crer que os brancos não podiam ser vencidos; e assim, porque cada vez a visinhança se tornava mais irritante, tiveram de se contentar com as pequenas hostilidades furtivas, a espera do momento em que pudessem, de surpreza, apanhar vivo ou morto, algum forasteiro que se desgarrasse.

*

www.libtool.com.cn

E essa era a disposição de animo dos indigenas quando ocorreu o episodio fúnesto que terminou pela morte inesperada do moço paulista.

O corpo ainda quente do indio prostrado pelo tiro certeiro foi levado para a taba e deitado em baixo da fronde susurrante da arvore sagrada.

E ahi, em frente aos guerreiros que desolados deploravam a morte do mais valente dos companheiros na guerra e na paz, os velhos pagés vieram decifrar o que lhes estava dizendo, pela boca do vento, a ramaria frondosa da arvore protectora.

Os manes dos antepassados que repousavam hirtos nos vasos santos soterrados entre as raizes da grande arvore, clamavam por vingança; e, se bem que a morte do moço aventureiro tivesse sido a resposta immediata do seu crime sem remedio, ahi não devia parar a vingança da tribu. Presagios tristes andavam pelo ar, e varias vezes já se havia ouvido o agoirento pio do noitibó, nuncio funesto dos dias infelizes, que vinha sempre ao faro de desgraças proximas como os corvos ao cheiro da carniça.

Para que fosse inoffensiva a visita fatal das somnolentas aves do máo agoiro, era mister que ali, em face do corpo inanimado do companheiro morto pela traição infame do invasor sem alma, fosse renovado o juramento santo da guerra, guerra sem tregosas, guerra de extermínio.

E assim foi feito.

Os velhos pagés, que viam empanar a gloria dos passados tempos, receciosos de um ataque dos brancos, estimulavam por todos os meios a guerra santa em nome da vingança do irmão immolado. A terra que recebera o sangue precioso do valente filho das brenhas não podia continuar em poder do inimigo; era preciso desalojal-o dahi e fazel-o abandonar o campo, ir assentar novos arraiaes onde bem lhe aprouvesse, longe, porém, daquellas terras que eram dominadas pela altura vertiginosa da grande arvorec sagrada.

Como, porém, não ousavam aconselhar o ataque decisivo, campo aberto, certos que estavam do pavor insupperavel que ao gentio impunha a arma de fogo, ordenaram a luta traiçoeira de todos os instantes, os pequenos ataques aos que trabalhavam longe, as frechadas occultas contra aquelles

~~que apparecessem ao alcance dos seus arcos, o incendio, de surpreza, á noite, a de-
vastaçāo, o saque.~~

Os velhos sacerdotes contavam tornar impossivel, por essa forma, a continuaçāo dos bandeirantes no povoado.

E essa estrategia infernal ia produzindo o desejado effeito.

Muito precaria se havia tornado a vida no Tejuco. Além do continuo perigo em que viviam todos, a alimentaçāo ia se tornando escassa, porque as virentes plantações que, a principio, vestiam as cercanias do prospero arraial, jaziam agora seccas e devastadas ; quanto á caça, tão abundante nos primeiros tempos, os aventureiros viam-se agora quasi privados della pelo risco que havia em se aproximar das mattas que cercavam o Tejuco.

Sitiados por essa maneira e sem meios de romper a cadeia viva que os sitiava, já os aventureiros em parte se haviam retirado e grande numero delles se dispunha a fazer o mesmo.

Em breve, áquellas riquissimas regiões, perdidas no coração da selva tropical e que haviam sido descobertas pela coragem e pelo genio dos bandeirantes ousados,

teriam de voltar de novo a quietação e o silencio primitivos ; aquelles corregos e rios, cujos leitos haviam sido revolvidos e desviados pela cubica dos primeiros exploradores, tornariam ao seu curso ordinario, rolando continuamente as aguas cristalinas por sobre o seu fundo atapetado de ouro; todo aquelle paiz opulento e paradisiaco, onde se encontravam reunidos todos os elementos de que precisa o homem para viver, em breve todo esse mundo novo, iria ficar outra vez entregue ao dominio exclusivo, infuscado e inutil, do selvagem bravio.

E contra essa fatal sentença não havia recurso ou appello.

Em todo o caso, alguns mais destemidos paulistas perseveravam em se deixar ficar no triste povoado, quasi deserto. Eram algumas dezenas somente e, a vista do seu pequeno numero, mais ousados e afoitos se mostravam os sitiantes.

Receiosos, porém, de um assalto em que todos deveriam encontrar a morte no combate ou no suppicio, predispunham-se esses ultimos forasteiros para a partida em massa. Já tinham toda a pequena tralha preparada e prompta para o primeiro

signal. Doia-lhes, porém, o abandono da quella riqueza. Nas prateleiras de suas cabanas contemplavam arrumadas as garrafas a que recolhiam o precioso pó, quasi negro, tão facilmente apanhado no fundo raso dos corregos, e no fundo dos corregos havia ainda tanto, á flor da terra, á luz dos olhos. Como deixar atraç, com alma leve, todo esse thesouro?...

Por mais doloroso que á cubiça daquelles aventureiros fosse o abandono das preciosas lavras, era preciso, entretanto, partir.

Raro era o dia em que não perdiam um companheiro e tal era o atrevimento agora dos selvagens que os trazia até quasi á porta de suas choupanas.

Assim, foi marcada para certa madrugada a partida do Tejuco. Presos os animaes aos moirões, proximo ás casas, tudo se dispoz para a viagem.

Os forasteiros contemplavam tristes o ultimo pôr do sol naquellas paragens que, o coração partido, abandonavam; para sempre? — não sabiam por certo, no fundo das almas ambiciosas e tenazes havia ainda a esperança de uma nova tentativa, passados tempos, quando talvez aquella

tribu feroz e indomavel houvesse abandonado tambem o lugar do seu acampamento.

Entretanto, elles conheciam a historia da arvore sagrada e para ella lançavam olhares impotentes, contemplando, com surda raiva, mal soffreada no intimo do peito, a vigorosa estructura herculea que se desenhava, nitida e altiva, no mais elevado da montanha, sobre o horizonte vermelho de um crepusculo esplendido.

E a arvore lá estava, phantastica e magnifica, amparando sobre a galhada possante a cabelleira enorme, emmaranhada de lianas e parasitas que lhe enredavam as frondes, inclinada para a amplidão dos campos, como que indicando aos forasteiros pensativos o caminho que deviam seguir.

O dia agonisava, triste na luz suave das tardes estivaes que enchia a paisagem magnifica da melancolia saudosa dos crepusculos. De um lado do horizonte, porém, negras nuvens se tinham accumulado e a perspectiva de um temporal desolou o animo dos viajantes, dos fugitivos quasi. Em pouco, cresceu sobre o céu alto a borrasca imminent e a noite fechou-se súbita, numa invasão repentina de trevas.

Recolheram-se os mineiros e, com os cuidados de sempre, fecharam-se cautelosamente portas e janellas.

A ventania perpassava zumbindo sobre o colmado das choupanas e, impetuosa, retorcia a ramagem do arvoredo com um arruido farfalhante.

A espaços, pelas frinhas das janellas, se percebia, do interior das casas, o clarão subitaneo dos relampagos e, instantes depois, ouvia-se o rolar atroador dos trovões.

Já grossos pingos dagua cahiam sobre a palha das habitações; em pouco era torrencial a chuva, em derredor das choupanas precipitava-se a agua desencadeada sobre a terra com um estardalhaço contínuo de cachoeira.

Desabava sobre o Tejucu um temporal desfeito, e os pobres forasteiros, atemorizados, receiamavam que o vento carregasse pelos ares a leve palha de suas pobres casas.

Acenderam-se, junto das lamparinas que alumiam a estampa da Virgem, as velas bentas, e todos as contemplavam taciturnos.

Subitamente, um formidavel clarão abriu-se no espaço e, logo após, estalou sobre o

povoado o estampido horrivel de um raio, cujo éco foi sendo repercutido, numa detonação medonha, de quebrada em quebrada.

Os exploradores sobresaltados prostraram-se por terra e, num impeto religioso, voltaram o pensamento para o Deus dos afflictos.

E, ouvia-se ainda a repercussão formidavel do raio que cahira, quando outro estrondo, horrivel tambem, porém acompanhado de um estalar longo e desesperado, qual um uivo de animal ferido, escutou-se do lado da serra e um barulho infernal, prolongado e crescente, como de uma pedreira que se precipitasse morro abaixo, inundou de pavor o valle e os arredores.

Contractos, os miseros habitantes do Tejuco batiam nos peitos os pulsos crispados.

— Santa Barbara, S. Jeronymo! Parece que o mundo vai se acabar.



III

O DIAMANTE

Ao outro dia, pela manhã, a tempestade tinha serenado.

O bandeirante que primeiro chegou á porta da choupana, contemplou demoradamente a devastação horrivel do temporal daquelle noite; viam-se innumeras arvores por terra; as aguas do correio avolumadas haviam transbordado do leito raso. E os seus olhos pousaram na serra fronteira e viram os vestigios recentes de um desmoronamento formidavel. A verde-negra tunica de matta, que revestia o dorso da montanha, estava escalavrada de alto a baixo. Um largo listão de barro vivo abria-se, do mais elevado da montanha até perder-se na planura do valle, onde jazia

um monte informe de galhadas e troncos espedaçados.

Então o bandeirante se apercebeu de que a arvore sagrada havia sido derrubada. Realmente ella já não ostentava, na eminencia do seu posto, a altivez gigantesca de sua estatura. O cedro secular, que por tantos annos zombara incolume da furia dos temporaes, fôra ferido e morto pela força sobrehumana do raio; a arvore santa já não existia mais. Do colosso, que dantes era, apenas restava agora, no fundo do valle, num leito improvisado de ramos de arvoredo, o cadaver de um tronco desgalhado.

O moço mineiro, sabedor da legenda que por aquelles arredores se attribuia á existencia do velho cedro abatido, correu a dar a nova aos companheiros que se foram despertando.

Encheu-se de alegria a alma dos exploradores que presentiram, no successo inesperado, a terminação repentina dos seus vexames e afflicções.

E a partida foi adiada por alguns dias a ver se realmente a queda da arvore trazia a desordem e o desbarato da tribu de que ella era a protectora mysteriosa e potente.

E esses dias, que se passaram, foram da mais completa calma. Nem signal dos selvagens se observou por longo tempo, e afinal os aventureiros, que haviam pouco a pouco tornado ao trabalho, foram cautelosamente se extendendo em explorações pelas cercanias do Tejucu, até que um dia, resolutos e audazes, emprehenderam uma visita á explanada em que outr'ora se erguia a grande arvore santa, lá conseguindo chegar sem o menor successo. E viram que alguns passos distante jazia o enorme aldeamento despovoado e em ruina.

Então, e como padrão da conquista que faziam daquella eminencia altiva, que por tantos annos dominou as terras vizinhas com a autoridade soberana de suas tradições legendarias, no mesmo local em que outr'ora se erguia o vulto cyclopico do cedro, elevaram simplesmente um cruzeiro tosco de enormes dimensões.

E desde ahí, sob a influencia moral daquelle symbolo, cujos grandes braços abertos pareciam estar convidando todos a que viessem e fossem bemvindos, começou de novo a florescer o abandonado arraial.

De toda a parte onde ia chegando a nova
extranya do mysterioso desapparecimento
do selvagem do Tejuco, ia affluindo para
as novas minas a flor dos exploradores
sertanejos.

Voltára ao povoado a animação dos seus
primeiros tempos. Novas casas foram con-
struidas; a pequena capella, que havia sido
deixada em abandono, foi restaurada e
novamente provida de um cura para os
serviços da religião.

Crescia o numero dos habitantes do
arraial e já agora, sem receio das desagra-
daveis surprezas que perturbaram a pri-
meira epoca de sua vida, improvisavam-se
nelle festividades e divertimentos. Faziam-
se cavalhadas e torneios, novenas e pro-
cessões.

A' noite, para matar o tempo, antes
que chegasse o somno, jogava-se por
toda a parte, nos avarandados das maiores
casas como no fundo torvo das senzallas
tristes.

Para esses jogos empregavam todos, á
guiza de tentos, umas pequenas pedras,
facetadas e claras, que, com certa abun-
dancia, eram encontradas no cascalho da
mineração.

Como fossem formosas e tivessem algum brilho, atravez do esverdeado limo que as revestia de leve, os escravos e as creanças as foram recolhendo e, em pouco tempo, não havia quem não tivesse guardado, por curiosidade, algumas daquellas pedrinhas exquisitas. Em varias casas mesmo, sobre as mesas das salas rusticas, serviam de ornato exemplares daquellas pedras, notáveis pelo tamanho.

Não se atribuia, porém, maior valor áquelles mineraes que não se guardavam senão porque eram bellos.

E assim, numa vida placida, sem historia, toda absorvida pelo trabalho incessante da mineração, o arraial viveu durante alguns annos. Suas jazidas auriferas não se cançavam, de modo que era continuo o progresso do povoado. E o Tejuco era já quasi uma villa pelo anno da graça de 1728.

*

Por esse tempo appareceu no arraial um frade da Irmandade da Terra Santa que, depois de haver percorrido varias regiões da India e da Palestina, fôra enviado

em missão de sua Ordem áquelles paizes onde havia tantos christãos, fartos de ouro.

O religioso, cujo nome a tradição não guardou, foi hospedado por Bernardo da Fonseca Lobo que foi buscal-o para sua casa logo que a noticia se espalhou da sua chegada.

Era Bernardo um homem obsequioso e activo. Proprietario de um sitio chamado dos Morrinhos, á margem do Caheté-Mirim, no Districto do Serro do Frio, e onde com muito proveito minerava com alguns camaradas, (8) o mineiro possuia no Tejuco uma pequena morada de taipa e telha, como então já as havia muitas no arraial.

E nella, com o possivel conforto, instalou o frade que foi desde logo cercado das considerações e homenagens que todos, por esses tempos ingenuos, porfiavam em tributar aos missionarios de Deus.

O frade humilde, penetrando na pequena sala do seu hospede, teve logo a attenção ferida pelas pequenas pedras luminosas

(8) *Relação* que acompanha uma carta de Martinho de Mendonça ao Conde de Sabugosa existente em original no Archivo do Instituto Historico (Codex—*Memoria n. 864*, pages. 391 a 405).

que a curiosidade do mineiro tinha recolhido do cascalho dos corregos. Além das de maior tamanho, que estavam sobre uma mesa, em uma pequena prateleira, que ornamentava a sala, havia um frasco de vidro, bojudo e cristalino, cheio daquelas pedrinhas, que serviam de teto para os jogos, quando o serão se fazia em casa de Bernardo, o que sucedia por vezes.

Cauto, sem despertar a curiosidade aos visitantes que, desde o primeiro momento, enchiam a sala de Bernardo, indo beijar um Santo Antônio, que estava sobre a mesa, observou o frade as pedras espalhadas em volta da imagem.

Seus olhos não se haviam enganado. As pedras que ali estavam eram diamantes, esplendidos, preciosos diamantes como tão claros e grandes não vira elle em Golconda, de onde vinha.

Outras pessoas entraram e durante a conversação que se estabeleceu, achou geito o humilde servo do Senhor de indirectamente colher informações sobre aquelles seixos, sabendo então que nenhum valor lhes era atribuido por aquellas cercanias. O religioso affectou curiosidade em contemplar as pedras de maior tamanho;

W_{hy} perguntou secndo o que seria facil obter outras, maiores ainda. E logo, varias pessoas foram as suas casas e trouxeram, para o frade ver, as pedrinhas que tinham guardadas, e por tal modo, era enorme a quantidade de diamantes que foi apresentada aos olhos cupidos do monge ambicioso.

— Não valem nada estas pedrinhas, disse, com fingida despreocupação. O Jordão sagrado e os demais rios que banham a Terra Santa tem os seus leitos e margens completamente forrados destas pedrinhas inuteis...

Dizendo isso, porém, seus olhos negros e fundos brilhavam com estranho fulgor e era com mãos tremulas de cubica que elle passava, sopesando-as disfarçadamente, de uma para outra mão, as pedras de maior volume.

— São perfeitamente iguaes ás pedras do fundo do Jordão, continuou. E lá as hão grandes que chegam a pesar arrobas... arrobas... são perfeitamente iguaes...

E passava os dedos crispados entre as centenas de pedras que tinha entre os joelhos, na dobra que fazia o pesado burel escuro de seu habito.

—Tenho no fundo do meu alforge, disse ainda, algumas das pedrinhas do Jordão, que carrego sempre commigo nas minhas peregrinações pelo mundo para que, mesmo andando longe, tenha sempre perto um pouco daquelle solo sagrado...

E dizendo isso, tomou na concha das mãos os diamantes que tinha no collo e os depositou sobre a mesa, junto da imagem do milagroso santo de Lisboa.

E não se fallou mais no caso.

Ao espirito ladino e desconfiado de Bernardo o incidente, porém, não deixou de causar certa impressão, e o esperto mineiro começou a observar o frade.

Percebeu que seus olhos não se cançavam de contemplar as pedras com disfarçada insistencia, e pareceu-lhe que o religioso estava preso de forte preocupação, desattento e abstracto, não tomando parte na conversa. O entretenimento se generalisou sobre os vexames que aos mineiros traziam as medidas de rigor tomadas pelo governo do Rei para fiscalisação da colheita do ouro e cobrança do pesado imposto do quinto.

— O ouro que a natureza nos deu, que, sem intervenção do trabalho dos homens

W~~e~~ muito ~~o~~ menos do Senhor Rei D. Pedro II, que lá vive pelo Portugal, coalha e atapeta o fundo dos rios, é muito nosso e não ha razão que me convença que, pelo esforço de o apanhar e juntar, deva eu pagar não sei quanto lá para o beatério de Lisboa...

Essa tirada de desabafo de um velho, de grandes barbas, que estava sentado no sofá ao lado do frade, o que de certo era signal de grande consideração, foi recebida com o agrado de todos os circumstantes.

— Muito boa duvida, obtemperou uma respeitavel matrona, que se ergueu para fallar; muito boa duvida, que se o bom Deus, que nos ouve, encheu de rico ouro os rios da Capitania foi que quiz fazer ricas suas criaturas, e não vexal-as e persegui-l-as. Se o Rei, nosso Senhor, tem suas precisões de dinheiro, que mande cá tambem apanhar do ouro, que nunca mineiro algum embargou que os outros mineirassesem tambem. Mas, isso de se aproveitar do trabalho dos naturaes, brada aos ceus...

E, dizendo isso, a matrona se sentou de novo.

— O que diz vossa reverendissima ao discurso da mulher? exclamou, dirigindo-se ao frade, o lisongeado esposo da oradora.

O religioso, porém, não acompanhara o fio da palestra; abstrato em torvas meditações, directamente interpellado pelo mineiro, limitou-se a voltar-lhe o rosto alterado, fazendo com a cabeça calva um rápido signal de aprovação.

Bernardo não perdia um movimento do frade, nem uma contracção do seu rosto queimado lhe escapou. Estava em brasas e tinha umas idéas vagas a lhe escaldar o espírito. Soube, porém, conter-se e não deu a menor demonstração das preocupações que o agitavam.

— Parece que sua reverendíssima precisa descansar, disse um dos visitantes.

E um signal afirmativo do frade deu o toque da partida. Em poucos instantes achavam-se sós, na pequena sala, o religioso e o hospede.

Aquelle desde logo disse que eram horas de fazer sua oração, e entrou para a alcova da sala que lhe haviam designado como seu aposento.

Bernardo despediu-se dele e, para deixar o frade em maior isolamento, fechou a propria porta da sala.

Logo que o frade se sentiu sosinho, voltou sobre os seus passos, acercou-se do

W ~~pequeno traste em que~~ estavam os diamantes e começou, com trefega anciedade, a tomal-os na concha das mãos, medindo o peso de uns e de outros, passando-os em porção de uma para outra mão, olhando contra a luz atravez dos de maior volume. Faiscavam os pequeninos olhos do ambicioso monge, que não tinha forças para se afastar da mesa onde estava contemplando aquelle thesouro opulento que já considerava seu.

Bernardo, que, curioso, rondava por perto da porta, que por malicia fechara, presen-
tiu que o frade voltára para sala e, atten-
tando ao menor rumor, adivinhou que elle
estava tocando nas pequenas pedras do rio.

Não resistiu á curiosidade o descon-
fiado mineiro ; metteu o olhar por uma
frincha e conseguiu contemplar a scena
extraordinaria por largo espaço de tempo.

Para seu espirito já agora não havia du-
vida: aquelles seixos tinham valor, pois,
se nada valessem e fossem inuteis, como
apregoava o religioso, não os teria este
tomado em tanta monta.

Que pedras seriam, porém, o mineiro não
sabia. E elle ainda não ousava crer que
fossem diamantes, verdadeiros, puros dia-

mantes. Mas que tinham valor provava-o a attitude inilludivel do frade, representando naquelle instante a postura classica do avarento na contemplação occulta dos thesouros que esconde.

Bernardo não pôde por mais tempo supportar aquelle espectaculo que lhe fazia mal aos nervos. Fez um pequeno ruidô junto á porta e o frade largou subitamente os diamantes sobre a mesa e precipitou-se pelo quarto a dentro.

O mineiro então entrou na sala e viu, pela porta meio aberta da alcova, o vulto do religioso, joelhos em terra, a cabeça austera reclinada sobre as mãos postas na borda do alto leito de talha...

Sem maior novidade passou a tarde e veiu a noite. Depois da céa que foi farta em homenagem ao veneravel visitante do Tejuco, o frade recolheu-se ao seu aposento e o silencio das cousas que dormem cahiu sobre a modesta vivenda de Bernardo da Fonseca Lobo.

Logo pela manhã foi o mineiro ao quarto do religioso, saber elle mesmo o que dessejava o santo homem.

E com surpresa viu que o leito estava vasio e a alcova deserta. Ferido de uma

W
idea subita, o attonito moço dirigiu-se á porta da sala que abre para a rua, e a porta cedeu ao impulso de suas mãos; pela claridade que inundou o aposento o mineiro viu que as pequenas pedras, que estavam sobre a mesa, lá não se achavam mais; olhou para a prateleira, que tinha na parede, e viu que tambem o seu frasco de tentos de jogo ja lá não estava mais.

Era pois certo o que pensara; o frade havia fugido, levando comsigo as pedras que dissera inuteis e sem valor.

O moço cuja ambição havia sido despertada pela suspeita de que aquellas pedrinhas tivessem grande valor, deixou-se cahir prostrado sobre uma cadeira, sentindo-se roubado.

Certamente, para que a posse daquelles mineraes valesse um crime e, sobretudo, por parte de um homem acostumado á parca frugalidade da vida monastica e que houvera feito voto de pobreza, era preciso que o seu preço fosse enorme. E assim pensando, Bernardo, quasi allucinado, comprehendeu que, desasisado e imprevidente, deixára escapar das mãos a fortuna, o fausto, a opulencia.

~~Lembra~~ - ~~lhe~~ - ~~que~~ - ~~desde~~ 1721 se apercebera da existencia dos pequenos seixos brilhantes nas suas lavras do Caethé-Mirim.

Por esse tempo Francisco Teixeira, seu camarada e natural do Porto, mas criado na Bahia, bateando no corrego dos Morrinhos (9) apanhara um « crystal muito bonito » que dera a Bernardo na suposição de que era um diamante. Posteriormente, outros e outros crystaes desses apareceram e Bernardo, a mãos largas, os enviou, por curiosidade, ao Dr. Antonio Rodrigues Banha, então Ouvidor Geral da Villa do Principe e depois ao seu successor, Dr. Antonio Ferreira do Valle e Mello, remettendo tambem amostras a D. Lourenço de Almeida, Governador da Capitania. (10)

Desperdiçara pois, o mineiro a fortuna que o acaso lhe puzera no caminho. Sem dar jámais valor aos seixos, que tão abundantes eram nas suas lavras de ouro,

(9) ...entraram a aparecer diamantes nas vertentes dos *Moinhos* que desaguam no rio Pinheiro, para a parte do poente do Tejuco. (*Do descobrimento dos Diamantes, etc., Manus. da B. Nac.*, pag. 1).

(10) Petição de Bernardo a El-Rey. (*Rev. do Arch. Min.* 2, 2, 271); *Ms. do Inst. Hist.* citado.

www.perdidaobonanza.com.br

perdera Libbo o ensejo propicio e sem igual
de se tornar o mais opulento dos mortaes.

Era tarde agora para começar a empreza.
Se bem que os outros, tão imprudentes
como elle, não houvessem tambem ligado
importancia aos pequenos seixos dos rios,
era certo que agora, com a fuga do frade,
que logo se tornaria notoria, desperta a
curiosidade natural dos povos do Tejuco,
se divulgasse o inestimavel valor das
pequeninas pedras.

E elle se achava assim, na mesma situa-
ção que os demais habitantes de Tejuco,
quando o destino lhe havia proporcionado
o ensejo, que não soubera aproveitar, de
ter sido, por muitos annos, o feliz e unico
segador da preciosa mésse.

Acabrunhado com esses pensamentos
torvos, ferido profundamente nos seus sen-
timentos egoisticos, longos minutos dei-
xou-se ficar Bernardo na estatelada postura
em que a surpreza o lançára.

Tinha agora a certeza que aquellas pedras
eram diamantes. Só o diamante teria tal
valor que por aquella fórmá pudesse ter
mudado o espirito disciplinado do religioso.

E estorcendo-se no leito de Procusto
que a cubiça lhe estendia, pensava, com

desespero. www.110001.com.cn desde muito já devera ter percebido que aquelles seixos eram diamantes. Aquelle forma, aquelle brilho, aquella resistencia, tudo estava indicando o que aquillo era, e sómente elles, ingenuos e inexpertos mineiros, é que não adivinhariam logo o enorme valor que ali estava rolando ao alcance de suas mãos.

Cumpria, porém, tomar uma resolução, ganhar em astucia o que desperdiçara em imprevidencia, tirar qualquer proveito da situação, não desperdiçando de todo aquelle inapreciavel presente do destino.

E assim, perdeu-se Bernardo em longa meditação até que uma idéa subita lhe atravesou o pensamento e com tal violencia o abalou que elle, erguendo-se do assento, começou a passeiar, agitado, de um para outro canto da sala.

Andou preocupado e absorvido em profundas cogitações durante alguns dias.

Afinal, uma resolução amadureceu-lhe no espirito. Preveniu os parentes e amigos que ia emprehender uma viagem á Villa Rica, aprestou-se para ella e, certa manhã, montando a besta viageira, poz-se a caminho.

www.libtool.com.cn



IV

O ARAUTO

Pouco depois de haver chegado ao Tejuco a noticia de que Bernardo da Fonseca Lobo atravessára os mares e fôra, em pessoa, aos paços do Rei, já então D. João V, pleitear os direitos de precedencia na descoberta e denunciaçâo do diamante nas lavras de ouro do Serro do Frio, a vida calma do florescente arraial foi alvorocada por um successo que veiu encher de desespero o animo dos pacatos habitantes.

A esse tempo não era o Tejuco a povoação primitiva que vimos surgir e crescer.

Já tinha o aspecto de uma pequena cidade.

Casas de taipa e cobertas de telha haviam pouco a pouco substituido as

www.libtool.com.cn
palhoças e colmados dos primeiros tempos, e a desprovida capellinha de Santo Antonio era agora uma igreja, pequena, mas apparelhada decentemente para todas as necessidades do culto.

Doce e patriarchal corria a existencia dos povoadores do arraial. Si bem que a população crescesse diariamente, dissensões não se estabeleceram, de rixas e inimizades não se conservou lembrança.

Quem, para essas paragens remotas, transportava os penates, ia de animo feito a só cuidar da lavra e, como o ouro não era escasso, e antes chegava para todos, não havia motivo senão para que todos andassem contentes comsigo e com os outros.

Sem as exigencias importunas da civilisacão, sem se preocuparem com a procura absorvente dos meios normaes da subsistencia, era completamente feliz o povo que habitava o Tejucó, cuja terra era fertil, cuja matta era abundante de caça e fructa.

E agora, alem do ouro por cuja abundancia prodigiosa aquelles sertões já tinham fama universal, a descoberta dos diamantes vinha augmentar consideravelmente a importancia do arraial.

E certo que desde muito se olhava com alguma preocupação para os pequenos cristaes apanhados nos corregos do distrito. Jamais, porém, se acreditou que fossem verdadeiros e custosos diamantes, se bem houvesse notícia de alguns a que se ligava certa estimação.

Já em 1714 (11) uma tal Violante de Souza entregando-se, por ociosidade, a quebrar alguns cristaes e seixos que o marido, Francisco Machado da Silva, colhera em suas lavras de S. Pedro, no morro do Machado, também chamado do Pinheiro, «achou acaso uma pedrinha muito clara e dura que guardou e a deu o dito Francisco Machado a Luiz Botelho de Queiroz quando, naquelle anno, veiu fazer vida no Serro do Frio.» (12)

(11) Citada *Relação* de Martinho de Mendonça.

(12) Luiz Botelho de Queiroz era desembargador; sendo Ouvidor da cidade do Rio de Janeiro foi mandado a servir em Sabará, de que foi o terceiro Ouvidor, e se lhe mandou dar 600\$000 por anno, além dos seus emolumentos, autorizando-se a que os cobrasse dobrados, com a obrigação de governar também o Serro do Frio. Tudo consta da ordem Régia de 6 de Abril de 1713. Tomou posse a 12 de Outubro do dito anno. (*Mem. Hist. da Capit.*, *Ms. da B. Nac., Rev. do Arch. Mineiro*, 2, 3, 449).

W~~O~~ mesmo Machado, pouco tempo depois lavrando no corrego do Mosquito, encontrara outra pedrinha semelhante que deu a seu compadre José Leitão de Oya, que servia de tabellão, e que com ella presenteou D. Braz Balthazar da Silveira, então Governador Geral da Capitania de S. Paulo e Minas Geraes. (13)

E tambem, por esse tempo, ao capitão de dragões José de Almeida de Vasconcellos foi dada outra pedrinha igual que, lapidada, se achou valer 24 mil cruzados. (14)

Vieram depois destes os achados de Bernardo da Fonseca Lobo no seu sitio dos Morrinhos e a descoberta de Sylvestre Garcia do Amaral. Este, tendo ido, pelo anno de 1727, á comarca do Serro do Frio a serviço militar do Governador, Conde de Assumar, e como houvesse sido lapidario, verificou serem diamantes as pedrinhas que lhes mostraram como de frequente achado, pelo que pretendeu posteriormente haver, da regia liberalidade,

(13) Citada *Relação de Martinho de Mendonça*.

(14) Citada *Relação de Martinho de Mendonça*.

recompensas em prejuizo dos direitos que
www.libtool.com.cn acreditava ter Fonseca Lobo. (15)

Apezar de todos estes precedentes, porém, absorvidos como se achavam os povos do Tejuco na proveitosa e remuneradora mineração do ouro, não se aperceberam daquella outra maior riqueza que tantas circumstâncias deviam já ter assignalado a espíritos menos ingenuos.

O certo é que só depois da fuga do frade, levando consigo quantas pedrinhas encontrou em casa de Bernardo, é que se esclareceu a verdade aos povos do distrito. (16)

(15) Petição de Sylvestre (*Rev. do Arch. Mineiro*, 2, 2, 274 e seguintes).

(16) Sobre a descoberta dos diamantes dir. Pizarro, (*Memórias Historicas*, tomo 8, parte 2^a, pag. 143, Rio de Janeiro, 1822) — «Desse manancial de riquezas (o rio Jequitinhonha) dimanam os diamantes que, achados por Bernardo da Fonseca Lobo, foram manifestados por certo Ouvidor da Província, que tendo vivido em Gôa, onde adquirira conhecimento dessas pedras vindas de Golconda, as fez conhecer alli.»

José de Rezende Costa (*Memória Historica sobre os diamantes, seu descobrimento etc.*, Rio de Janeiro, 1836; pag. 4) escreve: — «... sendo conhecidos e dados (os diamantes) a manifesto pelo Ouvidor da Villa do Príncipe que servira em Gôa e os conhecia pelas pedras vindas de Golconda.»

www.libtool.com.cn*

Quando se firmou a certeza de que eram preciosos diamantes os pequenos tentos de jogar, mal se espalhou a nova do feliz sucesso, accentuou-se consideravel augmento na populaçāo do Tejucu. De toda parte mineiros e forasteiros buscaram estabelecer-se ali e arrematar as datas auriferas da comarca do Serro do Frio, nas proximidades do fecundissimo arraial.

Antonio Vaz Pinto (*Coração de Ferro*, Rio de Janeiro, 1878, nota á pag. 18 do 2º volume) registra a mesma tradição.

No *Msc.* da B. Nac. (*Cod. 40-8, moderno*) *Do descobrimento dos diamantes, etc.* (á pag. 1) se lê: « Da cubiça com que no fim do anno 1728 os procuravam (os diamantes), resultou a desconfiança em muita gente de que as pedras só se procuravam por preciosas e que sendo-o só podiam ser diamantes. Esta desconfiança fez passar a Lisboa um morador do Serro do Frio, chamado Bernardo da Sílva (?) Lobo com algumas pedras, etc. »

Nas *Ephemeridas Mineiras* (vol. 3, pag. 131) diz Veiga: « Bernardo da Fonseca Lobo foi quem fez a descoberta dos diamantes, segundo o parecer de varios chronistas: outros opinam, talvez com melhor fundamento, que foi elle somente quem primeiro deu noticia do descobrimento. Ha tradição que um frade se achava no arraial do Tejucu (actual cidade Diamantina) e que antes estivera em Golconda, vendendo os tentos de que se serviam os tejuquenses para marcas de jogo, conheceu que eram elles diamantes; e que, ouvindo isto ao frade, Bernardo apressou-se em partir para Portugal, levando ao Rei a noticia do sorprendente achado, etc. »

Tejuco em pouco tempo se transformou num populoso centro; fervilhava nas ruas multidão de gente vinda de todas as partes. De tudo havia fartura e na physiognomia dos possuidores ou arrematantes de terras mineraes transparecia o enorme contentamento que lhes transbordava da alma.

Não suspeitavam os infelizes que funesta era a estrella do Tejuco, e que á povoação, que já tivera dias de bem triste lucto, não consentia o fado dias alegres que não fossem passageiros, ventura que não fosse ephemera.

E, nessa enganosa despreocupação em que viviam, veiu surprehender-lhes um grave acontecimento.

Era um risonho domingo de festas. Regorgitava em frente á igreja extraordinaria reunião de fieis.

A missa havia terminado e numerosos grupos se tinham deixado ficar á sombra das copadas gameleiras, que vicejavam no adro da pequena igreja. Pretas velhas, com taboleiros de doces e beijús, encareciam á alegre freguezia a qualidade superior de seus saborosos rebuçados, e em volta das mercadoras loquazes fervilhavam

bulhentos enxames de mineiros endominados. Tinham sahido á rua os melhores fatos, os gibões dos dias de gala, os chales e lenços de vistosas cores; e o conjunto daquellea improvisada feira, folgazã e expansiva, denunciava a alegria feliz daquellas gentes despreoccupadas e ingenuas.

Ao fundo, meio occulta pela ramaria verdejante das arvores, enchia a scena a fachada branca da igreja de cuja porta principal pendia um largo reposteiro rubro, que balançava ao vento. No alto da unica torre, encimada por um ponteagudo capuz de telhas da terra, ainda bimbabilhava festivamente o sino grande, e, por sobre a igreja, a collina, o arraial, o valle, estendia-se, placida e soberana, a vastidão interminavel do espaço, em cujo fundo azul rolavam surdamente enormes frocos de nuvens argentadas.

A pequena igreja fóra construida na parte mais eminent do povoado.

Do pateo, que a enfrentava, descontinava-se o panorama risonho do Tejucu; os renques de casinhas brancas ao longo das ruas irregulares, as fitas tortuosas do rio e dos corregos a cujas margens se

erguiam os ranchos para recolher cascalho e onde se installaram os primitivos engenhos de apuração do ouro.

Do ensombrado pateo da igrejinha descia para o centro do povoado, em ladeira suave, larga rua onde se viam de um lado e de outro as melhores casas do Tejuco. Por ella partiam agora os mineiros que haviam assistido á festa que terminava.

E em tal momento começou a fazer-se ouvir um estranho rumor semelhante a um rufo marcial de tambores, ao longe.

Surprezos ficarão todos; grupos se foram constituindo e nelles, com curiosidade, se inqueria e escogitava o que poderia ser aquelle rumor que não cessava e antes crescia e se aproximava cada vez mais.

Não restava duvida que era o rufar continuo de um tambor; mas o que aquillo poderia significar ninguem atinava certamente. Das casas mais proximas á igreja iam chegando ás janellas e portas pessoas que andavam pelo interior, atraidas pelo inexplicavel sucesso.

Do adro da igreja distinguia-se agora bem, a meio da comprida rua, um pequeno grupo de algumas pessoas de onde partia o compassado rufar, e atraç desse

W~~o~~ grupo libertado pela curiosidade do estranho caso, vinha a onda do povo, engrossada cada vez mais pelos curiosos que de todos os lados vinham chegando.

O grupo se dirigia visivelmente para a igreja, e no pateo, em frente á rua, se foram concentrando todos os que ahi se achavam e mais os que iam galgando a collina.

Quedos e oppressos esperavam todos a chegada do original cortejo, e nenhuma palavra mais foi pronunciada depois que o grupo se aproximou, ao continuo rufar violento do tambor.

Por entre as alas do povo sobresaltado, o estranho grupo chegou á porta principal do templo. Eram apenas cinco pessoas: —dois dragões do destacamento do Tejuco, um meirinho do senhor Ouvidor Geral da Villa do Principe, a cuja jurisdição e termo pertencia o arraial, um gordo latagão que rufava o tambor e um sujeito original, alto e anguloso, trajando uma vestimenta exquisita, ajustada ao corpo e listrada a duas cores, da cabeça aos pés.

O meirinho do senhor Ouvidor trazia um alto tamborete que, a um aceno da

~~extraña figura de vestes listradas, arreiou~~
em frente á porta principal da igreja.

Nesse tamborete encarapitou-se o homem, sacando do peitilho da veste um rolo atado de papeis amarelentos.

O do tambor, empertigado ao lado do original comparsa, rufava sempre, sem cessar, automaticamente, a caixa ensurdecedora; mas, a um gesto do pregoeiro o rufo cessou e mais aguda se tornou a curiosidade dos tejuquenses que, silenciosos, se aproximaram dos recem vindos.

O pregoeiro desenrolou descançadamente os papeis que trazia e, delles destacando uma longa folha manuscripta de um só lado, se dispôz a lel-a, tendo armado no enorme nariz uns grossos oculos de osso e circumvagado a vista por aquelle tumultuar de cabeças que o envolvia.

Reinava entre os circumstantes attentos um silencio mortal.

E a voz cavernosa do arauto começou pausadamente a leitura do prego, cujas frases destacadas foram sendo ouvidas por todos em meio do assombro crescente.

Terminada a leitura o pregoeiro, de um salto, desceu do tamborete e, servindo-se de laminas escarlates de obreia, que o

meirinho lhe dera, grudou em uma das portas lateraes da igreja o proprio papel que havia lido.

Feita essa ceremonia, sem dizer palavra, dirigi com a cabeça e o corpo um rasgado cumprimento á turba e, na frente dos companheiros com quem viera, desceu na direcção dô 'povoado.

Graves e tremendas haviam sido, certamente, as cousas que o arauto publicara, a julgar-se pela impressão profunda e dolorosa que causaram no animo do vasto auditorio. Os mineiros entreolharam-se attonitos. Não sabiam o que pensar, chegaram mesmo alguns a suspeitar da authenticidade do caso. Talvez gracejo de algum companheiro espirituoso que se quizesse divertir a custa da ingenuidade simples dos outros. Estes mesmos, porém, os menos credulos, acercavam-se do edital e, contemplando, sobre a portada verde-escura, a longa folha branca, a austeridade muda daquellas rabiscas alinhadas, a assignatura carrancuda do Ouvidor Geral, destacada, numa linha menor, na parte inferior, o relevo autoritario das armas do Rei, marcadas a um canto, numa rodella vermelha de obreia, esses mesmos iam

sendo reduzidos e dominados á simples vista do tremendo papel, tal o respeito e o pavor que tudo aquillo infundia.

Aquelles que sabiam ler, liam e reliam, em voz alta, o estranho documento, e, por mais que as claras e terminantes expressões delle fossem ouvidas e entendidas, do que elles queriam dizer jámais se julgavam compenetrados os desgraçados moradores da terra.

Logo se espalhou pelo arraial a estranha nova, e ninguem se poude furtar á necessidade de ir ver, com os proprios olhos, de certificar-se em pessoa do fatal successo.

Homens e velhos, negros e brancos, toda a variada e desigual populaçāo do Tejuco, correu ás portas do templo; e todos, um a um, foram lendo, ou ouvindo ler, o formidando decreto.

O edital do Ouvidor Geral publicava o seguinte bando :

« D. Lourenço de Almeida, do Conselho de S. M., a quem Deus guarde, Governador e Capitão-General da Capitania das Minas-Geraes, etc.

Faço saber aos que este meu Bando virem que, porquanto tenho notícias que em varios ribeiros e rios da

Comarca do Serro do Frio tem
apparecido e vão apparecendo umas
pedrinhas brancas que se entendem
serem diamantes e muitas pessoas
da dita Comarca vão pedindo e tem
pedido ao guarda-Mór cartas de da-
tas nos taes ribeiros e rios para o
effeito de nelles tirarem ouro. as
quaes se lhes tem passado na forma
do Regimento: e porquanto tenho
dado conta a S. M., a quem Deus
guarde, do descobrimento destas
ditas pedras remettendo-lhe as
amostras, o que tambem tem feito
o Doutor Ouvidor Geral Antonio
Pereira do Valle e Mello, e estamos
esperando a resolução do dito Se-
nhor para se dar a execução a que
fôr servido mandar. e as ditas car-
tas não podem ter validade nenhuma
por serem somente passadas para
com ellas se tirar ouro, que é o para
que S. M. manda passar na forma
do seu Regimento, o Doutor Ouvi-
dor Geral mandará ao guarda-Mór
que se abstenha de dar mais nenhuma
carta de datas até a chegada da
resolução do dito Senhor e mandará

notificar a todas as pessoas que tem tirado cartas de datas nos taes ribeiros e rios que tenham entendido que as taes cartas de datas nos taes ribeiros e rios são nullas e de nenhum vigor todas as vezes que S. M. for servido mandar alguma ordem sobre o descobrimento destas pedras e servirem de prejuizo a Sua Real Fazenda as cartas de datas que estiverem tiradas; porque o guarda-Mór somente as poderia conceder para se tirar ouro e não para os lugares onde se tirem juntamente Diamantes, por não ter para isso jurisdicção. E esta portaria se registrará nos livros da guarda-Moria e superintendencia e a mandará o dito Ouvidor Geral fazer publicar a todos mandando fixar os treslados della em partes publicas. Villa-Rica, em 2 de Dezembro de 1729. D. Lourenço de Almeida. (17)

(17) Encontramos a integra desta portaria em um *manuscripto* da B. Nac., in folio de 287 paginas, sem data, nem assignatura, denominado — *Do descobrimento dos diamantes e diferentes methodos que se tem praticado na extracção*, e já citado em *notas* anteriores. Vai a narração do *Ms.*, mais technica e estatistica do que historica e

Compenetrados finalmente da verdade do edital que estavam lendo, os tejuquenses se aperceberam da incerteza em que subitamente foram lançadas as suas mais risonhas perspectivas de fortuna. Essas tristes declarações do edital não eram senão as messageiras da desgraça proxima.

E não se enganava, desta vez, a dolorosa previsão dos mineiros. Não reconhecendo a legitimidade da exploração dos diamantes, a portaria de 2 de Dezembro foi a sentença de morte fulminada contra os povos do Tejucu.

episódica, até 1788, e traz uma importante colecção de documentos e actos do governo.

Joaquim Felício, nas *Memórias do Distr. Diamant.*, pag 21, apenas transcreveu um trecho da portaria de que não refere a data e, na *Açayaca* (pag. 110 da edição de 1895), insere o texto de um bando com data de 2 de Novembro (Dezembro?) de 1729, inteiramente diverso e cujo texto declara, em nota, não ter encontrado no arquivo da extinta administração diamantina. Tal bando não vem na colecção do cit. *Ms.*, pelo que talvez seja phantasiado.

A portaria que transcrevemos foi, porém, incontestavelmente o primeiro acto oficial sobre a extração dos diamantes; não só é o primeiro que se encontra na colecção citada, como também no antiquíssimo *Ms.* já citado, existente em original no Instituto Histórico se lê: — «em data de 2 de Desembro de 1729 se passou a portaria primeira dos diamantes *declarando nullas as cartas de datas do Guarda-Mór.*» Igualmente a dá como primeira José de Resende Costa, nas *Memórias Históricas sobre os diamantes e sua descoberta*, já citadas.



V

A VIDA NO TEJUCO

Estava marcada para o Tejuco o inicio de nova era de calamidades, e que, desta vez, deveriam atormental-o por espaço maior de um seculo.

Era senhor de Portugal, então poderoso reino colonial, um principe degenerado, affeito ás incontinencias excessivas da beatice e da sensualidade.

Para o desperdicio do governo desregrado de D. João V, já não bastava o que rendia a porcentagem do ouro. Era preciso mais ainda. E assim, foi momento de intenso gaudio aquelle em que, desfeita a passageira illusão das esmeraldas, teve certeza o Rei de que a prodigiosa terra do

Brasil, também guardava, no seio uberto, opulentas jazidas diamantinas.

O Rei mandou que os conegos da Sé patriarchal rezassem, com pompa nunca vista, uma novena em intenção da alma de Pedr'Alvares, o subdito benemerito, e houve por bem recommendado que, sem detença, todas as medidas de rigor e cautela fossem tomadas no intuito de fazer lucrar o mais possível, com as novas descobertas, o seu depauperado erario.

Ao fiel denunciador das terras diamantinas, por acto de 26 de Fevereiro de 1734, após consulta do Conselho Ultramarino, fez-se mercê do posto de capitão-mór da Villa do Príncipe em sua vida, da propriedade do officio de tabellião da mesma villa e de cem mil réis de tença effectiva para suas irmãs Maria e Margarida Nunes Machado, além de dous habitos de Christo para os maridos com que viessem a casar. (18)

Toda essa honraria, bem de certo, não correspondeu ao premio de que o ambicioso moço julgava ter-se feito credor da

(18) A íntegra da régia resolução está na *Rev. do Arch. Mineiro*, 2, 2, 273.

real munificencia e cuja perspectiva louca
lhe tresvariara o espirito desde o primeiro
momento em que lhe atravessou a mente
o tenebroso plano.

Vê-se, pelo teor da sua petição ao Rei, que elle pretendia ainda, além das graças que effectivamente obteve, — as mercês do fôro de Fidalgo da Casa Real, da Superintendencia geral das minas do Serro do Frio e da Alcaydaria-Mór do mesmo Distrito. (19)

Antes, porém, de attender ás solicitações do descobridor, logo que se teve certeza do descobrimento, sem perda de tempo, começaram os ministros na faina de curar dos interesses superiores da Real Fazenda.

Foi o Dr. Antonio Xavier de Souza que, tendo partido por esse tempo do Tejucu para o Reino, aconselhou que «se coarctasse a extracção dos diamantes para evitar a decadencia da sua estimação.» (20)

Aceito o alvitre, ordens positivas e rigorosas foram expedidas para a colonia e

(19) *Rev. do Arch. Min.* cit. 272.

(20) Cit. *Relação de Martinho de Mendonça*.

~~W~~ a ~~repercussão dolorosa e acabrunhadora~~ desses actos violentos não tardou a se fazer sentir no condemnado arraial.

A' publicação do bando de 2 de Dezembro sucedeu geral consternação no espirito publico. Com um regimento provisorio expedido pelo Governador, começoa a mineração dos diamantes pagando-se a capitação de 5\$ para cada trabalhador nas lavras.

Trabalhavam, porém, os mineiros sob a ameaça do edital, de se verem, de um momento para outro, despojados de suas terras, expoliados de sua fazenda.

E não tardou muito que se convertesse em dura realidade a triste perspectiva.

No mesmo lugar, e com a mesma apparatosa solemnidade da publicação da primeira portaria, foi publicado o Bando do Governador de 7 de Janeiro de 1732 para satisfação da Carta Regia de 16 de Março do anno anterior. (21)

Pelo novo decreto se ordenava ao Ouvidor Geral da Villa do Principe « o despejo

(21) Joaquim Felicio, nas *Mem. do Distr. Diam.* (pag. 24) refere-se a este decreto, cuja integra não dá, como sendo de 26 de Março. O teor do bando do Governador, contendo a Carta Regia, se encontra na collecção do cit. *Ms.* da B. Nacional.

immediato das lavras diamantinas de toda a pessoa, de qualquer condição que fosse, que nellas minerasse, embora ahi tivesse habitação e familia estabelecida, sob pena de dez annos de degredo para Angola e confisco de todos os bens para a Real Fazenda; pena esta que deveria ser imposta não só aos que logo não obedecessem, como a quem tirasse ainda um só diamante; e sem que pudessem allegar que mineravam ouro e não diamante; da mesma forma seria confiscado para a Fazenda Real todo o Negro, ainda que captivo, que se achasse fiscando em qualquer dos taes rios e ribeiros, sem que seus senhores pudessem allegar que andavam fugidos ou sem suas licenças. »

E para assegurar o geral conhecimento destas ordens tão vexatorias e violentas assim terminava o decreto:

« E para que venha á noticia de todos, mando que este meu Bando se publique ao som de caixas na Comarca do Serro do Frio e partes mais publicas della, que tambem se publique nesta Villa, como cabeça de todas as Minas, para que não haja pessoa que possa allegar ignorancia da ordem que El-Rey, Nossa Senhor, é

servido mandar e se registrará nos Livros da Comarca e Ouvidoria geral desta Villa, affixando-se nas partes mais publicas da Comarca do Serro do Frio. »

E assim, por esse acto prepotente, foram impedidas todas as lavras, cassadas todas as anteriores concessões de datas mineraes legalmente arrematadas, a titulo oneroso, na conformidade do Regimento.

Apenas se permitiu a extracção no Ribeirão do Inferno e no Jequitinhonha, cujas lavras, divididas em lotes, deveriam ser arrematadas em praça por quem mais offerecesse, não podendo ser aceito lance menor de 60\$000 annuaes por braça quadrada.

Perplexos ante o excessivo rigor desse novo regimen, os povos do Tejuco se deixaram timidamente espoliar.

Contra a fatalidade brutal dessas resoluções não havia remedio ; era mister curvar a cerviz, com submissão e humildade, que maior desgraça era por certo o desterro para as plagas assassinas da Africa e o confisco dos primeiros haveres accumulados.

Não durou muito, porém, a perturbação e o desanimo que o edital apregoado lançou no espirito popular. A execução pura

e simples do que elle determinava era a inacção absoluta, a improductividade voluntaria imposta ao fertil districto; e não era isso, bem de certo, o que desejava a Metropole. Auferir lucros, tanto quanto fosse possivel, mais do que fosse possivel, esse sim, era o problema; para chegar a taes resultados, porém, era preciso dar-se pleno desenvolvimento aos trabalhos de mineração, estimular-se, por todos os meios, a produção de modo que maior fosse a porcentagem do fisco.

E, em pouco tempo, as lavras foram desimpedidas. Isso, entretanto, bem pouco queria dizer porque, parallelamente, se estabeleceram as regras e praxes tendentes a assegurar a completa arrecadação da parte que o fisco para si tomava, a parte do leão, normas e praxes que constituem o complexo e vario regimen diamantino, tecido de iniquidades e torpezas que a oppressão e a prepotencia mais irracional jamais aprouveram ditar para vexame e miseria dos povos.

As lavras foram desimpedidas; para se poder minerar nellas, porém, era preciso disputar-se em publico leilão a data diamantina. Para essas arrematações foi

fixado um minimo de preço, já de si exorbitante e que tornava impossivel a concurrencia para a grande parte dos mineiros. E, além do preço da arrematação, pagava ainda o mineiro uma capitação por cada escravo que trabalhava nas lavras. Essa capitação que, em 1730, era de 50000, em 1 de Janeiro de 34 já era de 40000.

Crescia e avultava em proporção desesperada a gananciosa cubiça da fazenda real. Não attendendo já aos enormes proveitos que lhe advinham do barbaro regimen estabelecido, a imaginação dos ministros não parava de trabalhar, excogitando sempre os meios de fazer crescer ainda tão pingue colheita. Vieram ordens mandando separar, em todos os descobertos novos, 30 braças dos melhores terrenos para o fisco; vieram ordens para que se reservassem para o fisco todos os diamantes achados que pésassem mais de 20 quilates. (22) Foram despejados do

(22) Lei 24 de Desembro de 1734, é a data que se encontra no Ms. da B. Nac. e é a citada em Pizarro (*Mem. Hist.*, tomo 8º, parte 2º, pag. 147, nota 5). No *Índice da Provedoria de Fazenda*, existente, em manuscrito, no Arquivo Publico Nacional está, porém, registrada como de 22 de Desembro de 1731 uma lei, cujo ementa é do teor

distrito, sob pena, aos que não sahissem logo, de dous mezes de cadea, de duzentos açoites e de degredo, todos os pretos, mulatos e mulatas forros que se encontrassem na comarca, bem como todos os que não tinham uma occupação conhecida.

Aos frades e religiosos, que tambem buscavam beneficios para suas igrejas e confrarias, foi prohibida a entrada no Tejuco e demais povoações que o apparecimento do diamante tinha feito surgir na circumvisinhança. A fazenda real se arrecajava da concurrencia da igreja ou da esperteza dos frades...

As casas de negocio foram reduzidas ao menor numero e eram forçadas a fazer seu negocio, ostensivamente, tendo os balcões fóra das portas, aos olhos dos fiscaes.

Os contraventores dessas ordens terminantes eram punidos severamente e as

seguinte : — « Que os diamantes de peso de 20 quilates e dahi para cima sejam reservados para a Fazenda Real ; que premio hão de receber as pessoas que os entregarem ou denunciarem, sendo livres ou escravos ; em que penas incorrem as pessoas que os não entregarem ou extraviam ; dentro em que tempo o devem manifestar ou entregar para o pagarem pela Fazenda Real. »

vv pena b que se applicavam eram — açoite, para o escravo, degredo para Angola e confisco dos bens, para os livres.

E a metropole ainda não estava contente.

Novas ordens, novos rigores vieram ainda aggravar a situação dos mineiros a cuja existencia precaria maiores dificuldades se ajuntavam sempre.

O desenvolvimento, porém, que foi tendo a exploração dos diamantes, o crescimento rapido da população do Tejuco, apezar do apertado rigor com que eram applicadas as severas prescripções regimentaes, tornaram impossivel ao Ouvidor da Villa do Príncipe curar proficuamente dos negócios diamantinos.

Em tal conjunctura, foi, em 1734, creada a *Intendencia Geral dos Diamantes* com alçada para conhecer de todas as questões relativas á exploração diamantina e com autoridade discricionaria na repressão do commercio illicito. No cargo de Intendente foi provido Raphael Pires Pardinho, velho desembargador da Casa de Supplicação de Lisboa, cuja austeridade implacavel e inexcedivel zelo pela observância dos regulamentos garantiam o

funcionario preciso, para a obra deshumana que os Ministros do Rei haviam emprehendido.

Para tornar certo o limite da jurisdição do Intendente, foi mandado Martinho de Mendonça de Pina e de Proença a fazer a demarcação do districto, dentro do qual imperaria o regimento asperrimo.

« Esta demarcação formava quasi um circulo de quatorze leguas de diametro, e bojava em roda pouco mais ou menos quarenta e duas. Entenderam os primeiros que a demarcação era em utilidade do patrimonio regio, que tinham comprehendido nessa circumferencia todos os diamantes do Brasil ; porém a natureza ainda mais abundante os espalhou muito além dessas balisas ». (23)

E por essa razão, mais de uma vez se ampliaram os limites da primitiva demarcação, que, decretada por acto de 18 de Agosto de 1734, foi publicada por edital do Intendente Raphael Pardinho aos 27 de Dezembro do mesmo anno.

(23) Dr. José Vieira Couto, *Mem. sobre a Capit. de Minas Geraes*, na *Rev. do Inst. Hist.*, vol. 11 (4º da 2ª serie) pag. 293.

www.TribunaIntendencia.com séde no arraial do Tejuco que, se bem não fosse a villa e cabeça da comarca, onde assistia o Sr. Ouvidor, era certamente o centro e o coração do distrito.

Uma vez installado o novo apparelho do despotismo, nas malhas da devassa, sempre aberta, muito infeliz teve, com crueldade e injustiça, a sorte comprometida e a vida perturbada, e, por sobre tantas desgraças e iniquidades, a figura sinistra do velho Intendente pairava como o espetro abominável de uma peste devastadora e fatal.

As ruas irregulares do Tejuco, outr'ora pacato caminho de festas e procissões, eram agora percorridas pelas disparadas trefegas dos Dragões e galopins do destacamento e da Intendencia, e despertas continuamente pelo agoirento rufar das caixas do pregociro funesto.

Era sempre sob a oppressão de uma nova desgraça que o povo corria a ouvir a leitura dos pregões, no adro da igreja ou no pateo em frente á casa da Intendencia, Ia na dura certeza de que nova fatalidade ia ser junta a tantas que já o victimavam.

O paternal governo do Rei e Senhor não sabia senão crear novos onus e vexames novos, e isso era ainda muito de agradecer, porque, emfim, minerava-se e cada qual ia vivendo como Deus era servido. E' certo que de tempos a tempos corriam umas noticias tredas, segredava-se pelas rotulas que a mineração ia acabar e que era o proprio fisco quem vinha fazer, elle só, a extracção por sua conta; e um frio de pavor perpassava pelo animo dos povos timidos e escarmentados. Essas noticias, porém, não se tinham confirmado, e, enquanto a cousa não vinha, minerava-se. Satisfeitas as contas do Sr. Intendente dos diamantes, e andando-se muito direitinho com os bandoes e ordens do Sr. Governador, era a gente cuidar da vida que a fortuna era possivel que chegasse um dia.

Diamante havia que era um louvar a Deus. Não só no leito dos rios e correlos, como nas gupiáras, assim se donominando as ribanceiras altas, de alluvião, que margemiam rios, se encontrava o precioso cascalho onde o diamante é frequente. Para conhecer desde logo o lugar em que elle existe, bastava a simples inspecção do esmeril. O de formação aurifera era já muito

www.colhido daquellas gentes ; o diamantino era formado de umas pedrinhas pretas e lustrosas, muito lisas, oblongas e chatas. De envolta com esse cascalho, jaziam os preciosos *pingos de agua cristalizada*, como, já por esse tempo, os iam chamando pitorescamente os filhos da terra.

Para sua colheita serviam-se os faiascadores de *batêas* semelhantes ás que usavam para apuração do ouro: pequenas gamelas de madeira, redondas e afuniladas. Punham-lhes dentro o cascalho com agua e, dando-lhes certo movimento rotatorio, iam pouco a pouco fazendo sahir, juntamente com a agua, a parte mais leve do cascalho. A agua ia sendo renovada e o movimento sempre operado até que ficasse no fundo sómente a parte pesada do cascalho colhido onde apanhavam então os diamantes.

Juntamente com a *batêa*, de um outro instrumento se utilisava o mineiro, uma pequena enchada ponteaguda, mais pequena que as de uso commum, a que davam o nome de *almocafre* e com a qual apanhavam o cascalho sobre a *pissarra*, o lodo que forra os corregos.

Posteriormente outros methodos foram sendo adoptados, o serviço tomou feições

completamente diversas: este, porém, da batéa e do almocafre, foi o systema primitivo, o tradicional, o classico.

Assim se minerava e, apesar de tudo, o Tejuco crescia. Já não só dos povoados e terras vizinhas partiam os moradores para se fixar no fecundissimo torrão. Do Reino, de além dos mares, onde ia chegando noticia da abundancia daquelle solo privilegiado, partiam levas de povos, familias inteiras, que alli se iam estabelecer.

O arraial crescia. Fervia dentro delle uma população heterogenea que de todos os lados chegava e ahi se ia deixando permanecer, apesar da dureza do trato que lhes davam os empregados do Sr. Intendente dos Diamantes, o representante directo da autoridade do Rei na terra, não reconhecendo o poder da vara do Sr. Ouvidor da comarca, que jazia na Villa do Principe, e tratando quasi de igual para igual o Sr. Governador e Capitão General das Minas.

Frequentemente, para aquelles que contravinhiam as ordens apertadas, se fez sentir a mão pesada da justiça diamantina. Fosse quem fosse, tivesse os haveires que tivesse, o menos que lhe acontecia era o despejo immediato, irrevogavel

www.libtool.com.cn

e perpetuo, para fóra dos limites do distrito. E não havia que retrucar á decisão soberana.

O Sr. Intendente julgava sempre dentro de sua alçada e era ingenua temeridade atravessar os mares para fazer chegar uma timida queixa aos ouvidos moucos do Rei.

Mas, assim mesmo, com todos os horrores do regimen inaugurado e de continuo acrescido de novos apparelhos de vexame e oppressão, os povos procuravam o Tejuco e nelle se deixavam ficar.

De mez em mez, a desobriga do parocho da igreja de Santo Antonio accusava o augeamento da população. Os reditos da parochia attingiam a somma avultada e por certo sem igual em muitas leguas em torno.

Todos os dias eram descobertas novas jazidas e consequintemente ampliados os limites do Distrito diamantino que crescia á proporção que essas novas descobertas iam sendo assignaladas. Dessa forma, para os povos que iam chegando, ia sempre havendo lugar para o trabalho licto, que para o outro, o de contrabando, servia qualquer canto ou desvão.

Foi sempre a maior inclinação dos povos a de illudir e inutilisar a vigilancia e

sagacidade dos exactores do fisco. E no Tejuco, onde redobrava o esforço dos empregados do erario, era enorme o desvio de diamantes colhidos por quem não tinha competencia para o fazer. Os povos, porém, não queriam saber de interdicções e editaes. Sabiam que o diamante *pintava* no rio para quem o fosse faiscar, e faiscavam. Essa lei, elles a conheciam bem e a comprehendiam ; era a lei de Deus, era a da razão. Simplesmente, como assim não pensavam o Sr. Intendente e mais os dragões e mais os meirinhos, tratavam muito avisadamente de conciliar o caso, alliando o seu trabalho quieto á ignorancia completa das gentes da Intendencia.

O que olhos não vêm, coração não sente. E iam vivendo assim, em sobre-salto continuo e sempre de sobreaviso, porém contentes comsigo e confiantes na protecção do bom Deus.

Por essa fórmula o desenvolvimento que tomou o Tejuco foi tal que, ha quem diga, pelo anno de 1732, se computava em cerca de 40 mil o numero de seus habitantes. (24)

(24) *Do descob. dos diamant., etc.* Ms. do B. Nacional.

www.Este socorro relativo, porém, não devia durar. No Reino o diamante começava a aparecer em demazia. Era com elle que se saldavam as contas importantes do Rio de Janeiro e da Bahia, e isso fez despertar os conselheiros do Rei.

Não estavam sendo satisfatórios os resultados do regimen que engendraram: era preciso ver-se outro.

Havia ainda muita margem para arrecadação em beneficio do fisco.

Existia já no Tejuco muita gente abastada, e era preciso que se curasse primeiro de abastecer o Rei. Depois então os vassalos teriam tempo de pensar tambem nisso. O essencial, porém, era enriquecer o Rei.

As rendas e proventos do fisco não haviam attingido ás optimistas previsões dos financeiros reaes, e o diamante brasileiro por tal forma aparecia no mercado europeu que, a par da certeza de que o contrabando era grande, avultava o receio de que, pela abundancia, o valor do precioso mineral se tornasse reduzido e infimo.

Era preciso, pois, que se tomasse medida radical que puzesse termo a tão deploravel situação.

~~Providencias foram~~ tomadas e no dia 5 de Agosto de 1734, ao fatidico rufar das cai-xas marciaes, foi affixado e publicado, nos lugares do costume do infeliz povoado, o bando de 19 de Julho pelo qual se interdizia, sob as penas mais crueis, mineração de qualquer natureza no territorio do distrito. (25)

Tão somente, em homenagem e como satisfação ao direito dos mineiros que haviam pago pesados premios e impostos pelas datas que estavam explorando, generosamente se permittiu, e por acto de muito especial clemencia, que pudessem continuar a minerar até... o fim desse mesmo mez de Agosto.

Dahi por diante toda a mineração seria prohibida, mesmo a do ouro, mesmo em lugares onde jamais se houvesse descoberto um pequeno *olho de mosquito*.

Governava então a Capitania o famoso Conde de Galvães, André de Mello e Castro, e lembrar esse facto é assignalar a rigorosa intransigencia e deshumana crueldade com que as apertadas determinações da Corte foram postas em execução.

(25) Joaquim Felicio, *Mem. do Distr. Diam.*, cap. V., pag. 35.

www.Poiltodososmeios se queria despovoar a terra, tornar insupportavel, senão impossivel, a vida no Districto demarcado, afugentando assim os moradores, de forma que a gente do Rei pudesse, sosinha e sem cuidados, entregar-se á proveitosa lida.

Resava textualmente o bando: «Todo o escravo ou pessoa livre que for achado nos corregos, gupiáras ou lavras que forem de diamantes, com suspeita de que quer extrahil-os, serão presos: os escravos açoitados e vendidos, metade para o denunciante e metade para a Fazenda Real, e os homens livres pagarão cem mil réis de multa com dois mezes de prisão e serão exterminados da comarca».

Mais adiante o bando determinava: «outrosim mando que nenhum dos habitantes do dito districto possa ter batêa, almocafre, alavanca ou qualquer outro instrumento com que se possa minerar; e os lavradores só poderão ter os instrumentos precisos para a cultura».

E, estabelecidas essas terminantes proibições, expediu o Governador ao Intendente uma portaria que determinava:— «tomará em segredo quaesquer denunciações que forem dadas contra os trans-

gressores dos bandos; e haverão os denunciantes, tambem em segredo, a terça parte do valor dos diamantes e bens confiscados aos denunciados. E ao escravo que denunciar o seu senhor, se fôr este condenado, mandará o Intendente passar carta de liberdade em nome de S. M. alem da parte que lhe competir no confisco». (26)

Dest'arte, ao passo que se fazia incidir nos rigores de uma penalidade severa e irremediavel a simples suspeita de uma tentativa, dava-se direito de cidade á denunciaçao torpe, estimulava-se e premiava-se a baixeza das pequenas vindictas do escravo contra o senhor, do perverso contra o desaffecto, do ambicioso mesmo contra os simples e os ingenuos.

Quantos e quão dolorosos casos não registra a chronica do Districto em que a vileza de uma delação interesseira arruinou a perspectiva de um futuro melhor, quasi alcançado?

E sob esse horrivel regimen de extrema miseria, algum tempo viveu o Tejuco.

(26) Portaria de 24 de Dezembro de 1734.

www.Verificado.coque.net não serviam as praticas adoptadas, os ministros do Rei iam experimentar regimen novo. Tinham dois caminhos a seguir, ou fazer a extracção por conta da propria Fazenda Real, ou monopolizar nas mãos de um só contractante toda a extracção diamantina.

Estudado o problema sob os dois aspectos, resolveu-se experimentar o contracto. Se os resultados que se esperavam não correspondessem ainda á expectativa real, então lançar-se-hia mão do sistema definitivo, a reserva exclusiva para a Fazenda Real do direito de extracção de diamantes.

As lavras do Tejuco davam margem para a experiencia pratica de todos os sistemas. E a submissa paciencia dos povos não fazia receiar o protesto e a rebeldia.

E assim, já sendo Governador e Capitão General o glorioso e bom Gomes Freire de Andrada, cuja bondade entretanto não teve tanta força que se pudesse fazer sentir aos infelizes povos do Tejuco, reduzidos á penuria extrema pelo abandono forçado de suas lavras e propriedades, foi resolvido que se recomeçasse a exploração dos diamantes mediante contracto com um unico arrematante, que só elle,

mais ninguem ficaria com o direito de retirar da terra as preciosas pedras. (27)

Resolvida a adopção desse sistema, por conselho dado a Gomes Freire pelo hebreu Francisco Salvador, foi o primeiro contracto celebrado, para ter principio no primeiro dia do anno da graça de 1740, com João Fernandes de Oliveira e Francisco Ferreira da Silva.

Os contractantes tinham o monopolio exclusivo da mineração em todo o districto, pagavam a capitação de 230\$ por cada escravo, mas não podiam empregar no trabalho mais de 600 praças e o contracto era pelo tempo de quatro annos.

Foram elles novo elemento de vexame e perseguições para os miserios habitantes da comarca. Além dos fiscaes e vigias da Intendencia, sempre alerta na faina de impedir e punir a mineração clandestina e o contrabando, apareciam agora em scena os empregados dos felizes contractantes, verdadeiros donatarios do districto, unicos senhores das lavras diamantinas e a quem, pelas condições do contracto, se havia facultado competencia para pedir o despejo

(27) *Do descob. dos diam., etc., Ms. da B. Nac., pag. 51.*

~~W~~e expulsão de todos os que lhes fossem suspeitos de defraudar o que entendiam ser fazenda sua.

Interessados directamente na efectiva repressão do contrabando, os contractantes representam para as tradições do Tejuco tempos de bem negros dias, que ainda assim não foram os seus peiores tempos.

1740 | 44



VI

O ROTEIRO

Em fins de 1747, pelos ultimos tempos do segundo contracto, renovado com os mesmos contractadores do primeiro, por igual periodo de quatro annos, veiu estabelecer-se no Tejuco, com toda a grande escravaria affeita ao rude labor da mineração, a opulenta familia dos Caldeiras.

Foi desde logo voz de todos que vinha no intento de arrematar o novo praso para exploração do diamante ; e, de facto, logo que se affixaram os editaes chamando concurrencia, foi entregue ao Senhor Intendente uma proposta que trazia o já famoso nome de Felisberto Caldeira Brant.

www.librosdelcuba.com.ch
Em esse nobre homem o chefe de respeitavel familia, desde muitos annos conhecida e fallada em toda a Capitania de S. Vicente, de que as Minas Geraes haviam feito parte ate 2 de Dezembro de 1720.

Filho mais velho de Ambrosio Caldeira, o fidalgo portuguez que no principio do seculo deixara o valoroso nome assignalado nos fastos da guerra que aos *emboabas* moveram os *paulistas*, depois dos tristes successos do Capão da Traição, descendia Felisberto de uma nobre e antiga familia flamenga, oriunda de João III, Duque de Brabant, morto em 1355. Parte desta familia se fixou em Lisboa, por se ter casado João de Brant, consul do Luxemburgo na capital portugueza, com D. Marianna de Souza Coitinho, de alta linhagem lusitana. (28)

(28) Vide no fim do volume a genealogia da familia, que nos foi graciosamente fornecida pelo Exm. Sr. Visconde de Barbacena, bisneto de Felisberto. Esta D. Marianna era, pelo lado materno, oriunda dos fidalgos portuguezes Pires, Lemos e Moreiras, que vieram com Martim Affonso de Souza para a Capitania de S. Vicente (Aguiar, *Vida do Marquez de Barbacena*, Imprensa Nacional, 1896, pag. 5); pelo que a esposa de Felisberto deveria ser sua prima remota.

www.3brothers.com.br
Ambrogio Caldeira, filho do consul flamengo, já Mestre de Campo, se passára em 1700 para a America, tomando em São Paulo por esposa D. Josepha de Souza e Silva.

Desse consorcio o primeiro filho, nascido nos primeiros annos do seculo 18, nos sitios onde hoje se acha a vetusta cidade de S. João de El-Rei, foi o nosso heroe que, pelos annos de 1730 desposou D. Branca de Almeida Lara, descendente de uma das mais illustres familias paulistanas; pois, filha de José Pires de Almeida e D. Maria de Arruda, era, por linha paterna, bisneta do tradicional Lourenço Castanho Tacques, o velho. (29)

De genio aventureiro e emprehendededor, Felisberto, logo que se fez homem, entregou-se á vida ousada do sertanista, fazendo, na diligencia do ouro, diversas entradas no sertão da vasta Capitania.

Teve assim o nome ligado a varias aventuras e conta-se que, de uma vez, juntamente com seu irmão Joaquim, se vira envolvido na desavença que houve

(29) Pedro Tacques, *Nobiliarchia Paulistana*, na *Rev. do Inst. Hist.*, vol. 33, parte 1^a, pag. 174.

www.comil.br
Ouvidor Geral da Comarca do Rio das Mortes, Antonio da Cunha e Silveira, tendo-se por esse caso aberto devassa em que seus nomes figuraram como os de quem houvesse disparado ~~as~~ tiros que feriram aquelle Ouvidor.

Por motivo de taes factos, cuja verdadeira historia a tradição não guardou, estiveram Felisberto e Joaquim Caldeira em grave risco ; pois, a 23 de Julho de 1731 o Conselho Ultramarino expediu Ordem Regia ao Governador da Capitania determinando que, si os Juizes entendessem taes Reus incursos em pena de morte, logo se fizesse execução da sentença, *pondo-lhes as cabeças no lugar do delicto*. (30)

(30) Sobre estes factos, aliás de grave importância, nenhuma referência encontramos além da menção feita nas interessantes *Ephemerides Mineiras* (José Pedro Xavier da Veiga, Ouro Preto, 1897) à Ordem Regia de 23 de Julho de 1731 a que se refere o texto. Ainda assim nas *Ephemerides* ocorre um equívoco que maior confusão veio lançar sobre este obscuro episódio; aí se lê que o irmão de Felisberto se chamava *Francisco*, quando é certo que o celebre mineiro nenhum irmão teve com este nome. De facto não de *Francisco*, mas de *Joaquim*, cegita a Ordem Regia que, na integra podemos aqui oferecer, graças à obsequiosidade do próprio illustre autor das *Ephemerides*, dígnio Director do Archivo Pùblico Mineiro.

Tal ~~processo~~ ^{processo}, ~~porém~~, não teve consequencias; porquanto, os Caldeiras continuaram desde logo a aventurosa vida, em cujo desenvolvimento não se reflectiram os effeitos do denunciado crime. E proseguindo nessa vida emprehendedora, si a fortuna jámais deixára de lhes bafejar as emprezas, comtudo, não lhes proporcionára o fado azar tão completo que lhes contensasse o espirito ambicioso.

Tal documento, copiado do Liv. 36 do *Registro de Cartas e Ordens Regias*, existente naquelle Archivo, é do teor seguinte:

«D. João, por graça de Ds. Rey de Portugal e dos Algarves daquem e dalem mar em Africa Seur. de Guiné, etc. etc.

«Faço saber a vós, Don Lourenço de Almeida, Gov.^{or} e Cap.^m Guj. da Capitania das Minas, que se vio a conta que me déstes em carta de vinte de Outubro do anno passado, sobre os tiros que se deram no Ouv.^{or} gl. do Rio das Mortes, Antonio da Cunha e Silveira, do que ficou ferido: sendo culpados neste malefício Felisberto Caldeira Brantes e seu irmão Joaquim Caldeira, os quaes foram remettidos presos (?) para a cidade da Ba. com as devassas que se tiraram deste caso e com outros antecedentes em que ficaram culpados por soadas que fizeram com ferimentos e outros crimes em cuja consideração me pareceu dizer-vos que ao V. Rey da Bahya recommendo que com toda a brevidade e sumariamente faça sentenciar estes Réos conforme o merecimento de sua culpa dando me conta da sentença que contra elles proferir na Relaçam e sem se sobstar na Execuçam della; e no caso que os Juizes entendam que

www.Alegre e liberal, c Felisberto deixava sempre atraç de sua passagem um rastro de reconhecimento que creou para seu nome extensa e duradoura popularidade. O valoroso mineiro, porém, ambicionava mais. Trabalhava-lhe o espirito ardente uma aspiração irrequieta de opulencia e poder; sonhava grandezas extraordinarias, tinha a alma feita para o fausto e para o mando.

estes Réos estejam em pena de morte, lhe mandem pôr as cabeças no Logar do delicto. El-Rey nosso Snr. o mandou pelos Drs. Manoel Fernandes Vargas e Alexandre Metello de Souza Marques, Conselheiros do seu Consº. Ultrº. e passou por duas vias. Antonio de Souza Pº. o fez em Lxa. Ocil. em 24 de julho de 1681. O Secretario Manoel Caitano Lopes de Lavre o fez escrever.—Manoel Fernandes Vargas.—Alexandre Metello de Souza Meneses.—Por despacho do Consº Ultrº. de 23 de julho de 1731 ».

E' pois, incontestavel o facto, desconhecidio mesmo do Sr. Visconde de Barbacena, que na sua avançada idade ainda guarda tão vivamente a tradiçō accidentada de sua illustre ascendencia. Informa o Visconde que, em tempo muito remoto, uma velha parenta dos Caldeiras teve com um *Ouvidor* em Minas uma questão pela qual o mandou matar, sendo por esse facto degradada para Angola, onde por duas vezes se casou, primeiro com um riquissimo portuguez e, depois deste morto, com um inglez não menos rico. E' possivel que a este episodio se prenda a complicidade de Felisberto e Joaquim Caldeira, de que a Ordem Regia dá noticia.

De positivo, nada sabe, porém, a respeito a familia do contractador.

E como a S. Paulo, onde residia, chegavam notícias, as mais convidativas, da enorme riqueza das minas de Goyaz, cujo caminho, até então ainda quasi ignoto, desde muitos annos havia sido descoberto pelo destemido *Anhanguéra* (31), partiu-se Felisberto para Villa Boa, pelo anno de 1735, levando mulher e irmãos.

Farta messe colheu desse novo empreendimento, e é de crer que ahi teve inicio a grande fortuna que fez, o enorme cabedal que accumulou.

Não era Felisberto, porém, homem que se acommodasse com a injustiça prepotente das autoridades. Apezar da boa estrella que o acompanhára durante os annos que permaneceu em Goyaz, rebellou-se contra os representantes do fisco, e, com seus irmãos, entrou voluntariamente na luta que, com os cobradores do quinto, entretinham os povos da mineração.

(31) *Anhanguéra*, (diabo velho), tal é o nome que os indios deram ao afamado Bartholomeu Bueno da Silva que, em suas muitas entradas pelo sertão, descobriu as minas de ouro do territorio habitado pelos indios *Goayá* e onde depois se creou a capitania de *Goyaz*. (*Publ. Officiaes do Arch. Publ. de S. Paulo*, vol. 12, *nota* á pag. 61).

www.1Como] consequencia dessa attitude rebelde, tiveram os Caldeiras de abandonar suas lavras e minas. Incompatibilisados para continuar os trabalhos anteriores, foram coagidos a partir; e, ainda assim, vendo-se privado do farto veio em que colhia a fortuna, Felisberto partiu contente, porque, altivo e insubmissso, soubera ter a corajosa energia de se não subordinar ás iniquidades da administração do quro.

Fôra o successo, porém, para o Caldeira de dolorosa lição. Muito fel-o pensar o caso infeliz, e o mineiro resolveu fazer o descoberto de algum terreno rico, onde pudesse explorar e viver tranquillo e ignorado, sem a vigilancia importuna dos representantes do erario regio.

Lembrou-se então de um velho roteiro que lhe havia sido dado, alguns annos antes, e ao qual não tinha ligado até então grande importancia.

Era um amarrrotado pedaço de pergaminho, que tinha sua historia. (32)

(32) Tradição da familia. Os factos narrados aqui, e nos dois capítulos subsequentes, foram obtidos por informação pessoal do Sr. Visconde de Barbacena.

www.libtool.com.cn

Em uma das suas entradas aventureosas pelo sertão, encontrará Felisberto certa vez um velho jesuita, que por modo singular se affeiçou ao moço explorador.

O padre, cujo nome a chronica não registrou, durante longos annos levára a existencia nomade dos missionarios; fora um desses muitos benemeritos anonymos que esgotaram as energias do temperamento e as ardentias do espirito no viver ignorado dos apostolos, levando o ensinamento e a religião aos mais invios e inacessiveis reconcavos do sertão.

Quando Felisberto se encontrou com elle, o jesuita, envelhecido e gasto, vinha recolher-se ao antigo Collegio de Piratininga para acabar os dias, descansado e tranquillo, na humilde cella, despida e solitaria que havia sido a muda confidente das primeiras angustias do seu ascetismo mystico.

No mesmo pouso a que elle se havia recolhido, certa tarde tambem se veiu aboletar o moço sertanista, e, ao outro dia pela madrugada, como tivessem ambos o mesmo destino, seguiram juntos.

Tinham ainda, antes de alcançar São Paulo, alguns dias de viagem, e, no curso

www.libraeol.com.br entre os dois viajantes a mais viva sympathia, a mais estreita amizade.

O velho, experiente e cauto, comunicou ao moço, que ia começar a jornada pelo mundo, informações diversas que lhe foram da mais proveitosa utilidade, durante as peripecias e incidencias da vida. E, ao cabo da viagem, na derradeira tarde que passaram no campo, na vizinhança da velha cidade colonial, chegou-se o jesuita ao ardente joven, e, tirando do fundo bolso da roupeta negra um encardido papel, muito dobrado, lh'o entregou, dizendo:

— Aqui tens, meu filho, este papel. E' a cópia de um velho roteiro de Goyaz, em que se acha assinalado um sitio onde se encontram minas de incalculavel riqueza. Um velho portuguez, a que assisti nos ultimos momentos, tinha-o consigo e deu-m'o antes de exhalar o derradeiro alento. A' primeira vista não parece que elle contenha cousa de maior. Gastei horas a decifral-o e lel-o; hoje posso affirmar-te que nelle existe indicação preciosa.

O moço havia aberto o velho pergaminho e, estendendo-o sobre os joelhos do jesuita á derradeira claridade do dia, recebeu as

explicações que tornaram clara e intelligivel a graphia irregular e meio apagada do roteiro.

Terminada a lição, o padre tornou:

— Guarda esse papel e sé feliz. Não preciso delle para mim: pessoalmente não tenho mais ambições, nem possuo no mundo parente ou amigo a quem o devesse entregar; e a Companhia de Jesus é poderosa e rica bastante para que eu deva ter remorsos desse pequeno desfalque em seu patrimonio; seu, pois, o que é meu della é. Guarda esse papel. Não é um roteiro original; bem viste no alto da folha indicado que esta é simplesmente uma cópia. Mas, quantos desses papeis não andam extraviados e perdidos por este mundo? Um dia, quando tiveres disposição e ensejo, segue as indicações que te dei e é bem possível que ainda chegues a tempo de encontrar a secunda virgindade desse canto do mundo...

Calou-se o velho. O moço, commovido e pasmo, não achou palavras que lhe dizer. Dobrou caladamente o precioso pedaço de pergaminho e o metteu no seio. O padre se havia erguido e, tirando de um pequeno atado a rede de algodão, sua quasi unica

bagagem, começou a armal-a nos esteios
do rancho.

Felisberto, na mesma postura, o olhar abstracto, mergulhado nas primeiras sombras da noite, que vinha vindo, nem se levantou para ajudar o padre, como costumava.

Foi ainda o jesuita quem o veiu despertar:

—E' segura a fortuna, meu amigo, disse. Não asadigues o espirito numa meditação improficia. Prepara a rede e dorme, que teremos amanhã de almoçar em S. Paulo.

E assim foi realmente. Ao dia seguinte, com poucas horas de viagem vagarosa, deixou Felisberto o velho companheiro no pateo do Collegio, depois de abraçal-o e bejal-o como a um pai. Só quando a porta interior se fechou sobre o padre, que havia entrado, foi que elle, virando as redeas ao animal viageiro, tomou o caminho da casa.

*

Durante muitos dias teve ainda Felisberto a animar-lhe o espirito a explendida visão das minas desconhecidas do roteiro. Logo, porém, emprezas de mais facil consecução e mais seguro exito, foram fazendo

adiar para melhores tempos, para mais madura resolução, a pesquisa das minas do jesuita. E finalmente, annos que passaram, desfizeram a impressão fascinadora que, no primeiro instante, causára no animo do moço ambicioso e ardente a confidencial revelação do padre,

Felisberto trazia consigo o velho roteiro, mas jámais tomára ao serio a idéia de o ir explorar, de seguir aventurosamente empós aquellas indicações anonymas, em uma tentativa difícil e dispendiosa, cujo fracasso accarretaria a ruina de sua prospera fortuna.

Preferiu sempre trabalhar seguro, empenhar-se em aventuras onde não só contasse com a boa estrella, sinão tambem com a anterior experienca e sucesso de outros exploradores.

A situação especial em que se achou, porém, Felisberto, quando teve de abandonar os preciosos terrenos de Villa-Boa, levaram-no naturalmente á lembrança do velho roteiro.

Firmado o plano com os tres irmãos que sempre o acompanharam, Joaquim, Sebastião e Conrado, socios e compartes de suas venturas e dissabores, preparou-se

tudo para a partida, e, em poucos dias, grande bandeira deixava a terra da nascente capital goiana seguindo o velho caminho de Bartholomeu Bueno.

Com os Caldeiras partira, além de grande numero de praças, africanos e indios, uma poderosa leva de aggregados e amigos que quizeram partilhar da sua boa ou má fortuna.

Em marcha, e já passada a derradeira paragem em que houvesse rancho ou pouso, foram feitos os necessarios reconhecimentos para segurança da empreza; e, uma vez orientados na verdadeira direcção do itinerario, embrenhou-se pelo sertão o bando aventureiro.

Seguindo cautelosamente, de acordo com as indicações do antigo manuscrito, apoz muitos dias de penosa marcha, chegou a bandeira ao sitio em que as pesquisas deviam ser feitas com mais cuidado. Era a assinalada região do ouro.

Os Caldeiras haviam galgado uma escarpada serra, de cuja maxima altura explendido se descortinava o panorama do sertão. Descida a serra, pela vertente oposta, encontraram os bandeirantes um extenso valle, onde collinas se erguiam e

leves correntes de agua serpeavam por entre viçosa vegetação de arbustos.

Era no leito desses corregos que a fortuna os devia estar esperando, a não ser mentirosa e fallaz a revelação do roteiro.

Nesse ponto, pois, deliberou-se armar o acampamento. Era um magnifico pedaço do mundo, exuberante de vegetação e de luz; por um lado protegido pela muralha cyclopica da serra e, por outro, aberto na mais risonha perspectiva de campos e colinas a perder de vista.

Escolhido o local mais propicio para o estabelecimento, ficaram escravos desde logo encarregados de preparar os ranchos provisórios, enquanto se não preparava estancia de mais conforto; e, desde logo, Felisberto e seus irmãos partiram a explorar as aguadas proximas. Quando, aconselados pela fome, tornaram ao rancho para a refeição, traziam o desalento na alma. Por toda a parte onde haviam recolhido cascalho para as batéas, a terra se mostrava de uma pobreza desoladora. Apenas, em um ou outro lugar, haviam apparecido, na prova, signaes do precioso metal, numa porcentagem, porém, tão diminuta, que não valia o esforço de o apurar.

Terminado que foi o mudo repasto, os mineiros sofregamente se atiraram de novo á exploração. Não queriam dormir aquella primeira noite sobre a horrivel decepção. A noite, porém, ainda os veiu encontrar no esforço vāo de batear inutilmente o lôdo infecundo dos corregos vizinhos.

Forçoso era, pois, tornar ao rancho, neste momento assinalado, em uma pequena eminencia, pelo clarão crepitante da fogueira.

E assim, na solidão virgem daquelle valle ignoto, não foi de alegrias esta, primeira noite dormida, ou antes velada, que, apezar das fadigas da jornada, não conseguiu repousar o espirito aventureiro dos bandeirantes.

O desanimo, emtanto, não lhes havia ainda invadido a alma. Era certo que nô dia seguinte descobririam o precioso veio. Contavam nô haver realizado aquella enorme viagem sem o menor proveito; a boa estrella dos Caldeiras nô se haveria de eclipsar agora, nesse momento ambicionado em que estavam prestes a attingir o tão desejado termo de tantas penas. Certamente aquelle roteiro nô

seria uma burla, o velho jesuít^o um impostor. O dia seguinte os havia de ver felizes e satisfeitos...

Taes idéas, pela noite inteira, não haviam cessado de cruzar o animo encan-descido dos viajantes. Como quer que fosse, não haviam fechado os olhos, de tal geito que, logo que a claridade do dia nascente começou a encher o espaço, os quatro irmãos se encontraram, quasi ao mesmo tempo, em frente aos ranchos toscos. Tomado o primeiro café, acompanhados de alguns escravos desceram a collina e tomaram direcção opposta aos sítios em que haviam feito provas na vesp^{er}a.

*...n' abr
tembre an
M. r. am
a. a. i. s. f
Redding*

Boa estrélla, finalmente, guiava o passo aos moços aventureiros. No primeiro corrego a que chegaram foi tal a quantidade de ouro que ficou na primeira batêada, que os paulistas puzeram joelho em terra e, descobrindo-se, renderam ferventes graças ao Senhor.

Descoberto o ouro, continuaram as explorações, e desde logo se aperceberam de que os terrenos auríferos, de fertilidade quasi assombrosa, ocupavam uma extensão enorme e se prolongavam em todas

as direcções pelo curso dos ribeiros e aguadas.

Assim, crearam alma nova os Caldeiras, e a esse primeiro riacho, em que se descobriu o ouro, pôz Felisberto o nome, que se perpetuou, de *Córrego Rico*. (33)

(33) Ainda hoje *Correjo Rico* se denomina esse rio. Diz Aug. Saint Hilaire (*Voyage aux sources du Rio de São Francisco*, vol. 1.^o pag. 282) que esse nome foi posto ao rio pelos primeiros paulistas que, em viagem para Goyaz, nelle descobriram ouro, assignalando o facto em seu itinerario.



VII

PYRACATU¹

Averificada a extraordinaria abundancia de ouro, tudo Felisberto dispoz para que começassem com regularidade os trabalhos da mineração. Dividiu com seus irmãos o serviço e, enquanto um dirigia as roçadas e construcção das primeiras habitações, elle, com os demais, installou-se em diversos pontos, escondendo os lugares em que mais farta se afigurava a colheita e menos penoso o trabalho.

Em pouco tempo estava montado o estabelecimento e lançadas as primeiras bases de um povoado, que deveria ser famoso na historia da mineração.

Como em todos os corregos e ribeirões houvesse fartura de peixe bom, — *Pyracatú* foi o nome que se deu ao paiz para assignalar aquella favoravel circumstancia. (34)

Em torno das casas feitas para habitação da familia, outras e mais outras foram sendo construidas para escravos e aggregados, e, ao longo das correntes de agua, viam-se, a espaços, as cobertas de sapê para descanso dos mineradores.

Tranquilla foi a vida que durante alguns inezes passaram os sertanistas intrepidos. O valle que habitavam, apanhado na fragrancia da natureza virgem, em meio do inhabitado e fecundo sertão, era de ameno clima e nelle encontraram os solitarios habitantes uma existencia aprazivel. Para o

(34) Aug. Saint Hilaire (loc. cit., pag. 282), de accordo com a generalidade das *Chronicas* e *Memorias*, attribue a José Rodrigues Fróes a pesquisa e exploração destas minas conforme um roteiro que lhe veiu ás mãos. Adiante se verá como se concilia essa versão com a tradição da familia, que vamos narrando.

Parece incontestavel que Felisberto tivesse estado em Pyracatú: assim o refere Joaquim Felicio (*Mem. do Distr. Diam.*, pag. 75) e Southey (*Hist. do Brasil*, trad. de Oliveira Castro, vol. 6, pag. 239), quando se occupa do famoso aventureiro, o chama grande *mineiro* em *Pyracatú*.

sustento material da vida, nada lhes faltava, sendo a terra uberrima, a agua píscosa, o bosqué abundante de caça e fructa.

A vida do espirito era toda cheia com os cuidados e preoccupações do trabalho. Nada era mister áquelle homens operosos e avidos de fortuna além das emoções e surpresas que a cata do ouro lhes proporcionava.

Entregues inteiramente, de corpo e alma, ao labor proveitoso, que havia sido sempre a perspectiva ideal do seu espirito, os Caldeiras não sentiam necessidade da convivencia dos homens e mal se apercebiam do isolamento a que se condemnaram.

As mulheres, além de que se achavam intimamente consorciadas ao modo de ver e sentir dos maridos, tinham, para as distrahir no voluntario desterro, os afazeres multiplos da vida domestica e a garrulice bregeira dos filhinhos sadios.

Por essa forma passaram os dias, decorreram os mezes. Nenhum incidente desagradavel veiu perturbar a existencia regular dos mineiros. Por muitas leguas em redor não havia moradores, de sorte que não se espalhou facilmente a noticia do novo descoberto. Comtudo, de vez em

www.liktool.com.br quando, uma ou outra pessoa, um ou outro bando de mineiros chegava e, uns e outros, ou se encorporavam á gente dos Caldeiras, ou, com licença de Felisberto, iam estabelecendo o serviço por conta propria.

O ardente aventureiro era um typo singular de homem ; alliava, de modo interessante, a ambição aventureira com o desprendimento liberal. Trabalhava incessantemente no afan cubiçoso de reunir, para si, grossos cabedaes, mas não embarçava que outros tambem enriquecessem e, até, a todos que delle se valiam, auxiliava e offerecia elementos de começar a vida e a fortuna.

Procedendo por tal fórmula era grande a popularidade de que Felisberto gozava entre os que se haviam estabeleccido em Pyracatú nascente e lhe prestavam todas as homenagens senhoriaes.

Como aquellas lavras ainda não eram conhecidas, Felisberto fazia como todos os que descobriam ouro em lugares remotos : o mineiro as foi explorando sem dar do descoberto conhecimento aos representantes da Fazenda Real.

Para isso tinha tempo.

Entretanto a exploração do ouro estava rigorosamente regulada de sorte a assegurar ao fisco a arrecadação das contribuições que haviam sido impostas: — o *quinto*, isto é, a entrega da quinta parte de todo o ouro que se extrahisse das lavras (35), e a *capitação*, isto é, o pagamento semestral de *duas oitavas e doze vintens de ouro* por cada um escravo existente nas minas, pagamento extensivo igualmente a todos os livres e forros que por suas mãos trabalhavam extrahindo ouro (36). Para que se pudesse, porém, licitamente minerar, era preciso alcançar do Guarda-Mór, encarregado da repartição das terras mineiras, a concessão de uma data.

A coisa estava assim determinada, para logo que se manifestava um novo descoberto (37): — tinha o descobridor a primeira

(35) O *quinto* do ouro, estabelecido no Brasil por Alvará de 8 de agosto de 1681, foi adoptado em Minas Geraes em 1700, quando o governador do Rio de Janeiro creou os funcionários encarregados de sua arrecadação e nomeou os *guarda-móres* para a repartição das terras mineraes.

(36) *Regimento da capitação*, decretado por Martinho de Mendonça em Villa Rica aos 27 de março de 1734. Vem publicado na *Rev. do Arch. Mineiro*, 3, 1, 37.

(37) Antonil, *Cultura e opulência do Brasil, por suas drogas e minas*, 2^a edição, Rio de Janeiro, 1837, 3^a parte cap. 3.

www.libtool.com.cn

data, como descobridor e mais outra como mineiro; seguia-se depois a data que cabia a El-Rey e após a do Guarda-Mór; as datas restantes se distribuiam por sorte aos requerentes, que deviam desde logo instruir seus requerimentos com a propina de uma oitava de ouro para o Sr. Guarda-Mór e outra para seu escrivão.

As datas se chamavam *inteiras* quando tinham trinta braças em quadra; tais eram a de El-Rey, a do Guarda-Mór e a do descobridor. As demais, as que eram distribuídas por sorte, tinham a extensão proporcional ao numero de praças, — escravos, indios ou agregados, — que cada requerente trazia para a cata, cabendo duas braças para cada cabeça de escravo ou indio. Graças, porém, á grande distância em que estavam o Correço Rico e suas aguadas proximas, da *Casa de Fundição* (38),

(38) *Casas de Fundição* eram repartições a que os mineiros levavam todo o ouro que aninhavam para ser tocado e convertido em barra, depois de retiradas as importâncias das contribuições fiscaes. Existia uma para cada comarca, com sede na Villa respectiva. A primeira casa de moeda para fundição do ouro, em Minas, foi criada por carta de lei de 18 de julho de 1717 (Nelson de Senna, *Ephem. Min.* na *Rev. do Arch. Min.* 8, 8, 588).

sita na Villa de Sabará, cabeça da extensíssima comarca do Rio das Velhas, em cujo território se achava o Pyracatú (39), puderam os Caldeiristas minerar por muito tempo, sem se preocupar com as imperitantes exigências do fisco; e, como não impediam que outros, que fossem chegando, tomassem parte proveitosa na exploração, não tiveram, como tantas vezes aconteceu, alma cubiçosa e má que fosse levar ao Guarda-Mór denúncia do criminoso trabalho.

*

Crescia rápida a fortuna dos descobridores e tranquilla continuava a existência dos primeiros povoadores do Pyracatú.

No interessante livro numismático do Sr. Julius Meili (*Die Münzen der Colonie Brasilien, 1645 bis 1822*, Zurich, 1895) se encontra a reprodução phototypica de várias barras de ouro acompanhadas do correspondente bilhete de fundição, toque e valor.

(39) A comarca do Rio das Velhas foi criada em 21 de julho de 1711 pelo governador Antônio de Albuquerque, tendo por cabeça a Villa Real de Sabará. Era um extensíssimo território, que confinava ao Septentrional com a Capitania de Pernambuco, ao Meio-dia com a comarca de Serro do Frio e ao Ocidente com as serras dos Christóvão e Tabatinga e com a Capitania de Goyaz. (*Mem. Hist. da Cap. na Rev. do Arch. Mineiro*, 2, 3, 449.)

Um ~~l~~inesperado successo veiu perturbar essa existencia sem lutas.

Ao despertar, certa manhã, foi Felisberto avisado de que estava perto acampada uma tropa que deveria ser de grande bandeira, a se ajuizar pelo numero de barracas armadas e de animaes que pâstavam.

Mandou logo o chefe qüe Joaquim Caldeira se fosse entender com os bandeirantes e saber a que vinham e quaes as intenções que traziam.

Algum tempo decorrido voltou o emissario e teve com Felisberto rapida conversa, partindo os dois em seguida para o rancho dos bandeirantes.

Serio foi o negocio que ahi levou Caldeira porque, após longo tempo, tornou á casa, dando evidentes mostras de contrariedade.

E logo que foi chegado, reuniu os irmãos, mandou chamar os chefes e capatazes de mais conhecida valentia, e em poucos instantes tal eram a agitação e o movimento que se apoderaram do povoado que, certamente, alguma cousa de extraordinario deveria estar para acontecer.

O que fosse, ninguem sabia ao certo ; os homens tinham tido, porém, ordem de

se armar e municiar, ficando promptos e alerta ao primeiro chamado. E, na atti-
tude bellicosa em que se acharam, olha-
vam todos o acampamento vizinho como
campo de inimigos, e não se illudiam.

Grave era o problema a que Felisberto
tinha de dar solução. O arranчamento,
que o viera affrontar no coração dos seus
dominios, era o de uma bandeira que trazia
grande numero de praças. O chefe, José
Rodrigues Fróes, era um destemido aven-
tureiro, experimentado na travessia do
sertão para caça do gentio selvagem ou
busca do ouro recatado. Desta feita viera
da Bahia e o fim da longa jornada era
precisamente a exploração das grandes
minas de ouro que os Caldeiras já estavam
explorando e cuja existencia trazia assi-
gnalada em seu roteiro.

Possuindo o original do precioso docu-
mento, Fróes julgava-se no direito de se
assenhorear do descoberto e negava obsti-
nadamente a legitimidade com que os
Caldeiras ahi se tinham fixado.

Exhibido o roteiro que o jesuita offere-
cera a Felisberto, verificou-se que era
apenas uma copia do que possuia Ro-
drigues Fróes, que, para explorar estas

www.libtool.com.cn

minas nelle indicadas, vinha fazendo longuissima viagem desde a cidade de São Salvador.

Azeda foi a disputa que se travou entre os dois chefes. Cada qual, acastelado no que julgava ser seu bom direito, não queria ceder ás exigencias do outro e assim, foi sob a vehemencia de um desafio formal, que Felisberto, acompanhado do irmão, deixou o acampamento de Fróes.

No estabelecimento do Pyracatú todas as providencias foram tomadas desde logo na espectativa da luta imminente e para evitar uma surpreza de funestas consequencias.

Felisberto não se arreceiava do ataque sinão pelo dissabor que o facto em si trazia. Senhor de uma posição magnifica e tendo numero de combatentes muitas vezes superior ao do inesperado inimigo, não lhe restava duvida quanto á sorte da batalha.

Não era o Caldeira, porém, homem a quem sorrisse a perspectiva dos triumphos guerreiros. Bom e pacifico, a idéa de que o tranquillo valle do Pyracatú ia ser theatro de uma carnificina, o compungia e amofinava.

Pelas observações que se faziam do abarracamento de Fróes, percebia-se que lá estavam alerta e de promptidão, à espera dos acontecimentos.

Dado o temperamento de Felisberto, porém, era bem de ver que a expectativa da gente de Fróes não seria interrompida, porque dos Caldeiras não partiria o ataque, por mais importuna que fosse a situação. Felisberto achava a guerra injusta, a attitude do seu rival sem explicação possível. Tinha-lhe feito ver que ouro havia para que muitos outros, além delles, se enriquecessem para o resto dos seus dias; com a maxima franqueza do seu coração leal, havia lhe dito que elle, Felisberto, de modo algum se opporia a que Fróes se arranjasse como pudesse e quizesse, com tanto que não viesse perturbar o serviço onde elle já o tinha estabelecido; era assim perfeitamente possível que ambos, com sua gente, vivessem, com proveito e em socego, naquelle privilegiado canto do mundo. Não comprehendia, pois, o mineiro porque especiosas razões não queria o caprichoso moço aceitar uma solução que a ambos satisfazia, sem desdouro para o valor de

www.libtool.com.cn

cada um e sem quebra de uma mal entendida dignidade.

E quanto mais Felisberto meditava no caso estranho, mais se lhe arraigava a convicção de que era preciso evitar que o facho da guerra se accendesse. Julgando contudo que não lhe ficaria bem ir ainda fazer propostas pacíficas de acordo, resolveu não tomar a iniciativa do ataque e que dos seus não partisse a mais ligeira provocação.

A custo conseguiu conter o animo impetuoso de alguns capatazes, que mal podiam sopitar o desejo de, num impeto, cair sobre o campo dos inimigos e polos em desordenada fuga.

Felisberto convenceu afinal o povo, de que era chefe, dos inconvenientes da luta, e a exaltação do primeiro momento cedeu lugar á mais comedida prudencia.

Ao fim de alguns dias de anciosa expectativa, em que se esperava, de um momento para outro, o rompimento das hostilidades entre os campos inimigos, — porque afinal seria preciso repellir a ferro e fogo o injustificavel ataque, — percebeu-se no acampamento de Fróes desusada agitação. Pelos movimentos que a

~~gente do Bahiano fazia, tornou-se evidente~~
que os Caldeiras iam ser atacados.

Chegava, pois, o momento decisivo. Todos estavam a postos, e a alma guerreira dos aventureiros anciava por ouvir a voz do chefe ordenando emsí a acção esperada desde tantos dias.

Já tardava, porém, esse ambicionado instante, quando, no meio do pasmo geral, viram a figura venerável de Felisberto sair da casa de morada, dizer para os amigos — a guerra não se fará — e, acompanhado de dois camaradas da maior confiança, descer tranquillo a collina na direcção do acampamento inimigo.

www.libtool.com.cn



VIII

O PACTO

Admitido a conferenciar com o chefe dos sitiantes, Caldeira francamente expos os sentimentos generosos que determinaram aquelle estranho modo de proceder; e, tendo, desta feita, convencido Fróes de que não haveria duvida quanto ao exito de uma acção armada, fez-lhe ver que podiam ambos juntamente viver e trabalhar naquelles valles, com proveito e sem desgostos.

Longo e minucioso foi o ajuste que os dois chefes estabeleceram, tendo debatido todos os aspectos e previsto todas as

www.hypotheses.com.br que fosse possivel um atrito de interesses.

Regulado o accordo em suas minudencias, os dois aventureiros levantaram-se e, segurando cada qual o punho das espadas, apertaram-se cordealmente as mãos.

E assim nessa postura, de pé e descobertos, foi mudo e solemne o compromisso que firmaram e que apenas tinha como sancção a confiança e o respeito na lealdade nativa dos contractantes.

Comtudo Felisberto, o experimentado paulista, disse ainda ao moço bahiano:

— Não está tudo feito, porém. Não ponho em duvida a sinceridade com que acabaes de firmar commigo um accordo de paz e de solidariedade. Mas, é preciso contar com a inconstancia do temperamento humano. Teremos de viver juntos por muito tempo. Espero que seremos amigos. Para garantia e segurança, porém, de nossos interesses communs, eu desejo que sejamos mais do que amigos; é preciso que sejamos irmãos. Existe aqui uma donzella, que foi quem ha pouco me recebeu nesta barraca. Ella é formosa e moça, e deve ser valente e boa, si o sangue do irmão lhe não degenerou nas veias. Que de



meus dois irmãos solteiros, moços pelos quaes respondo, seja esposo della aquelle que tiver a fortuna de lhe agradar...

Fróes, que, ás primeiras palavras do paulista, havia carregado o sobrolho, aguardando discreto a solução da proposta, concordou plenamente com os desejos de Felisberto e separaram-se os dois, justos e entendidos.

Pela tarde, já tinha desaparecido de lado a lado a attitude bellicosa dos acampamentos; José Rodrigues Fróes, em companhia da irmã, a formosa D. Helena, foi de visita á collina em que se arranchava a morada dos Caldeiras.

Felisberto recebeu os hóspedes com expansivas manifestações de contentamento, e, durante todo o tempo em que esta primeira visita durou, elle quebrou a atmosphera de natural ceremonia com a exuberancia do seu genio communicativo e folgazão.

Estava alegre, tinha razão para estar; não comprehendia porque deveria contrafazer o espirito nas peas de um convencionalismo affectado e sem razão de ser naquellas breñas remotas, entre gentes que iam iniciar uma vida da mais intima communhão.

www.Para os demais) circumstantes, porém, era natural o constrangimento em que se achavam, uns e outros, pessoas desconhecidas e, até bem poucas horas, inimigas de morte. Além disso, já tendo D. Helena e os dois rapazes conhecimento do que, a seu respeito, havia sido accordado entre os dois aventureiros, mantinham-se todos na maior reserva de frase e de gestos, receiosos de que qualquer movimento mais accentuado fosse entendido como uma insinuação leviana, como um offerecimento de sua pessoa.

Não foi muito demorado este primeiro encontro commun de toda a sociedade do Pyracatú, mas foi o inicio da intimidade que necessariamente deveria unir essas pessoas que a séde do ouro havia exilado do mundo e impellido para o coração deserto das florestas virgens. As senhoras estabeleceram desde esse primeiro momento o seu modo de vida ; D. Helena viria passar os dias em casa dos Caldeiras, onde já havia todo o conforto que em taes paragens era possivel conseguir.

D. Branca de Almeida Lara esforçou-se desde logo por se fazer estimar da joven amiga, no que a fidalga esposa de Felis-

berto foi proficuamente ajudada por D. Izabel Maxima de Siqueira, senhora também de muita distinção, casada, poucos meses antes da partida de S. Paulo, com Sebastião Caldeira Brant, irmão de Felisberto e terceiro filho do valoroso Ambro-
sio (40). E por essa forma, a existência da jovem bahiana correu distraída e suave tendo, na companhia agradável e solicita das duas damas paulistas, o mais proveitoso entretenimento em tão isolado retiro, a que dava nota jovial a vida sadia e bairulhenta das três crianças que por esse tempo faziam toda a ventura e eram todo o enlevo do amoroso coração de Felisberto.

Entre os homens ficou também combinado para o dia seguinte, pela manhã, uma visita geral às minerações e lavras

(40) Informação pessoal do Sr. Visconde de Barbacena. Não encontramos na *Nobiliarquia Paulistana* de Taques (*Rev. do Inst. Hist.* cit.), nem nas *Notas Genealogicas* do Dr. João Mendes (Typ. Baruel, Pauperio & C°, S. Paulo, 1886) nem nos *Apontamentos Hist., Geograph., Biograph., Estatísticos e Noticiosos da Província de S. Paulo*, de Azevedo Marques (Typ. Laemmert, 1870), referência ao nome desta senhora, cujos apelidos, entretanto, são de importantes famílias de S. Paulo.

www.ubatuba.uol.com.br
e o inicio da exploração dos terrenos em que Fróes e sua gente deveriam estabelecer arraiaes.

Não queriam perder tempo; o descoberto já estava tendo sua fama pela circumvizinhança e proximo vinha certamente o dia da necessaria denunciaçao daquellas riquezas aos representantes da real fazenda. Contavam bem os exploradores que algumas oitavas do precioso residuo os libertaria das desagradaveis consequencias da exploração clandestina e criminosa, cujos vestigios iam ficando inapagaveis ao longo dos corregos e aguadas. Era bem conhecido o ardente zelo dos funcionarios do fisco pelos interesses do erario regio; mas era bem de se comprehender que, sem quebra desse zelo, sem prejuizo apreciavel para a meticulosa constituinte, havia tempo tambem para se cuidar um pouco da fortuna propria... Ouro havia tanto...

Os exploradores contavam seguramente com esse espirito philosophico dos exactores fiscaes — *primo vivere*; era preciso, porém, acautelar-se contra a concurrencia que viria depois da denuncia do descoberto e contra a reducção extrema do

campo da livre exploração. Não havia, pois, perder tempo. Em poucos dias ficou tudo regularizado e Fróes, num valle proximo, onde as provas do terreno demonstraram a existencia abundantissima do ouro, localizou-se com sua comitiva.

Sob os melhores auspicios começou a extracção para o bahiano. Sem ter de lutar com as difficuldades que encontrará o Caldeira, primeiro a se estabelecer nessa zona completamente despovoada e inculta, Fróes teve a enorme vantagem do auxilio que, nas mais pequenas cousas, lhe prestou o generoso paulista. Tudo aquillo que aos outros faltou e só com tempo e esforço foi possivel conseguir, ao novo habitante de Pyracatú foi muito facil obter, de sorte que, desde os primeiros tempos, foi-lhe farta a colheita e proveitosa a empreza. Eliminado todo o espirito de rivalidade entre os dois chefes, sem interesses oppostos de que se pudessem originar desintelligencias e lutas, continuou, na mais completa paz e harmonia, a vida do nascente povoado; e, ao passo que Felisberto e Fróes, despreoccupados e confiantes, se entregavam, de corpo e alma, ao labor compensado de reunir

thesouros, entre os outros personagens desta historia simples, o drama se desenrolava. Nem era preciso mais do que havia sido preparado pelos dois bandeirantes, para que a acção se desenvolvesse e a intriga amorosa fosse tecida pelo desabrochar dos sentimentos apaixonados que a situação fez nascer.

D. Helena era uma formosa rapariga, sadia e alegre. Mulher feita nos seus dezoito annos de vida campezina, era rija de carnes e forte de aspecto. Filha dos sertões, acostumada á existencia aventurosa das jornadas pelas selvas, nas quaes, orphã desde tenros annos, acompanhárá sempre o destemido irmão, tinha da vida da cidade todo o polimento preciso para fazer della ao mesmo tempo uma senhora de boa companhia.

Com taes elementos, mesmo em meio de outras, que lhe disputassem a primazia da graça e da belleza, não seria facil tarefa arrancar á D. Helena a palma do triumpho. Nesse ermo, porém, em que ora vivia, solitaria e unica, creatura de tal belleza era para fazer brotar no coração dos homens, impetuosa e ardente, a scen-telha indomavel da paixão.

www.libtoel.com.cn

Joacquin e Conrado, os dois irmãos de Felisberto, a um dos quaes deveria caber a ventura de ter por esposa a linda sertaneja, sentiram-se desde logo, e ao mesmo tempo, fundamentalmente presos pelos encantos da moça, que aliás, contrafeita nessa posição de presa disputada, nenhum artifício empregou para inflamar o coração aos dois rapazes.

Para esse efeito fulminante bastaram os filtros do seu olhar ingenuo, o perfume do seu corpo sadio, a harmonia de sua voz suave. Nenhuma predilecção manifestará por este ou por aquelle, nem jamais fizera qualquer acto, ou dissera qualquer palavra que pudesse ser entendida como um galanteio ou faceirice.

Debalde os pretendentes, cada qual por seu lado, esforçavam-se por conquistar o coraçãozinho rebelde ; eram cuidados de todo o genero, attenções e delicadezas, as mais subtils ; traziam-lhe á porfia as flores de melhor perfume, os frutos de melhor sabor, as aves de mais vistosa plumagem. A ambos agradecia a moça com o mesmo sorriso de agradecimento, com a mesma expressão de sympathia e affecto ; nada, porém, se lhe via que

www.libtool.com.cn

— E é assim que tem a cultura das
mães, que é essa que importa. Só que
é preciso que exista a cultura, que
existiu, é verdade.

— Mas é só que é essa cultura que
é que é necessária a comunicação
de uma cultura. Existem os filhos, in-
tuitivamente sabem que é preciso se ex-
plicar, que é preciso que a comunicação
de cada um seja feita e essa é a condição
de comunicação entre os comunicantes.
A cultura que se comunica é essa a impulsiona
as outras culturas entre pessoas.

— Existe esse amor e respeito entre
uma comunidade de pessoas diferentes, tendo no
centro a comunicação da sua cultura. Olha-
mos-nos a com respeito, respeito, respeito, respeito
e certo, ao primeiro encontro, a expli-
cação entre os dois. E foi o instante pre-
vio ao 1º Branca de Lapa que primeiro
conseguimos a paz, no momento e o
ponto exato, graças a delicada sensi-
ibilidade do instinto feminino.

A nobre, márga temor, cegajosa a res-
olução de salvar o caso difícil. E, na pri-
meira oportunidade entendeu-se, sem ro-

dejos com a jovem amiga. D. Helena ficou perplexa quando percebeu que era abordada sobre o magnó assumpto; mas, a segurança confiante e sincera com que D. Branca lhe fallava, em breves momentos pol-a a vontade.

A moça bahiana já nutria pela esposa de Felisberto Caldeira os sentimentos de amizade e respeito que só se têm para com uma irmã mais velha e de mais juizo, a cujos conselhos discretos a gente se acolhe nas ocasiões diffíceis. De sorte que, após os primeiros momentos de embaraço, a questão foi discutida, claramente, no ponto de vista do interesse e do desejo da noiva.

— Noiva, tu és, dizia D. Branca, desde que aceitaste a situação que teu irmão e meu marido crearam para ti; de certo, si isso te repugnasse, eu jamais concordaria em que tal ocorresse; mas, desde que estás de acordo, e que achas boa e do teu desejo a solução combinada, como me acabaste de confirmar, deves concluir comigo que noiva tu és...

— Sim, murmurou a moça, mas uma noiva original, que tem dois noivos!

— Não é bem isso; que tem dois cavalheiros para dentre elles escolher o

Wv noivo liberto. O caso é diferente, e tua situação é apenas difícil porque é ao mesmo tempo boa e má. Má, porque não podes tomar, como esposo, estes dois rapazes, que são ambos excellentes e dignos de ti; boa, porque, assim sendo, qualquer dos dois que tomes, terás acertado na escolha.

— Mas, se ambos mostram querer-me tanto... Como desprezar algum?

— Por isso, minha querida Helena, tu não és a responsável. Não permittem a religião e a sociedade que tu tenhas os dois, nem, si os pudesse ter, seriam ambos felizes; dest'arte, é mais generoso para ti que faças um só desgraçado, quando estás fazendo dois. E' pois, necessário que te manifestes por um.

— Ainda não cogitei em tal.

— Mas é forçoso que cogites. Depende de ti pôr termo á situação melindrosa em que nos achamos. Não é prudente prolongar esse estado de cousas, que pode de um momento para outro nos causar, a todos nós, e a ti muito particularmente, um profundíssimo desgosto.

— Concordo. Mas, si Conrado e Joaquim hoje tanto se odeiam, amanhã, quando

um delles for o meu noivo, esse odio não cessará, nem o perigo terá desapparecido.

— Ainda não conheces bem o coração humano, minha joven amiguinha, retrucou D. Branca, tomando as mãos da moça tímida. Hoje receio uma scena violenta entre os dois homens, porque elles são iguaes perante o teu coração, sentem-se com iguaes direitos e cada um é para o outro apenas um embaraço. Amanhã, quando tiveres feito a escolha, essa igualdade desapparecerá ; um terá ganho, cm superioridade, o que o outro tiver perdido, e assim, já não collocados no mesmo plano, dada a antiga e intima amizade que os unia, para o desfotunado apenas ficará o travo do desengano, sem resentimento do triumphador, porque afinal de contas, foste tu, não foi este, o arbitro do destino de ambos. Nada receio para depois da tua escolha ; mesmo porque, podes crer, a generosidade do que for preferido não tornará penosa a situação do outro...

— De tudo isso concluo, raciocinou Helena, que para mim derivará o odio... o desamor de um...

— Não podes querer conservar o affecto apaixonado desses dois rapazes, respondeu,

www.comilvivacidade.com a esposa de Felisberto ; mas, fica tranquilla que esse desamor, como tu chamas, não durará por muito tempo, e, como bons irmãos, viveremos todos, de então em diante, com tanta harmonia como até agora temos vivido. Teu coração é bom ; não queres causar desgosto a ninguem; comprehendo-te perfeitamente. Mas, é mesmo por amor delles dois que te peço acabes com isto.

— Estou convencida, disse finalmente a moça.

— Bem. Não é preciso que te aconselhe quanto á escolha que tens de fazer. Já te disse que terás sempre acertado, qualquer que seja tua resolução. E isso é sincero. Deixa, pois, que falle teu coração, e seja teu esposo aquele que elle eleger. E agora, para ser contigo inteiramente sincera, dizendo-te tudo o que penso, devo acrescentar...

E D. Branca olhou, significativamente, bem dentro dos olhos negros da moça : — devo acrescentar que presumo conhecer muito bem o coração feminino para pensar e saber que tua escolha de ha muito está feita.

Helena, ruborizando-se toda, quiz protestar.

www.digitool.com.br Porque tu queres negar? proseguiu D. Branca, inutilmente o farias; esse teu excessivo rubor está a denunciar-te a olhos que sabem ver... Como quer que seja, isso foi apenas uma confissão que te eu quiz fazer; deixa fallar meu coração, e respeita o que elle te ditar. Deixo-te só...

E, com um longo beijo na testa, D. Branca deixou, sentada proximo a uma janella, rubra como uma manhã primaveril e palpitante como uma corsa assustada, Helena, o olhar vagamente perdido na amplidão desdobrada dos valles fronteiros.

Por longo tempo a moça se conservou nessa attitude absorta... No momento de tomar a resolução decisiva para o seu futuro, era o passado que vinha insistente povoar-lhe de reminiscencias e evocações o pequenino cerebro atordoado. Da velha mãe, que perdera na primeira infancia, apenas lhe restavam, como o vago sabor de um carinho dulcissimo, umas tenues sombras, diluidas, apagadas quasi, na mais recondita dobra de sua memoria infantil.

Depois dessa simples bruma, indecisa, porém carinhosa, outras saudades de maior

~~consistência, lremotas~~ ainda, porém mais vivas e nitidas, perpassavam-lhe no espirito; eram os cuidados e sorrisos de umas velhas tias, sob cuja protecção correram tantos annos de sua meninice; os folgueiros de criança, com outros alegres companheiros, cada um dos quaes tomou seu rumo, e muitos se perderam de vista; as perspectivas truncadas das paizagens e dos sitios onde se desenrolaram as estações mais características da existencia, uma faixa de praia arenosa toda semeiada de longos e recurvados troncos de coqueiros moveiros, um canto de chacara escondido sob a verde-negra e sombria copa das mangueiras annosas... E, de envolta com esses velhos retalhos de reminiscencias, outros factos, de era mais recente, se foram succedendo no espirito agitado da moça, cada qual trazendo e juntando uma nova emoção, uma ternura nova.

Findo esse longo e melancolico exame de consciencia, a que fôra involuntariamente arrastada, mas no qual se deixara ficar, sem resistencia, presa do suave encantamento desse saudoso recordar de coussas de outro tempo, Helena chegou aos dias presentes. Sobre a magna questão

www.livroeletronico.com.br

muito pouco havia a meditar. D. Branca tinha dito inteiramente a verdade. A escolha estava feita, desde muito fallara o coração da moça. A delicadeza, porém, dos seus sentimentos, o travo do desgosto que ia causar a um dos seus adoradores, o receio de que o facto, por qualquer forma, fosse contrariar aquella boa gente que, com tanta generosidade, a havia acolhido, tinham-na feito acastellar-se naquella impenetravel reserva. Era urgente e indispensavel, porém, que se manifestasse agora. Seu silencio não se podia prolongar por mais tempo; era mister fazer conhecida a escolha de seu coração.

Ambos os pretendentes, como dissera D. Branca, eram dignos da gentil esposa que a um delles estava destinada: de bons sentimentos, de fino trato, de caracter puro e brando. Joaquim, o mais velho, trinta annos, era um typo varonil e respeitavel de homem feito; o rosto, queimado pelas soalheiras do sertão, era extremamente sympathico, revestido de uma fina barba, negra e lusidia, animado pelo brilho vivo dos olhos, negros tambem. Conrado, o mais moço, pouco mais de vinte annos, deixára apenas de ser uma criança;

louro, ~~claro, timido, ca~~ ainda não affeito aos grandes labores, aos grandes cansaços da luta pela existencia, era antes um filho mais velho do patriarchal Felisberto.

Desde o primeiro momento, Helena impressionou-se pela figura máscula de Joaquim. Vira-o logo após a chegada da bandeira do irmão aos arraiaes dos Caldeiras. Felisberto o mandara a entender-se com Fróes, e, a attitude cortez mas energica, que elle soubera manter nesse primeiro encontro, que foi rapido mas duro, denunciou-o aos olhos da moça como um forte e um resoluto. Depois, a convivencia dos primeiros dias, lhe veio mostrar que esse homem valente era um meigo e um contemplativo, e o coração de Helena, já impressionado, cedeu. O outro era por certo mais bello, mais amoroso e mais delicado, talvez. Mas, Helena o comprehendia bem claramente nesses tempos, e para a vida que levavam, a mulher devia procurar no marido, sobretudo, o braço forte e protector, o amparo e o escudo contra as vicissitudes varias da vida arriscada e incerta.

E o coração da moça deixou-se irresistivelmente prender, na sua fraqueza, em

meio daquellas vastas florestas seculares, longe de toda a gente e de todo o recurso, pela necessidade imperiosa de se ver defendida e amparada.

E assim, amou discreta e caladamente. E tanto que, ao outro dia, quando D. Branca, vendo-a, veio dar-lhe o beijo de todas as manhãs, e disse-lhe, abraçando-a com ternura:

— A noite é boa conselheira... Já firmaste uma resolução?...

— Já..., respondeu timidamente a moça.

— Conrado?!, perguntou a esposa de Felisberto, olhando-a, com ar triumphante, como se lhe houvesse adivinhado o pensamento.

Helena abaixou a cabeça e, tomando com as mãos ambas, o pequeno avental de cambraia branca, disse, quasi sem voz:

— Não; o outro...

www.libtool.com.cn



IX

O CONTRACTO DOS DIAMANTES

Aboda se celebrou, pouco tempo depois, num povoado mais proximo, onde um velho jesuita estava fazendo missões e regularisando, em face da igreja, os consorcios naturaes que cada choupana acoitava.

Todos, excepção de Conrado, que, depois do desmoronar de seus castellos, abandonara quasi a habitação da familia, entregando-se, com ardor febricitante, aos labores pesados da mineração, todos acompanharam os felizes noivos ao templo do Senhor e formaram o pequeno cortejo nupcial. (41)

(41) Do consorcio de Joaquim Caldeira com a irmã de Fróes descendem a familia de que hoje é chefe o Cons. Antonio Pedro da Costa Pinto.

www.librariana.net na mesma faina dos primeiros tempos, continuou a vida do Pyracatú cuja população crescia, aos poucos, pelo contingente de aventureiros que vinham chegando e se incorporavam aos trabalhadores de Froes ou de Caldeira.

Já era perigoso prolongar por mais tempo o trabalho clandestino da mineração. Tinha soado a hora em que se tornava imperiosa a denunciaçāo do precioso sitio. Apezar disso, porém, da consciencia do risco que os exploradores corriam de tudo perder, querendo ajuntar, ainda um pouco, ao colossal thesouro que já possuiam, principalmente Felisberto, cuja estrella protectora jámais empallidecera, apezar disso, em Pyracatú se achava sempre demasiado cedo para deixar de fruir, sem socios e sem fiscaes, o veio inexaurivel.

Por esse tempo chegou a Felisberto noticia de que iam em grande desmoralisaçāo os negocios do contracto dos diamantes do Tejuco e que os contractadores, que haviam conseguido renovar o primeiro contracto, pelo tempo de mais quatro annos, estavam perdendo a esperança de alcançar, uma terceira vez, a renovaçāo do prazo.

Desde logo nova e mais brilhante perspectiva se abriu ao espirito ardente de Felisberto.

Os echos phantasiros das riquezas extraordinarias do districto do Serro do Frio, sempre tinham produzido no animo do ambicioso paulista uma impressão profunda, uma attracção irresistivel.

A perspectiva de que elle podia ser o contractador e passar o resto dos dias cenvando o olhar, cançado já do reflexo claro do ouro, na cristalina luz dos diamantes, inebriava o espirito de Felisberto Caldeira, que, afinal, resolveu partir com a familia para o Tejuco.

A José Rodrigues Froes ficou destinada a permanencia em Pyracatû. Era pelo anno da graça de 1744, e Froes levou do grande descoberto conhecimento a Gomes Freire de Andrade, Governador da Capitania (42); e assim, foi nomeado guarda-mór, superintendente e distribuidor dos terrenos, cabendo-lhe, de acordo com o Regimento, a *data de preferencia* que elle escolheu no local de maior fartura.

(42) *Mem Hist. da Cap.* na *Rev. do Arch. Min.* 2, 3, 429; *Saint Hilaire, cit.*, pag. 282.

Entregues, desta forma, as novas minas
à exploração dos aventureiros, e divulgada
a prodigiosa abundancia dos novos ma-
nanciaes, de toda a parte affluiram con-
currentes ás preciosas datas, e, em pouco
tempo, o primitivo e patriarchal povoado
dos Caldeiras, se transformou em populosa
e florescente villa. (43)

Pelos fins do anno de 1747, estando a
terminar o tempo do segundo contracto
para extracção do diamante na comarca do
Serro do Frio, celebrado, desde 1744, com
João Fernandes de Oliveira e Francisco
Ferreira da Silva, que já haviam sido
arrematantes do primeiro contracto, aban-
donou Pyracatú e veio estabelecer-se no
Tejuco, com toda a grande escravaria afeita
ao rude labor da mineração, a opulenta
familia dos Caldeiras.

Felisberto havia trazido de sua estada
em Pyracatú, um acervo colossal de ouro e,

(43) Já com o nome de *Paracatú do Príncipe* foi a po-
voação erigida em villa por alvará de 20 de Outubro de
1798, publicado na *Rev. do Arch. Mineiro*, 1, 2, 847.
Atesta, entretanto, Saint-Hilaire (*Voyages cit.* pag. 283,
nota 1) que ainda em 1819 o carimbo do Correio trazia o
nome *Piracatú*, nome que ainda se encontra em muitas
chronicas e manuscritos do principio deste seculo, as
vezes, escrito com *g*: *Pyracatú*.

logo apoiç seu estabelecimento no arraial, começaram a correr em torno do seu nome e de sua fortuna as lendas e os conceitos mais phantasiosos.

Tejuco desse tempo, se bem fosse ainda um simples arraial dependente da Villa do Principe, cabeça da extensa comarca do Serro do Frio, creada pelo Governador D. Braz Balthazar da Silveira, por alvará de 29 de Janeiro de 1714, já era um grande e regular povoado de muitos milhares de almas. «Entre os infinitos arraiaes da Capitania, o Tejuco competia, sem falta, com as grandes villas.» (44)

Apesar da proibição rigorosa de entrada na demarcação diamantina, sem expresso consentimento do Intendente, só

(44) *Breve descripção geographica, physica e política da Capitania de Minas Geraes*, por Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos, manuscrito de 1807, existente na B. Nac. (Cod. 5-71, mod.)

O autor era bacharel e portuguez de nascimento. Quando em 1801 se mandou proceder á inquerito no Tejuco para verificação dos — «actos de prepotencia, escandalo, tyrannia e crueeldade do famigerado Intendente João Ignacio da Amaral Silveira», denominado o *Coração de Ferro*, o A. servio de Escrivão do Ouvidor de Villa Rica, desembargador Modesto Antonio Mayer (?) encarregado dessa diligencia (Veiga. *Ephemerides Mineiras*, na data 9 de Julho de 1801, 3º vol. pag. 71.)

possível de obter depois de prova irrecusável de profissão tolerada, — a fama universal do Tejuco trazia-lhe o aumento crescente da população.

Viviam os povos do distrito sob a mais acerba tyrannia, sob o domínio de uma lei que havia abolido a justiça e só se movia pelos impulsos da prepotencia e do interesse. Não obstante tudo isso, porém, eram muitos os que procuravam habitar Tejuco e seu distrito. Havia sempre a esperança de um bafejo da sorte, e de boa mente se aceitava a possibilidade do triumpho em meio do descalabro geral dos pequenos aventureiros do diamante, — espoliados e tolhidos em sua acção, se pretendiam se amoldar aos rigores insupportáveis dos regimentos, — perseguidos e exterminados, se se entregavam aos perigosos azares do contrabando e do garimpo.

Assim, fervilhava nas ruas do arraial uma densa população, entregue aos azares de varios mistéries, sob as vistas atentas e impertinentes dos dragões e dos meirinhos.

Uma vez estabelecido nesse novo meio social, tratou Felisberto Caldeira de informar-se da situação, procurando desde

principio libertar-se com espírito do povo por actos de liberalidade, no que, aliás, obedecia ás naturaes inspirações do generoso instinto.

Poude, desde logo, comprehender o gráo de odiosidade em que era tido o contracto da extracção. Todos viam no contractante feliz um rei pequeno que se lhes outorgava, cheio de vontades e caprichos, e para cujo gaudio e interesse era mister trabalhar e soffrer.

Por força de uma autoridade, que não sabiam de onde vinha, a elle se concedia o monopolio irracional da extracção, o privilegio absurdo da cata dos diamantes.

Fóra dahi, tudo era crime, para tudo havia, nos previdentes e meticulosos regimentos, bandos e portarias, disposições que impunham penas odiosas, acarretando a desgraça dos pobres mortaes. O direito, que cada um julgava ter, de apanhar na terra, mesmo na que era sua, aquillo que a terra lhe dësse, era confisgado, roubado, espoliado e entregue, sem cerimonia nem satisfação, a outrem para que explorasse em proveito proprio.

Não podia haver iniquidade mais clamorosa, usurpação mais injusta. Entretanto,

www.libtool.com.cn

desde que, para viver, era preciso submeter-se á dura contingencia, fatal e imperecivel era que se submettessem. Fóra disso não havia salvação.

Felisberto ficou desde logo inteirado dos factos. Os contractantes, mãos dadas com os empregados do implacavel e rispido Intendente, tinham praticado toda a sorte de baixesas e crueldades. Era tal o descontentamento contra elles, que a renovação do contracto teria talvez trazido um movimento popular.

Alem disso, grandes queixas tinham sido levadas ao conhecimento superior da administração da Capitania sobre o modo porque os contractantes se haviam portado, sobre as exacções que haviam praticado, com a cumplicidade submissa das autoridades locaes, sobre as graves faltas que haviam commettido em prejuizo da Real Fazenda, pois, era fama geral, outros maiores contrabandistas e traficantes não havia que os mesmos senhores do contracto.

Em taes condições, verificou Felisberto que difficil não lhe seria supplantar os concurrentes, se bem que os contractadores, amparados por valiosas protecções,

pleiteassem ardenteamente a renovação do
contracto.

A ruina dos contractadores havia sido completa. Não sei se porque a sorte lhes fosse adversa, ou porque houvesse faltado direcção á empreza, ou porque fosse muito elevada a contribuição para o erario regio, o certo é que, já a primeira recondução do contracto, fôra feita para ver se podiam os arrematantes se remir dos enormes compromissos, que lhes haviam ficado dos quatro primeiros annos de exploração.

Entretanto, mais arruinados ainda, e «sem remedio humano» para sua situação económica, os veio encontrar o termo do segundo prazo. (45)

De tal forma, apezar dos esforços, principalmente dos grandes credores dos contractantes, muito duvidoso era que continuassem a merecer a confiança da administração.

E assim foi. Affixados os editais abrindo a praça para rematação do novo contracto, pelo tempo de quatro annos, alem da proposta dos contractantes, cujo prazo findava,

(45) *Do descub. dos diamantes*, cit. Ms. da R. Nac., pag. 66.

foi mais apresentada ao Sr. Intendente a proposta de Felisberto Caldeira Brant que, sem grande exame e discussão, foi aceita e aprovada.

Tal era a fama de que já gosava o novo arrematante e tal foi a quantidade de ouro que, ao entrar no distrito diamantino, acusou, como determinava o Regimento, e efectivamente deu a guardar nos cofres da Intendencia, que foi dispensado de qualquer fiança ou caução. (46)

O contracto era para durar de 1 de Janeiro de 1748 a 31 de Dezembro de 51; por circumstancias e razões, que depois serão vistas, durou por mais um anno.

Como os antecessores, deveria Felisberto trabalhar com seiscentos escravos, dos quais duzentos seriam destacados para o novo descoberto diamantino dos Pilares e rio Claro, em terras de Goyaz, e para onde efectivamente seguiram juntamente com Joaquim Caldeira. Os quatrocentos restantes seriam para saiscar no distrito, tendo-se-lhes determinado para o lavoura, na estação da secca, o leito e as gupiarias do Jequitinhonha, da lavra do Matto para

(46) Informação pessoal do Sr. Visconde de Barbacena.

baixo, o Rio das Pedras e o ribeirão do Inferno; e, no tempo das aguas, em que estes rios se tornavam caudalosos e de impossivel lavor, lhes era permittido trabalhar nos correlos, gupiaras e terras vizinhas que, fossem designadas pelo Intendente. (47)

Esse terreno assim delimitado era uma parte diminuta do districto diamantino, em cuja área se vedou terminantemente a cata do diamante. Ao tempo da celebração do primeiro contracto, em 1739, Gomes Freire de Andrada, então Governador e Capitão General da Capitania das Minas Geraes, mandou proceder a uma nova demarcação do districto defeso, por já se haver verificado a existencia do precioso cascalho em muitos sitios, fóra dos limites da primitiva demarcação, feita por Martinho de Mendonça, ao tempo do conde de Galvães, de famosa memoria.

O contracto celebrado com Felisberto mantinha as mesmas condições dos contractos anteriores, reduzida a capitação de 230\$ a 220\$. Pagou, porém, o novo contratador, de principio, 10\$ por cada um dos

(47) Joaquim Felisbelo, *Mem. do Distr. Diam.*, pag. 75.

600 escravos com titulo de esportula pela assignatura do contracto. (48)

Além daquella pequena alteração, continha ainda a clausula 18 uma original novidade. Estabeleceu-se que os diamantes dos anteriores contractos, em grande cópia depositados nos cofres da Caixa de Lisboa, se não podessem vender sinão depois de vendidos os que Felisberto en viasse de seu proprio contracto. (49)

Essa disposição, que privou o contracto de ter desde logo meios de adquirir recursos para as primeiras necessidades, veio posteriormente servir para solução de grandes dificuldades que surgiram.

Tinham, porém, os ministros do thesouro em Portugal a preocupação de evitar o barateamento do diamante, o que de certo succederia desde que nos mercados europeus apparecesse, com excessiva abundancia, esse producto natural, sem outra utilidade que a de servir de adorno luxoso ás damas e aos opulentos.

Por isso, cuidando de auferir da extracção, sem gastos e sem esforços, o

(48) Souhey, *Hist. do Brasil*, cit. vol. 6, pag. 223.

(49) *Do descob. dos diam.*, cit. Ms. da B. Nacional.

maximo resultado possivel, curavam igualmente de limitar a actividade extractiva do contractante, estabelecendo as mais duras penalidades para a violação dessa parte do contracto. Não obstante, dizem as chronicas, sempre os contractantes empregaram nas lavras muito maior numero de praças que as seiscentas do ajuste, e, quanto aos Caldeiras, sabe-se que, ao tempo de findar o seu contracto, possuiam no Tejuco, lavrando nas minas, cerca de quatro mil escravos.

Chegado o dia primeiro do anno de 48, depois de ouvir solememente missa na igreja parochial de Santo Antonio, com toda sua gente e aggregados, Felisberto Caldeira assumiu a responsabilidade da extracção das lavras diamantinas e novas auras de bonança sopraram sobre a terra infeliz do Tejuco.

www.libreto.com.br
600 escravos e a titulo de esportula pela assignatura do contracto. (48)

Além daquelle pequena alteração, continha ainda a clausula 18 uma original novidade. Estabeleceu-se que os diamantes dos anteriores contractos, em grande cópia depositados nos cofres da Caixa de Lisboa, se não podessem vender sinão depois de vendidos os que Felisberto enviaisse de seu proprio contracto. (49)

Essa disposição, que privou o contrato de ter desde logo meios de adquirir recursos para as primeiras necessidades, veio posteriormente servir para solução de grandes dificuldades que surgiram.

Tinham, porém, os ministros do thesouro em Portugal a preocupação de evitar o barateamento do diamante, o que de certo succederia desde que nos mercados europeus apparecesse, com excessiva abundancia, esse producto natural, sem outra utilidade que a de servir de adorno luxuoso ás damas e aos opulentos.

Por isso, cuidando de auferir da extracção, sem gastos e sem esforços, o

(48) Southey, *Hist. do Brasil*, cit. vol. 6, pag 223.

(49) *Do descob. dos diam.*, cit. Ms. da B. Nacional.

www.libtool.com.cn
maximo resultado possivel, curavam igualmente de limitar a actividade extractiva do contractante, estabelecendo as mais duras penalidades para a violação dessa parte do contracto. Não obstante, dizem as chronicas, sempre os contractantes empregaram nas lavras muito maior numero de praças que as seiscentas do ajuste, e, quanto aos Caldeiras, sabe-se que, ao tempo de findar o seu contracto, possuiam no Tejuco, lavrando nas minas, cerca de quatro mil escravos.

*

Chegado o dia primeiro do anno de 48, depois de ouvir solemnemente missa na igreja parochial de Santo Antonio, com toda sua gente e aggregados, Felisberto Caldeira assumiu a responsabilidade da extracção das lavras diamantinas e novas auras de bonança sopraram sobre a terra infeliz do Tejuco.

www.libtool.com.br
600 escravos e a titulo de esportula pela assignatura do contracto. (48)

Além daquella pequena alteração, continha ainda a clausula 18 uma original novidade. Estabeleceu-se que os diamantes dos anteriores contractos, em grande cópia depositados nos cofres da Caixa de Lisboa, se não podessem vender sinão depois de vendidos os que Felisberto en-viasse de seu proprio contracto. (49)

Essa disposição, que privou o contrato de ter desde logo meios de adquirir recursos para as primeiras necessidades, veio posteriormente servir para solução de grandes dificuldades que surgiram.

Tinham, porém, os ministros do thesouro em Portugal a preocupação de evitar o barateamento do diamante, o que de certo succederia desde que nos mercados europeus apparecesse, com excessiva abundancia, esse producto natural, sem outra utilidade que a de servir de adorno luxuoso ás damas e aos opulentos.

Por isso, cuidando de auferir da extracção, sem gastos e sem esforços, o

(48) Southey, *Hist. do Brasil*, cit. vol. 6, pag 223.

(49) *Do descob. dos diam.*, cit. Ms. da B. Nacional.

www.libtool.com.cn

maximo resultado possivel, curavam igualmente de limitar a actividade extractiva do contractante, estabelecendo as mais duras penalidades para a violação dessa parte do contracto. Não obstante, dizem as chronicas, sempre os contractantes empregaram nas lavras muito maior numero de praças que as seiscentas do ajuste, e, quanto aos Caldeiras, sabe-se que, ao tempo de findar o seu contracto, possuiam no Tejuco, lavrando nas minas, cerca de quatro mil escravos.

*

Chegado o dia primeiro do anno de 48, depois de ouvir solemnemente missa na igreja parochial de Santo Antonio, com toda sua gente e aggregados, Felisberto Caldeira assumiu a responsabilidade da extracção das lavras diamantinas e novas auras de bonança sopraram sobre a terra infeliz do Tejuco.

www.lib.Muitos)delles não haviam escolhido essa vida precaria por expontanea deliberação.

Infelizes, sobre cujas cabeças havia sido fulminada uma condenação de despejo ou degredo; victimas, a quem a prepotencia irracional e barbara do Intendente havia supprimido o meio regular de vida, confiscado os bens, paciente e laboriosamente accumulados; miseros, a quem uma decisao injusta impossibilitou de soccorrer, por outra forma, as familias miseras, atiravam-se, como recurso extremo e desesperado, ao garimpo, em cuja aventurosa empreza poderiam, de um dia para outro, ver apparecer a libertação das miserias do mundo, com o achado possivel de uma jazida secunda. Além desses forçados do garimpo, atados ao arriscado officio pelas contingencias irremediables do destino, e aos quaes se juntavam os escravos fugidos, havia é certo, e em grande escala, os garimpeiros voluntarios, aquelles aventureiros audazes, que, em meio dos maiores riscos e emoções, elegiam como sua essa vida de lutas e alternativas, indo tentar a fortuna nas reconditas brenhas dos sertões, arrostando, com heroismo e alma aberta, a perseguição, a caçada.

A chronica do districto diamantino está cheia das historias commovedoras dos garimpeiros.

Vélando ao relento, de atalaia, ou dormindo nas pequenas cafúas, nos mais abrigados reconcavos das serras e penedias, é semelhante de episodios e scenas, em que sempre a brutalidade humana representou bem triste papel, a accidentada existencia desses infelizes.

Jámais aggredindo os viandantes, não cuidando senão do seu trabalho, delles não podendo advir o menor perigo para a ordem publica e para o socego dos particulares, não podiam certamente comprehender porque se os perseguiam portal forma deshumana e barbara. Não eram elles, sem duvida, os usurpadores e invasores da terra.

Aquelles céos azues, sob cuja limpidez trabalhavam e viviam, tinham visto e allumiado a hora de seu nascimento; e aquellas aguas, agora barrentas e turvadas, cuja frialdade sentiam nas pernas, quando estavam no meio dos corregos, fiscando nas bateas ou ajuntando cascalho, haviam sido, quando cristalinas e puras, a agua do baptismo de muitos delles, que tambem

~~eram christãos e filhos de Deus, como os~~
que vinham do reino.

A elles, entretanto, que lavravam tranquillamente e nos lugares em que ~~ninguem~~ lavrava, se perseguiu e atacava como a animas ferozes, que por ventura enfestassem e devastassem aquelles sertões sem fim...

Era uma existencia bem desgraçada a que levava o garimpeiro e mais de uma historia commovedora registra a accidentada chronica do districto.

Ao lado do garimpeiro, florescia, apezar do extremo rigor, o commerçio dissimulado das pedras occultamente apanhadas, e essa industria, com ser de muito perigosa exploração, não deixava comtudo de proporcionar avultados lucros, engendrando a avidez do ganho e do interesse variadas e engenhosas formas de simulação e fraude.

Contra esse rendoso commerçio, dos *pechilngueiros* todas as providencias se demonstraram inuteis.

Chegou-se ao extremo de mandar despejar summarienta da demarcação toda a pessoa que não demonstrasse ter um emprego ou officio e de se prohibir que, nas mesmas condições, qualquer pessoa viesse

residir no distrito, incorrendo nas penas de «serem presas e enviadas com praça para a Nova Colonia», no caso de persistirem.

«E bem assim, fulminava uma ordem da Intendencia, incorrerá na dita pena toda a pessoa, de qualquer qualidade e condição que seja, que tiver, ajudar ou consentir em suas casas, roças, sítios ou fazendas a alguém sem officio ou emprego.»

Além disso, a vida das pequenas indústrias toleradas no distrito era rigorosamente regulada. As *quitandeiras* não podiam circular livremente, com seus taboleiros, pelos povoados e campos: eram adstrictas a fazer seu pequeno negócio em certas ruas e localidades, de antemão designadas. As *vendas* só podiam estar abertas a determinadas horas e só podiam vender fóra de portas, ao ar livre, e não nos balcões instalados dentro dos armazens. E assim, tudo o mais.

Finalmente, como meio de pôr termo a alguma reclamação ou chicana, que ainda ousava surgir em defesa dos infelizes colhidos nas malhas da *devassa*, um bando previdente exterminou da demarcação toda a casta de advogados e rabulas, e

www.intldisse.com modo absoluto, o exercicio da advocacia nos auditórios da Intendencia. Para que fosse esclarecido o espirito do julgador e justiça fosse feita, bastava, ao lado da delação gananciosa e vil, a propria consciencia, prevenida e parcial, do Juiz e o seu zelo pelo interesse do seu Rei e Senhor, fonte e origem de todo o bem e de toda a Justiça...

Contra os pretos e escravos fugidos as ordens, eram do mais deshumano rigor.

Já anteriormente havia sido creada a instituição dos *capitães do matto* e estabelecida a tarifa da captura ou morte de um escravo fugido, conforme a distancia e os perigos da empreza. (51)

E agora, para aquelles que fossem apinhados em *quilombos*, mandou o alvará de 3 de Março de 1741, que se lhes «puzesse com ferro em braza uma marca em uma espadua com a letra —F—, que para este efeito haverá nas Camaras: e, se quando se for executar esta pena, fôr achado já com a mesma marca, se lhe cortará uma

(51) Deu regimento e tarifa para os *capitães do matto* o Alvará de 17 de Março de 1722, expedido por D. Lourenço da Almeida. Vem na integra na *Rev. do Arch. Min.* 2, 2, 389.

orelha, tudo por simples mandado do Juiz de Fóra ou ordinario da terra ou do Ouvidor da Comarca, sem processo algum e só pela notoriedade do facto, logo que do quilombo for trazido, antes de entrar para a cadéa ». (52)

Apezar disso, além de que os escravos fugidos engrossavam continuamente os bandos de garimpeiros, os proprios escravos, mesmo em sua occupação normal, sob a esperta vigilancia dos fiscaes do serviço, muitas pedras desviaiam do mealheiro do contractador.

Com o aperfeiçoamento dos meios e apparelhos de faiscar diamantes, todo o serviço era agora feito fóra do leito dos rios e gupiaras proximas. (53) Conduzia-se o cascalho para longos galpões de sapê, onde se o depositava em pequenos tanques oblongos, de madeira, em que agua constantemente corria.

(52) Do Alvara régio encontra-se o teôr em Joaquim Feijó, *Mem. do Distr. Diamant.* cit. pag. 70.

(53) J. Mawe (*Voyages dans l'interieur du Brésil*, vol. 2, pag. 41, edic. francesa de 1818) descreve minuciosamente o novo sistema de mineração, ao tempo em que viajou pelo Districto Diamantino (1809—1810) e oferece uma interessante gravura, representando um dos longos galpões em que os escravos trabalhavam.

~~www.Educaçao~~ Em cada tanque havia um escravo e cada grupo de quatro escravos tinha um vigia fiscalizando o trabalho, sentado em um alto banco de madeira, sem braços nem encosto, para que estivesse sempre dispero.

Os escravos trabalhavam de pé, com a cabeça voltada para o vigia, sómente vestidos de umas calças ou apenas circundados de uma pequena tanga de baeta, e esse trabalho, que os obrigava a estar sempre curvados e em movimento, tanto para mexer o cascalho, como para lançar fóra as pedras inuteis e escolher os diamantes, era tão penoso e os obrigava a uma postura forçada, tão violenta e cansativa, que era preciso, de espaço a espaço, se lhes dar um pouco de descanso.

Aquelles que não eram dotados da natural robustez commun dos africanos, em pouco tempo definhavam e morriam e os que, ainda creanças, não tinham attingido ao pleno desenvolvimento physico do corpo, não raro ficavam aleijados e corcundas.

Logo que descobria e apanhava um diamante, o escravo devia erguer o corpo, bater com as palmas das mãos, para

chamar a atenção do vigia, e apresentar a pedrinha que era recolhida a uma gamela pendurada do tecto do galpão.

Ainda assim, entretanto, elles achavam sempre meios e modos de, subtrahindo-se á continua vigilancia dos inspectores, munidos sempre de uma comprida vergasta, desviar e apanhar furtivamente todos os diamantes que lhes appareciam de maneira opportuna para a escamoteação.

Para evitar um pouco que essa fraude se desse, os vigias costumavam, de vez em quando, fazer os escravos permutarem as canoas em que estavam trabalhando, de modo a fazel-os perder a pista de alguma pedra grande, que tivessem cautelosamente prendido a um canto para depois, fóra de horas ou em momento opportuno, tomala e guardala.

Isso, porém, apenas conseguia prejudicar um ou outro plano engendrado, mas de forma alguma diminuia o furto que era frequente e abundante.

Diversos e variados aspectos tomavam os artifícios empregados pelos escravos para a occultação dos diamantes e, para dar a medida da variedade destes artifícios, passo

www.imeuol.com.cn
para aqui, guardando a ortographia, uma pagina de velho manuscrito : (54)

« He incrivel a propensão e a destresa que tem adquirido todos os Negros para furtarem os Diamantes. Este vicio está entre elles tão arraigado e universal que apenas chegão alguns Moleques de novo ao serviço, o primeiro cuidado que tem os mais antigos e experimentados he o ensinarem aos Moleques toda a manobra e a cujo fim os exercitão com seijões e grãos de milho os quaes atirão de longe para a bocca e deste modo se habituão a os receberem nella para os engulirem. Tambem os mettem na bocca havendo-os primeiro palmado ou escondido entre os dedos ; e, logo que disto se pode ter alguma desconfiança, se lhes sacão do ventre á força de cristéres de pimenta malagueta.

« Os Negros, se podem amassar o Diamante com barro ou pissárra, lanção fora marcando a paragem onde cahiu para depois o virem buscar e extrahirem a pedra. Quando não podem furtar o Diamante pela vigilancia do Feitor, o encostão á

(54) *Do descob. dos diam.*, Ms. cit., da B. Nacional.

cabeceria da canôa e o cobrem de esmeril para tentarem de noite o vir tiral-o.

« Como todos os negros andão nus durante o serviço das lavagens, onde só se lhes permitte o estarem cobertos com a sua tanga, que é hum pedaço de baeta envolta á roda da cintura, nesta baeta cozem elles um bocadinho de outra que visto parece um remendo, mas lhes serve de bolso para metterem o Diamante quando acham qualquer occasião de furtal-o. Tambem para isso apegão á mesma tanga hum bocadito de cera da terra que he molle, na qual enterrão o Diamante depois de havel-o palmado e para o fazerem mais seguramente fingem nessa occasião alguma necessidade corporal. Depois de palmado o Diamante, o que elles fazem tão destramente como qualquer curioso de peloticas, algumas vezes os introduzem no nariz no acto de tomarem tabaco e o sorvem até lhes vir ter á bocca para o engulirem.

« Os Negros palmão o Diamante até com os dedos do pé, onde os conservão algumas vezes horas inteiras, e os levão nelles para as senzallas e, posto que nas sahidas das lavagens são examinados em todo o

www.seu.lcorpo.llassim.mesmo acontece não serem descobertos.

« Outros mettem um bocadito de cera preta e molle atraz das orelhas e fingindo que as cossão, depois de palmado o Diamante, o mettem na dita cera, da qual se servem igualmente pondo-a nos cabos e olhos do almocafre e palmado o Diamante o introduzem nella para o buscarem alli no fim de trabalho.

« Quando o cascalho sahe do lugar molhado em forma que por esta causa possão luzir os Diamantes na conduçao que delle fazem para o Payol, marcão logo a paragem onde o descobrirão. Antão fazem a diligencia para furtar numa batteya aquelle cascalho no qual esperão incontrar o Diamante. Tambem deixão crescer as unhas das mãos para com ellas fisgarem os Diamantes pequenos os quaes envolvem muitas vezes na carapinha que para isso deixão crescer até bastante altura ».

*

E assim, por estas e por muitas outras formas, que a phantasia cubiçosa ia

engendrando, os povos do Tejuco, livres e escravos, procuravam tirar desforra ao rigor que os opprimia, buscando alguma compensação para a dura existencia a que eram condemnados.

www.libtool.com.cn



O TEMPO DOS CALDEIRAS

Desde que a poderosa influencia dos novos contractadores da extracção se começou a fazer sentir, comprehenderam os povos do districto que se iniciava para elles uma éra de melhor estrella.

Regido por leis especiaes e de excessivo rigor, o districto demarcado era como uma outra terra, insulada no coração da capitanía mineira, excluida da communhão das leis geraes, acorrentada a odioso regimen de excepção, como premio exemplar de sua fabulosa uberdade.

Até então, porém, jamais, como sob o imperio dos contractadores, havia tanto pesado sobre a demarcação o rigor dos

bandos e regimentos. E a tradicional generosidade de Felisberto veio dar novo aspecto a esse deploravel estado de cousas.

O tempo dos Caldeiras ficou assignalado na memoria agradecida dos povos como o de sua melhor fortuna.

Por conta ou inspiração de Felisberto a ninguem se perseguia; e como, com o apparecimento da autoridade do contractador, immediatamente interessado na repressão do contrabando, havia naturalmente arrefecido o zelo incansavel dos directos representantes do fisco, a consequencia foi que os povos da demarcação começaram a gozar de quasi liberdade na exploração do diamante.

Confiantes de que os Caldeiras, movidos pelo proprio interesse, curassem, como o haviam feito os seus antecessores, da exacta observancia do regimento, tão proveitosa para o exito do contracto, os officiaes de dragões e os fiscaes da Intendencia deixaram-se ficar na commoda inactividade a que os havia acostumado a vigilancia continua e severa dos anteriores contractantes.

Felisberto, porém, não era da mesma estofa dos que antes delle haviam explorado

o ~~contracto~~. Por indole, incompativel com qualquer tyrannia ou crueldade, soube o contractador manter-se coerente com as tendencias do seu espirito quando o acaso lhe entregou a autoridade e o poderio. Jamais dos seus labios partiu uma ordem de extermínio ou confisco; jamais de seus actos teve alguem de guardar dolorosa ou pungente lembrança. Era generoso e bom; e se, da exploração do Tejucó, tirava grandes proveitos que, em pouco tempo, lhe avolumaram consideravelmente os já consideraveis haveres, não cuidou jamais de impedir ou embaraçar que todos quantos quizessem se enriquecessem tambem.

Por essa fórmā, quasi livre da outr'ora insupportavel acção dos representantes do contracto e da Real Fazenda, desafogou-se o povo e, com afan desesperado, se entregou á cata do diamante, não querendo perder um só instante desse providencial basejo da sorte, como quem bem sabia que *não ha bem que sempre dure*, como já por esse tempo repetia a tradicional e ingenua sabedoria dos povos.

Para accentuar essa feliz situação em que se achavam os mineiros do Tejucó, coincidiu a enfermidade e morte de Placido

www.djalmeida.com.br

Almeida Moutoso, segundo Intendente dos diamantes, que sucedera, em 1741, ao austero e implacavel Raphael Pires Pardinho.

O desembargador Moutoso, depois de alguns annos de energica administração, foi affectado de uma grave molestia de que veio a fallecer.

Enfermo o Intendente, preso ao leito por atrozes padecimentos e descuidado, portanto, de suas funcções na magistratura da demarcação, afrouxaram-se todos os rigores que seu zelo inquebrantavel traziam vivazes e em dia.

Morto finalmente o malogrado Placido Moutoso, coube a substituição ao Dr. Francisco Moreira de Mattos, que desde muitos annos servia como Ouvidor Geral da Villa do Principe, com jurisdição ordinaria sobre toda a comarca do Serro do Frio.

Nada, porém, ganharam os interesses do fisco com a substituição do Intendente morto. O Dr. Mattos era um homem alcançado em annos e alquebrado por velhos achaques ; espirito condescendente e sem energia, era o ministro que menos convinha, em tal momento, para restauração da autoridade no Tejucu.

As coisas continuaram, pois, para ventura dos povos, mas em detrimento do erario, da mesma forma, se ainda se não aggravaram mais com a amizade e confiança que o contractador soube despertar no animo do valetudinario Ouvidor-Intendente. Os dois tornaram-se intimos.

O Ouvidor, urgido pela necessidade de suas novas funcções, havia deixado a residencia oficial da Villa do Principe, onde apenas ia, de quando em vez, para dar audiencia aos povos e deferir os seus requerimentos. Assistia o Dr. Mattos no Tejuco e era na Casa do Contracto que se o encontrava, a qualquer hora que de sua pessoa fosse mister. Cresciam de tal geito a autoridade e prestigio do Caldeira, que delles continuava sempre a usar em beneficio dos povos, que lhe abençoavam o nome.

Sob taes auspicios transformou-se a vida do triste arraial, sobre que até então pesára o máo fado de um infeliz destino. Passavam-se os dias sem que cada qual tivesse de registrar uma desgraça nova, uma nova calamidade. Já se não fallava mais na devassa, em outros tempos, continuamente aberta; nos despejos para

www.libtool.com.cn
fóra da Comarca, que a technologia offi-
cial, por um sentimento instinctivo de
aggravação de pena, denominava — *exter-
minio*; em deportações para a Nova Colonia
do Sacramento; no confisco, nos açoites,
emfim, em qualquer dos apparelhos funes-
tos do interminavel cortejo de castigos e
punições do Regimento.

Os moradores do Tejuco tiveram o seu
momento de vida regalada. E assim, se
a fortuna dos Caldeiras tomou proporções
fabulosas, a todos geralmente coube par-
tilhar de sua boa estrella. Em poucos
mezes havia mudado o aspecto soturno e
triste do arraial. Havia animação nas
ruas, alegria nas casas. Desoppresso do re-
gimen ferreo no qual havia, até bem pouco,
rastejado, o Tejuco divertia-se, gozando
da riqueza e bem estar que a tolerancia
na exploração do diamante a todos ia
proporcionando.

Esquecidas as severas prescripções que
embaraçavam e interdiziam, quasi, a en-
trada de novos habitantes no districto, a
população do Tejuco cresceu rapidamente;
de toda a parte chegavam novos mora-
dores e, animada por esse subito progres-
so, a demarcação exultou.

www.librepolis.com.br

Para o Tejucó se haviam passado também, juntamente com outros paulistas, os nobres pais de D. Branca de Lara, a esposa de Felisberto—José Pires de Almeida, «cidadão de S. Paulo, onde serviu os honrosos cargos da Republica» e D. Maria de Arruda, filha de João de Macedo, com quem aquelle se casára na Matriz paulistana em 1º de Julho de 1709 (55).

Registra a tradição do tempo que se desenvolveu no arraial o gosto pelo mais requintado luxo «excedendo a todas as grandes villas da Capitania em opulencia e no trato sumptuoso dos seus habitantes.» (56) Personagens, que vinham do Reino, alguns tendo viajado e assistido em varias Cortes da Europa, davam a nota.

As vestimentas e roupas das damas e cavalheiros eram talhadas no rigor dos ultimos figurinos francezes, e todo este fausto cortezão esplendia, vivaz e alegre, em matizadas cores de gorgorão e de setim, nas

(55) Pedro Taques, *Nobil. Paulistana* cit., na *Rev. do Inst. Hist.*, vol. 33, 1ª parte, pag. 174.

(56) *Breve descripção geographica etc.*, cit. Ms. da B. Nacional.

wwwbrilhantes recepções do contractador e nas sumptuosas festividades da Igreja.

Para alimento de todo esse luxo e regalo, davam fartamente o resultado da compra, a infimo preço, do fruto do garimpo e do contrabando.

Por toda a parte se colhia o lodo dos corregos ou o cascalho das gupiaras para as batéas do traficante ; e aquelles que por sua conta não bateavam ou faziam batear, é porque mais commodamente faziam seu negocio com os garimpeiros ingenuos, sem o trabalho cansativo e penoso da cata.

E em meio de todo esse descalabro, com esquecimento completo das ordens e determinações regias, tida como letra morta a intransigente severidade do Regimento diamantino, quedava-se, distrahido e cego, o velho Ouvidor-Intendente, cercado das homenagens interesseiras com que, de toda a parte, lhe lisongeavam a vaidade, satisfeito do renome benemerito com que a turba dos contrabandistas lhe aureolava o respeitavel appellido.

*

Em quanto por essa forma prosperava o arraial e augmentava a fortuna de todos,

~~sobre~~ a ditta favoravel corria para os Caldeiras a exploração do contracto.

Desembaraçados da irritante fiscalisação do Intendente, cujas boas graças Felisberto soubera captar do modo mais absoluto, os trabalhos da exploração se faziam por toda a parte onde conveniente fosse, com o numero de escravos que era mister para attender ás exigencias do serviço, sem respeito ás demarcações, precisamente limitadas, e ao numero maximo de praças, com que, nos termos do contracto, era permittido aos Caldeiras manear.

De tal maneira, foi abundante a colheita desde os primeiros tempos, e avultado o lucro que ao contractante ia ficando, depois de saldados os compromissos com a Fazenda Real.

Para Goyaz, como se tinha accordado, havia partido Joaquim Caldeira, o esposo de Helena Fróes, com duzentos escravos, assim de explorar os novos descobertos de Pilares e Rio Claro. Ainda não haviam chegado noticias do exito do emprehendimento; contava-se, porém, com o melhor resultado, que infelizmente não se alcançou, como adiante se dirá.

www.libtool.com.cn

Ele era o que era, não havia crescido e formado
de Felisberto, também evoluíram os animais
pelo que é visto e o prestígio de Felisberto
aumentou-se. E para comemorar que esse
era o origem de sua boa fama: que
gracias a seu espírito liberal e liberal, a
generosidade existente e boa de seu pa-
pão, era que se governava o Reino, daquela
verdade humana grande verdadeira reali-
zando prosperidade de grande: lucro de
todos os cidadãos.

E em gratidão e respeito, pagava-se a
Felisberto e que a todos da soberania com
bem estar e fortuna.

Tomava-se o apelido Caldeira e inde-
cessante chefe dos potes da democracia.
Era a sua autoridade que se buscava para
lidar contendas, para apagar disputas:
e, com a só saída de seu palavrão os
animais se aplacavam, as questões se re-
solviam, os direitos de cada um eram reser-
vados e a tranquilidade e a paz torna-
vam aos lares perturbados.

E, no fastígio de seu poder, no explendor
de sua opulência, vivia feliz e afortunado
certanista, feliz de ter autoridade e fortuna,
fortuna para fazer o bem, autoridade para
fazer os outros felizes.



XII

CONTRATEMPOS

Não durou porém, por todo o tempo do contracto o tempo aureo dos Caldeiras.

Em de fins de 1750, sabedor Gomes Freire de Andrada de quanto se passava na demarcação, tomou promptas e decisivas providencias para pôr termo ao anormal estado de cousas.

Achando-se já Sancho de Andrade Castro e Lanções nomeado Intendente dos Diamantes, o General expediu para o Tejuco uma portaria circumstanciada em que positivamente determinava uma serie de medidas que deviam ser desde logo postas em practica, antes da chegada do novo ministro.

Essa portaria, datada de 15 de Outubro daquelle anno resava assim :

« Por quanto tenho noticia se exercitar em fraudar a real fazenda,

www.libroscorona.com.br

tradicando em diamantes os mercadores, vendeiros e ainda os negros e negras das listas juntas por mim rubricadas, para que os mercadores e vendilhões fiquem certos que no dia 1º de Janeiro de 1751 devem mudar suas fazendas e pessoas para fóra da demarcação, em tal forma que no dia 8 do dito mez hajam sahido della: e os negros e negras forros sejam notificados para sahirem das terras demarcadas até o dia 10 do mez de Novembro deste corrente anno. E, saltando, alguma pessoa ao cumprimento do que determino, a fará prender e remetter a cadea de Villa Rica, e com certidão de todos os mais nomeados nas listas haverem sahido da Comarca ou das terras demarcadas. E por ser igualmente conveniente que nos arraiaes das mesmas terras se proceda em igual forma, o Dr. Intendente fará lançar fóra dellas todos os negros e negras forros que se acharem sem escravo, e ainda aquelles que tendo-os se não acharem empregados em ministerio que sustente seus senhores. Mandará

www.libtool.com.cn
alistar os mercadores e vendilhões que houver; e, fazendo um exame de seu procedimento, me dará conta com promptidão para mandar proceder na mesma forma que ao presente faço praticar. » (57)

Eram positivas e terminantes as ordens do Governador. Entretanto, não se deu por apercebido o negligente Ouvidor. A nada do que lhe era determinado deu cumprimento e, ou por influencia de Felisberto, ou por inercia e bonhomia proprias, as cousas continuaram absolutamente do mesmo modo.

Outras ordens e portarias vieram reiterar as energicas disposições da portaria de 15 de Outubro. A tudo fazia ouvidos moucos o Dr. Moreira de Mattos, que se contentava em comparecer, empoado e gamengo, aos frequentes saráos da Casa do Contracto, sempre cercado da corteza espectaculosa dos circumstantes.

De tal forma, ainda por muitos mezes gozaram os povos do Tejuco da proveitosa liberdade de acção tolerada pela descuidada apathia do Intendente.

(57) Joaquim Felicio, *Mem do Distr. Diam.*, pag. 80.

www.libertado.com.br Entre tanto, teve a situação de mudar de aspecto. Irritado o General Governador da Capitania com o abandono em que jaziam os negócios da administração diamantina, com desrespeito e esquecimento completo de suas ordens mais claras e formaes, como meio de estimular a acção do Intendente interino, compareceu, em pessoa, no Tejucó, onde chegou pelo mez de Setembro de 1751.

Presente, poude então Gomes Freire de Andrada aquilatar da desidiao proverbial do Intendente e fazer uma idéa da desordem extraordinaria que ia pelo serviço. Com espanto verificou e fez certificar pelo escrivão da Intendencia, Sebastião de Sampaio, que grande numero de portarias e ordens, entre as quaes se achava a referida portaria de 15 de Outubro, não tinham sido registradas, nem publicadas, e algumas havia que ainda se achavam fechadas nos primitivos envolucros, lacrados e intactos. (58)

Demittido desde o primeiro instante o funcionario que por tal modo se mostrava

(58) Joaquim Felicio traz em nota o teor de tal certidão (*Mem. do Distr. Diam.*, pag. 81).

relapso no cumprimento dos deveres do ministerio, cuja rigorosa observancia era tida por muito recommendeda, ficou o General em pessoa presidindo os serviços da administração e procurando fazer reviver as severas disposições do esquecido Regimento.

Varias medidas de rigor foram postas em practica, abrandadas, tanto quanto poude a natural bondade de Gomes Freire conciliar a brandura com o cumprimento das disposições vigentes.

O Contractador foi chamado á ordem em muitos pontos em que se havia collocado fóra da letra do contracto; muitos abusos foram cohibidos; recomeçou o vigilante e activo patrulhamento dos dragões da companhia estacionada no Tejuco; e, apoz a minuciosa correição, os serviços da demarcação foram normalisados, tanto quanto possível, depois de longos annos de inveterados e geraes abusos.

Iniciada assim essa obra trabalhosa de restauração da autoridade regia no distrito diamantino, logo em seguida á chegada do novo Intendente, tendo o Governador baixado um longo e preciso provimento, tendente a indicar o modo, não

~~www.digitacultura.pt~~
só de evitar a reprodução de abusos tais, como de trazer a normalização aos demais serviços, a que não pudera attender, por para tanto lhe não sobrar tempo e lazer, retirou-se Gomes Freire a cuidar de outros misteres que sollicitavam sua presença, deixando a fiel execução de suas ordens confiada, desta vez, a um rispido e intransigente executor.

Partido que foi Gomes Freire, logo que o Intendente se assenhoreou de todo o complexo mecanismo da administração confiada ao seu conhecido zelo pela Real Fazenda, desenvolveu uma actividade a que já se tinham desacostumado os povos da demarcação e que tão funesta lhes foi, como á fortuna dos opulentos Caldeiras.

E a faina autoritaria do Intendente se havia voltado sobretudo contra Felisberto, em quem logo vira o principal inimigo, fonte de todo o condemnado relaxamento dos antigos rigores; e, ou porque Castro e Lanções quizesse fazer praça de sua independencia e insubmissão á força extraordinaria e prestigio dos Caldeiras, ou porque tivera para isso recommendações secretas da Corte, onde por esse tempo já se receiava sobremaneira do vulto que no animo

popular liberdade, a autoridade real do famoso mineiro, o novo Intendente desenvolveu, contra Felisberto e os negócios do contracto, uma systematica e odiosa campanha de perseguição.

E não só aos Caldeiras pessoalmente se limitava a reacção irritante do Intendente; todos os amigos da casa e aquelles que se aproximavam do contractador ou viviam á sombra de sua protecção, começaram a sentir desde logo as consequências funestas dessa amisade.

A esses especialmente attingiam as medidas tomadas pelo Doutor Lanções. O extermínio, o confisco, a prisão, o açoite, — triste reprodução das scenas de um passado, quasi esquecido pela desforra de um período de inteira liberdade, vieram de novo, chamando os povos do districto á triste contingencia de sua sorte, figurar diariamente nos registros da chronica tejuquense.

E assim, passado inteiramente o tempo da bonança, mergulhou-se de novo o Tejuco na espessa nevoa dos seus tristes dias.

10

Com tudo, continuava prospera para os Caldeiras a exploração do contracto.

www.ubtoed.com.br Achavam-se em dia os pagamentos que deviam ser periodicamente feitos em Lisboa, e o eram por intermedio de letras sacadas contra a Caixa da Companhia, existente naquellea cidade e que estava a cargo de Manoel Nunes da Silva Tojal e José Ferreira da Veiga. E, além dessa importancia, que devia ser entregue ao thesouro regio, da exploração regular do districto demarcado continuava a sobrar o bastante para manter Felisberto no explendor faustoso de sua opulencia e accrescer-lhe ainda o seu já crescido acervo. (59)

Não devia, porém, ser perenne o brilho dessa boa estrella. Tambem para os Caldeiras chegou o periodo dos contratempos e das provações.

A parte do contracto que se referia á mineração de Pilares e Rio Claro, em Goyaz, que jámais fôra de proveitosa exploração passára a dar mais avultados prejuizos. Além de que a colheita dos diamantes era diminuta, não chegando nem para as despezas indispensaveis do serviço, não tendo

(59) Durante o tempo de seu contracto extrahio Felisberto 154.579 quilates de diamantes, cuja renda perfez 1.438:472\$837, tendo pago á Real Fazenda 609:526\$465 (*Do descob. dos diam.*, cit. ms. da B. Nac., pag. 32).

alcançado mais que duas oitavas por dia (60) aconteceu que, não havendo preparos e installações para o trabalho fóra do leito dos rios, no tempo das aguas o serviço tinha de ficar paralysado, inactivas assim, grande parte do anno, as praças pelas quaes se pagava capitação, com grave prejuizo para os interesses geraes do contracto.

Em consequencia de taes factos, Felisberto havia alcançado do governo geral uma alteração no primitivo ajuste e que foi firmada entre Gomes Freire de Andrada e o Dr. Alberto Luiz Pereira, procurador dos Caldeiras em Villa Rica, aos 21 de Março de 1751. Por essa alteração ficava o contractador libertado de proseguir no anno seguinte nas explorações de Goyaz, se até o fim do anno corrente não fossem recolhidas, em tal exploração, pelo menos, quatrocentas oitavas de diamantes.

Como ao fim daquelle anno, porém, tal colheita não houvesse sido alcançada, pôude Felisberto transportar para as minerações do Tejucu as duzentas praças

(60) *Memoria sobre o descobrimento, população e cousas mais notaveis da Cap. de Goyaz*, pelo Padre Luis Antonio da Silva e Sousa, na *Rev. do Inst. Hist.*, vol. 5, pag. 448.

~~destinadas a lavrar em~~ Goyaz, contingente que, apezar de muito desfalcado pelas perdas frequentes, veio avolumar o numero dos trabalhadores da demarcação mineira, por mais um anno que foi concedido.

Teriam assim as cousas mais ou menos se remediado, porque os avultados lucros que se aufeririam na prorrogação do contracto no Tejucó compensariam certamente os prejuizos da mineração em Goyaz, se um acontcimento funesto não tivesse ocorrido e dado pretexto e causa para a ruina do contracto e desgraçado fim de Felisberto.

Succedeu que, por um modo mysterioso e que jámais teve explicação ostensiva, foi roubado o Cofre da Intendencia, onde se guardava o producto das lavras do contracto e onde jazia, em deposito, grande quantidade de diamantes e de ouro pertencente a Felisberto. (61)

Jámais se pôde conseguir saber quaes foram os autores da ousada empresa. Por mais extensas e minuciosas que fossem as investigações e pesquisas, então feitas por

(61) *Southey*, cit., vol. 6º, pag. 224; *Joaquim Felicio, Mem do Distr. Diamant.* pag. 84.

ordem do Intendente, nada colheu a de-
vassa que pudesse esclarecer o obscuro
caso. E, graças a esse impenetravel mys-
terio, que envolveu o extraordinario roubo,
não deixaram de haver linguas malevolas
que, por um lado, chegassem a attribuir o
successo extranho á malversação do Con-
tractador, para furtar-se ao pagamento de
suas derradeiras prestações á Real Fa-
zenda; e, por outro lado, a machinações
infernaes do Intendente, no intuito de
ensfraquecer Felisberto, diminuir-lhe o
prestigio e acarretar-lhe a desejada ruina.

Como quer que fosse, porém, jámais
transpirou informação positiva que auto-
risasse o chronista a desvendar o véo
misterioso do caso, de tão fataes conse-
quencias.

Se bem que o enorme desfalque na fa-
zenda do Contractador não lhe affectasse
de modo consideravel a fortuna, comtudo
o collocou em embaraços para satisfazer
avultados compromissos de occasião, pelo
infeliz momento em que occorreu.

Por esse tempo já se achava o governo
de Portugal nas mãos firmes e voluntá-
riosas de Sebastião Joseph de Carvalho,
depois Marquez de Pombal, poderoso

ministro, em quem D. José 1º havia de facto abdicado a autoridade real, herdada em 1750 do seu fadado pai, o rei D. João V.

Por tal circunstância tinha desapparecido a protecção de que até então gozara na Corte o generoso mineiro. Todos aquelles cortezaos, de quem Felisberto soubera tão habilmente conquistar as boas graças, estavam sendo, pouco a pouco, afastados da privança regia e da intimidade governamental, de modo que a causa do Contratador, quando entrava em jogo, já não tinha, junto ao Rei, as calorosas palavras de defesa que aos primeiros tempos a haviam amparado com tanto proveito.

Além disso, logo que em Minas Geraes chegou notícia do infasto passamento do velho monarca, o antigo contractador José Fernandes de Oliveira, partiu para o Reino, propondo-se a não só conseguir o ajuste e conclusão de suas contas, como excluir do futuro contracto Felisberto Caldeira, que o havia supplantado cinco annos antes.

Logo que Oliveira apareceu em Lisbôa, imediatamente se foram fazendo universaes as vozes de ser elle um homem astuto, de muito vastas idéas e de trazer

consigol mais de dois milhões de proprio cabedal. (62)

E assim, de Oliveira desde logo se acercaram varias pessoas de influencia e autoridade na Corte, disputando-se a graça de ser-lhe protector e socio; e realmente, taes cousas fez em Lisbôa o arruinado contractador, e tal protecção conseguiu dos amigos do governo, que alcançou ambos os seus empenhos, tendo tido quitação dos anteriores contractos e tendo obtido a arrematação do novo prazo, cujo termo foi lavrado perante o Conselho Ultramarino aos 24 de Dezembro de 1752, pelo tempo de seis annos.

Firmado o contracto, entraram os associados em grandes contendas e desinteligencias, que afinal só puderam ser liquidadas pela intervenção autoritaria do Marquez de Pombal, que, pondo fim á disputa, fixou a parte e o lucro de cada um.

Em tal situação se achavam as cousas quando, em Janeiro de 1753, entrou o Tejo a frota do Brasil trazendo nada menos de 232.760\$223 Rs. de letras sacadas por Felisberto e seus procuradores do Rio de

(62) *Do descob. do dr. T. Ms. da B. Nac., pag. 60.*

www.libtool.com.cn

Janeiro e Villa Rica contra a Caixa de Lisboa a favor de pessoas e commer- ciantes dessa praça. (63)

Ora, aconteceu que, por causa do avul- tado roubo que sofrera o Contratador no Tejucu, não havia podido seguir o provi- mento de fundos necessario para a satis- fação dos compromissos e a Caixa se viu na impossibilidade de fazer o pagamento das letras. Em tal conjuntura, instigados pelo novo Contractador, implacavel ini- migo de Felisberto, os dois representantes do Contracto em Lisbôa, antes de tentar qualquer providencia, que não seria difficult obter, tomaram a temeraria reso- lução de protestar publicamente as letras, como de facto o fizeram, aos 18 do mesmo mez de Janeiro, « com universal escandal o e clamor de toda a praça de Lisbôa, » ha- vido assim Felisberto por fallido. Sabedor do caso, porém, Pombal, « tendo em consi-

(63) Nas *Mem. do Distr. Diam.*, (pag. 91) Joaquim Fe- licio refere que era uma só letra de 700 mil cruzados, a favor da Real Fazenda. Vimos no *Ms. cit., Do descob. dos diam.*, a relação dessas letras não pagas; são 79, na importancia total de 232.760\$223, sacadas por Felisberto, as do Tejucu, por Mathias Rodrigues Vieira, as do Rio de Janeiro, por Alberto Luiz Pereira, as de Villa Rica, sendo todas a favor de pessoas e commerçiantes de Lisboa.

www.libtool.com.cn
deração os detrimientos que os Homens de Negocio sentiriam » pela falta de pagamento das letras de Felisberto, por Decreto de 3 de Março de 1753, mandou que o Thesoureiro da Casa da Moeda, Bernardo dos Santos Nogueira, pagasse aos respectivos interessados todas as letras, cobrando as correspondentes *cessões e pertences* a favor da Real Fazenda, para haver as quantias assim pagas de quem de direito fosse. (64)

E, para garantia dessa operação, ditada pelo « Real Animo sempre inclinado a

(64) E' este o teor do decreto mandando pagar as letras de Felisberto :—« Tendo consideração aos detrimientos que os Homens de Negocio da Praça de Lisboa me representaram que sentiriam pela falta de pagamento das letras de cambio, que chegando na ultima frota do Rio de Janeiro, expedida pelo contractador dos diamantes Felisberto Caldeira Brant e seus socios ou constituidos Mathias Rodrigues Vieira e Alberto Luiz Pereira, lhe foram protestadas pelos caixas do referido contracto neste Reyno, Manoel Nunes da Silva Tojal, José Ferreira da Veiga e João Fernandes de Oliveira (a), debaixo da affirmação de não terem effeitos dos sobreditos passadores. E achando-se o Meu Real Animo sempre inclinado a proteger o commerce dos meus Vassallos e a promover efficacemente os licitos e louvaveis interesses dos que nello se empregam com boa fôr em commun beneficio, Hey por bem Ordenar que o Thesoureiro da Casa da Moeda, Bernardo dos Santos Nogueira, sem fazer

(a) Fernandes de Oliveira figura ahi por já então haver alcançado a arrematação do novo prazo para a exploração do Districto Diamantino.

proteger o Commercio dos seus vassallos»,
expediram-se varias providencias para o
Tejucu e se mandou fazer apprehensão e
sequestro dos diamantes existentes na
Caixa, em Lisboa, saldo dos anteriores
contractos, e que, por força da clausula 18
do contracto de Felisberto, como já se
referiu, não podiam ter movimento, em-
quanto houvessem por vender pedras do
contracto dos Caldeiras.

Verificou-se que taes diamantes tinham
257.271 quilates, o que, pelo preço official
do contracto, prefazia, em dinheiro, a som-
ma de 2.572.710\$000 Rs. (65)

interesse ou desconto algum, pague aos respectivos inter-
essados todas as letras que vão descriptas e confrontadas
na relação que baixa com este, assim como se lhe apre-
sentarem por legitimo modo, para constar da identidade de
cada húa delas, cobrando das partes a quem for embol-
sando as respectivas cessões ou pertences á favor da
Minha Real Fazenda, para haver as quantias que assim
pagar a quem de direito for. E com os conhecimentos dos
recibos de cada húa das referidas partes, incluindo as le-
tras e cessões a elas correspondentes, serão levados a
conta do mesmo Thesoureiro os pagamentos que fizer na
sobredita forma, sem embargo de qualquer lei, regulamento,
ordem ou costume contrarios. *Salederra dos Magos*, a tres
de Março de 1753. *Com a rubrica.*»

(Da colecção do Ms. *Do descob. dos diam.*, existente na
B. Nacional).

(65) *Do descob. do diam.*, cit. Ms. da B. Nac., fl. 60.

E para compensação dos 200:000\$000 de letras pagas pela Casa da Moeda, na original arithmeticda da Corte se achou que não bastavam os dois mil contos de diamantes encontrados no cofre...

Todos estes factos causaram a mais profunda consternação no Tejuco onde era geral e sincera a estima pelo Contractador decahido, mas que, assoberbado por taes contratempos e embaraços, não desanimava emtanto. Confiante sempre na sua coragem e amparado pela sympathia geral dos povos da demarcação, arrostou o ardente Caldeira todas as difficuldades e proseguiu, desassombrado, nos serviços finaes do Contracto.

Vasta, porém, e poderosa era a conspiração contra sua boa fama. E Felisberto, que sempre houvera encontrado na fortaleza do animo, na bondade do coração, na lealdade do proceder, elementos de luta e triumpho, succumbiu quando o atacaram a intriga e a diffamação.

Sua boa fortuna despertava a inveja de muitos, o despeito de outros, o receio de alguns. Era preciso que elle cahisse.

E cahiu!

*José, seu Felisberto Caldeira,
apesar de 170 annos de
corridos, as coisas por aí
qui, ainda São assim -*

www.libtool.com.cn



XIII

O OUVIDOR

Em quanto taes successos ocorriam em Lisbôa, outros acontecimentos se desenrolavam no Tejuco, de natureza diversa, mas de não menos funestas consequencias para o Contractador.

Chegara o dia da Paschoa da Resurreição do Senhor, nesse anno fatal de 1752.

Não tivera o costumado banquete da Casa do Contracto a animação e o esplendor dos annos anteriores.

Os tempos haviam mudado ; e, se bem fosse a casa de Felisberto a mesma hospitaleira e faustosa mansão, qual sempre a conheceram os povos do Tejuco, quasi que se havia dispersado inteiramente a

www.libtool.com.cn
jovial companhia de dantes e que, tempos passados, enchia de graça e cortezia as opulentas salas.

A permanencia de Gomes Freire e posteriormente a funesta administração do novo Intendente, restaurando o primitivo rigor, e tomando todas as medidas disciplinares que exigiram tão flagrantes infracções do Regimento, afugentaram do districto a turba alegre dos *desoccupados* e arrefeceram a descuidosa expansão dos habitantes do Tejucó.

Comtudo, ainda tivera Felisberto a farta mesa sem um lugar vasio. Máo grado a ostensiva inimizade do Intendente, o generoso mineiro ainda era o senhor do Tejucó.

Dessa vez, como até agora, toda a gente havia corrido a prestar-lhe as homenagens devidas a sua alta benemerencia.

E, se o Contractador não tivera, como outr'ora, a figura empoada e grave do Ouvidor-Intendente a lhe presidir o brodio, nem a nota alegre das fardetas de azul e ouro dos officiaes dos dragões a quebrar a monotonia triste das casacas de velludo verde-garrafa e castanho-escuro dos cavaleiros, não lhe faltava á mesa nenhuma

das principaes figuras do lugar. E assim, tirante o funcionalismo que, por dever de acompanhar o chefe em seus rancores e affectos, fazia então ao Contractador a guerra com o mesmo desembarço com que, em outros tempos, tomava parte em suas festas e recebia seus valiosos favores, todo o Tejucó esteve presente.

A fidalguia da terra, cavalheiros e damas de porte elegante e rica vestimenta, tomára lugar á ceremoniosa mesa do Caldeira; o povo miúdo, capatazes e tendeiros, *aggregados* e rapazio, occupava uma longa mesa armada num pateo lateral e de onde vinha quebrar o recolhimento discreto do banquete cortezão a foliona algazarra dos comensaes desenvoltos.

E, ainda quando, terminada a farta refeição de viandas e doces, passaram-se os convivas para o salão da frente, onde a criadagem agaloada acabára de accender as innumeraveis bugias multicores dos candelabros e lustres scintillantes, por longo tempo se continuou a ouvir a vozeria alegre da segunda mesa, onde, por grupos successivos, aquelles que iam chegando, faziam as honras aos quartos de vacca e leitões assados, que forravam o toalhado, e sobretudo

aos pipotes de generoso vinho que, de espaço a espaço, soerguiam o bojudo vulto, envolvido nas virentes folhagens dos silenos classicos.

Servido o café e os appetecidos licores, que era o Contractador o unico a receber em toda a redondeza, formou-se a luzida companhia em grupos nos quaes, commentando-se o brilhantismo da festa e a opulencia das baixellas de prata e ouro, se recordava, com saudade, os tempos em que áquelle vastos salões traziam a alegria especial do seu genio e practica mun-dana os infelizes convivas, de cuja companhia seductora e inegualavel, o exterminio e o confisco haviam privado toda sociedade.

Por esses tempos aureos, a presença do velho Ouvidor da Villa do Príncipe dava ás festas um especial realce e a todos a confiante segurança de suas aventuroosas em-prezas. Esse, porém, o humano e pacato Dr. Francisco Moreira de Mattos, não era mais Intendente, nem por esse tempo existia mais, não tendo resistido á vergo-nha extrema da desautoração e vexame que lhe inflingira o futuro Bobadella.

Apeado das funcções interinas, que tão mal soubera exercer, recolheu-se o

encanecido magistrado ao seu auditorio na cabeça da Comarca e ahi se deixou finar aos antigos males e revezes novos.

O que, porém, sobremaneira compromettia a animação do saráo era o taciturno aspecto do amphitryão. O Contractador envelhecia nestes ultimos tempos ; cheio de preoccupações e presentimentos, extenuado da luta desigual em que se via empenhado e que já durava de mais, Felisberto não passeiava, como outr'ora, entre os circumstantes cortezes, o seu irradiante carão rapado, corado e jovial, sob a farta cabelleira empoada. No meio dos seus amigos de maior respeito e de melhor conselho, o Contractador quedava-se no trato e commentario dos casos e incidentes que mais lhe preoccupavam o espirito atrabilado. E nessa noite, sobre todas, mais carregado estava o animo do mineiro pelo infeliz e gravissimo successo que occorreu na Igreja com o novo Ouvidor da Comarca, como depois se verá.

D. Branca de Lara, a fidalga paulistana esposa de Felisberto, esforçava-se por desmanchar nos circumstantes o effeito da contrariedade que o marido não sabia dissimular.

la de grupo em grupo ; multiplicava-se em cortezias e afagos ; para cada qual tinha uma palavra opportuna, um incitamento a que se divertisse. E afinal, após haver predisposto os animos para o baile que ia começar, foi ao grupo de Felisberto tirar par para a contradança, e veio, dando o exemplo, tomar posto no meio do salão. Trazia ao braço Belchior Isidoro Barreto, respeitavel mineiro de grande autoridade, que, ao tempo da creação da Intendencia, fôra nomeado secretario della, tendo servido com o Desembargador Raphael Pires Pardinho. A Belchior nessa noite cabia a honra da primeira dança ; e logo que o illustre par se quedou, prompto para principiar o saráo, animaram-se repentinamente os grupos ; cruzaram pares os salões esplêndidos e, em poucos momentos, dispostos os figurantes na devida ordem, ao aceno do mestre sala,—um elegante rapaz de casaca de setim azul-marinho, calções cor de perola e raso sapatinho de salto encarnado,—ouviram-se os primeiros compassos da afinada orchestra. (66)

(66) Affonso Arinos descreve em seu bello conto — *O contractador de diamantes* uma festa em casa de Felisberto. (Pelo Sertão, Rio de Janeiro, Laemmert & C. 1898).

www.libtool.com.cn *

E, enquanto o turbilhão dos pares elegantes e graciosos estuava no ardor candente das contradanças e menuetes, no grupo de Felisberto discutia-se, com reservada cautela, o caso da manhã.

Sentados nos macios sofás de damasco amarelo, com armação de madeira branca embutida de metal dourado, os graves interlocutores do famoso Caldeira procuravam confortar-lhe o espirito, preso de enormes vicissitudes. Presagiava mal o Contractador do funesto episodio e sobravam-lhe razões para tanto, pois inutil era procurar diminuir-lhe a extraordinaria gravidade.

Fôra o caso na Igreja parochial de Santo Antonio onde se resava o divino officio do Domingo da Paschoa.

Para as festas da Semana Santa, celebradas no Tejuco com pompa deslumbrante, era uso tradicional, que o Intendente Castro e Lanções não quizera interromper, permitir a entrada de toda a gente no arraial.

Foi assim grande a concurrenceia de fieis que de toda a parte vieram. Regorgitava

o templo vasto, pequeno emtanto para conter a multitudine de crentes, que sobrava fóra de portas e enchia quasi o amplo adro que o circumdava.

Para assistir á festividade tinha vindo da Villa do Principe o novo Ouvidor, Dr. José Pinto de Moraes Bacellar, que substituira na magistratura ordinaria da comarca o Dr. Moreira de Mattos, de saudosa memoria para os povos da demarcação.

Era o novo Juiz recem-chegado da Europa, por cujas cõrtes vivera, impregnando-se do espirito de rebeldia, que os philosophos da Encyclopedie lançaram aos quatro ventos.

Moço e livre pensador, o magistrado fôra ao templo inteiramente despido de sentimento religioso e tão somente em busca de uma diversão para a insipidez da vida que levava.

Assim, na vasta nave, o vulto esguio do Ouvidor,—no seu fato preto, de gorgorão, de amplas abas cahidas sobre as pernas calçadas de finissimas meias de seda até o joelho, com sapatos de couro envernizado, de fivelas de ouro,— escandalisava desde o inicio da festa os circumstantes, recostado

á balaustrada de madeira, enquanto a multidão dos fieis se prostrava, reverente, joelhos em terra e mãos postas, em atitude humilde.

Altivo, em sua posição desrespeitosa, o Dr. Moraes Bacellar, percorrendo com os olhos indiscretos os grupos em que se haviam reunido as mocinhas da terra, procurava, com insistencia, descobrir uma formosa dama, que, momentos antes, vira entrar na Igreja, tendo saltado, precipite e gentil, de uma graciosa cadeirinha de setim azul que dous pagens agaloados conduziam.

Ferido pela beleza extrema e requintado luxo da joven serrana, logo que a descobrio dentre as companheiras, inteiramente absorvida no seu pequeno livro de orações, encapado em madreperola, o Ouvidor procurou se aproximar o mais possivel, de modo a ser da moça presento. E de tal geito fixou o enamorado olhar no vultosinho gentil da donzella, que acabou por chamar a attenção dos circumstantes.

Como, porém, a dama, entregue ao fervor religioso, não se apercebesse da contemplação insistente, o presumido moço,

ardendo no desejo insensato de ter presos
aos seus os lindos olhos virgens, que adi-
vinhava esplendidos atravez dos cilios
cahidos sobre o pequenino livro de resa,
num impeto ousado, atirou-lhe sobre
o regaço um botão de rosa, que trazia
entre os folhos rendados de sua camisa
alvissima.

Sorpresa e enrubecida a moça com
a inqualificavel affronta ao seu recato,
ergueu-se de onde se achava, entre amigas
e companheiras, e se foi accommodar,
medrosa, junto dos seus parentes.

A scena causára escandalo em torno do
Ouvidor, e o procedimento insolito em
breve circulou de bocca em bocca. Apezar
do recolhimento dos assistentes e da re-
spectabilidade do momento, ouviu-se um
prolongado sussurro em toda a vastidão
do templo. Por instantes, olhares de todos
os lados se fixaram no vulto do Ouvidor,
que, sobranceiro e arrogante, affrontava,
labios encrespados num riso de ironia, a
curiosidade aggressiva e reprovadora da
turba.

Aconteceu que a linda moça, que, de
modo tão desastrado, attrahira a attenção
do Ouvidor, era da familia dos Caldeiras

e Felisberto (67) tão incapaz de fazer o mal, como prompto na repulsa do mal que se lhe fazia, apenas poude conter a ancia instinctiva da vindicta immediata, graças á solemnidade respeitável do momento e do lugar.

Transtornaram-se, porém, as feições ao Contractador, que não escondia o rancor e a impaciencia em que ardia; e tanto que, mal findara a festivididade, retirados que foram os celebrantes do altar-mór, o fogo Caldeira dirigiu-se, decidido, ao moço Ouvidor e, sem que elle se apercebesse do brusco movimento, disse-lhe qualquer cousa ao ouvido.

Precipite, magoado em seu melindre, levou o Dr. Bacellar o pulso á guarda do espadim; Felisberto, porém, lançada a provocação, dera costas ao leviano magistrado, depois de lhe haver medido o vulto, de alto a baixo, com ar de mofa e desprezo.

(67) Moreira de Azevedo, em um trabalho em que narra este episodio (*Revista Brasileira* IV, 21, 174) e onde, realmente, mais collaborou a phantasia imaginosa do A. do que a verdade historica, diz que esta moça se chamava Victoria e era filha de Felisberto. Não é exacto; o Caldeira não teve filha com este nome, nem guardou a tradição, recolhida por Joaquim Felicio, o nome e o parentesco da moça gentil na familia dos Caldeiras.

Atraz do mineiro precipitou-se o Juiz e, uma vez ambos fora do sagrado recinto, encontraram-se frente á frente.

Já se havia formado, em torno dos adversarios, em largo amphitheatro, o povo que em borbotões sahira da Igreja na anciosa curiosidade do desfecho do lamentavel caso. E ahi, no meio da muda expectação da assembléa suspensa, mal teve Felisberto ao alcance do braço o corpo do Ouvidor, sacou do cinturão a folha de um punhal e, num impeto, investiu sobre o antagonista. O moço, porém, na agilidade nervosa da musculatura, achara tempo de, esgueirando o corpo, livrar-se do formidavel golpe; e, brandindo no ar a delgada lamina do florete, preparou-se para cahir com sanha sobre o adversario em guarda.

No momento, porém, em que o Ouvidor erguia o corpo para desferir o golpe, do lado da Igreja um grande movimento despertou a attenção de todos.

Alas se formaram subito em frente á porta principal do templo e por entre ellas se precipitaram para o grupo dos lutadores, ainda envolvidos nos amplos paramentos de ramagens de ouro do ritual sagrado, os padres celebrantes, tendo á frente o

venerando vigario Cambraia, trazendo na mão o Crucifixo e o respeitavel e prestigioso cidadão Belchior Izidoro Barreto, que trazia a bandeira do Espirito Santo.

A' vista do sagrado cortejo, os dois contendores baixaram, a um tempo, os braços armados e, sem resistencia, se deixaram conduzir, para direcções oppostas, pelos amigos que os cercavam perplexos.

*

Viera a tempo a providencial intervenção promovida pelo cauto Belchior.

Alguns instantes mais e uma grande desgraça teria ensanguentado a já tão triste historia do Tejuco.

Bem de certo ao primeiro sangue a tremenda luta se derramaria num conflicto horroroso. Pressurosos haviam corrido já, para o adro da Igreja, em defesa do Ouvidor os soldados da companhia dos Dragões e mais os pedestres da Intendencia. E o povo, ao lado de Felisberto, ardia impaciente no desejo de se atirar em auxilio do protector generoso.

Estava, pois, imminente uma carnificina horrivel se não parasse, nesse preciso momento, a peleja singular. Instantes depois,

www.digitool.com.cn
quando alguma das armas, qualquer delas, se houvesse tingido no sangue de algum dos contendores, qualquer delles, seria tarde talvez... O ardor da luta se teria encarniçado ; o golpe de algum teria exigido a vingança do outro, e, por certo, o expediente suggestivo do bondoso Barreto já não teria mais tido a precisa força de dominar o animo dos que então se houvessem empenhado no combate.

Viera, porém, a tempo o bemfasejo auxilio e, retirados os adversarios do campo do duello, aos poucos a calma foi tornando aos espiritos superexcitados, decresceram as discussões acaloradas, a animação extrema em que ficaram os povos foi cessando e, por fim, os grupos se foram dispersando em direcções diversas.

Voltou ao Tejuco seu aspecto habitual e nenhum outro incidente perturbou a paz desse tão sagrado dia da Ressurreição do Senhor.



XIV

A PRISÃO

Não se illudia o Contractador quando, na confidencia de seus discretos amigos, presagiava mal do fúnesto caso.

Por mais que se esforçassem os commensaes do Caldeira por convencel-o de que realmente a paz fôra feita e a intervenção providencial dos padres da Matriz havia apagado os sentimentos de desharmonia, os factos em breve vieram trazer a prova de quanto tinha razão Felisberto.

Com efeito, a concordia firmada fôra apenas apparente. Nos animos continuou a lavrar o germen da rixa, e, de parte a parte, não puderam ser esquecidas as

injurias trocadas. Comtudo, se era tão só no circulo de sua intimidade que Felisberto deixava transpirar a aversão insubmissa ao atrevido Ouvidor, outro tanto, por desventura dos Caldeiras, não acontecia do lado contrario.

O Dr. Moraes Bacellar não escolhia o ensejo para dizer mal de Felisberto, nem escolhia as armas para a vingança que promettia formidavel e annunciava proxima. E os dependentes e apaniguados do Ouvidor, por interessados sentimentos de subserviencia e lisonja, bem como o Intendente Castro e Lanções, por mal entendida solidariedade para com o seu collega na magistratura do districto e principalmente pela instinctiva maldade do temperamento, faziam côro com elle, dando enorme vulto ao incidente fatal, que dia a dia augmentava no espirito do iracundo juiz.

Bem cedo começou Felisberto a sentir os effeitos do successo. Passaram seus negocios a ser tratados com inutil e desusado rigor.

Se até então não tinha o Contractador contado com a benevolencia do novo Intendente, era certo que jamais lhe havia faltado equidade, dentro das linhas do Regi-

mento. Pois, de então em diante, nem mesmo a stricta justiça encontrou Felisberto nos mais claros e simples assumptos que tiveram de ser levados á decisão das autoridades. O Contractador nunca tinha razão. Quanto dizia, era entendido como destemperada censura, ou incontíente desregramento de linguagem; quanto fazia, era havido por mal soffreada rebeldia. Em suas palavras e actos queriam sempre ver segundas intenções, intuitos sediciosos. E, á força de descortinar horizontes phantosiosos no proceder do Contractador, que então não destoava do que havia sido nos seus primeiros tempos, chegaram mesmo a fazer della uma figura de revolucionario

Para o Reino se mandou dizer que Felisberto sonhava com a libertação do Tejuco, com a independencia da Patria; que trabalhava para levantar os espiritos promettendo a partilha das riquezas extraordinarias da terra no dia da emancipação; que era um perigo effectivo para a Metropole a permanencia na Colonia de tal individuo, dispondo de tão avultada fortuna e exercendo tão real influencia sobre o animo dos povos.

E enquanto taes cousas, conjuntamente com as mais acerbas queixas acerca do modo sobremaneira lesivo para os interesses da Real Fazenda com que se houvera Felisberto na exploração do contracto, eram, por todas as frotas, enviadas para a Corte e contadas em todos os tons e sefios, as autoridades do Tejuco iam tornando cada vez mais difícil e insuppor-tavel a vida do Contractador.

Todos os embaraços imaginaveis lhe foram creados na liquidação dos seus negocios e prestação das contas do seu contracto, que findara no ultimo dia do anno de 1752.

E tão flagrantemente injustas e clamorosas eram as decisões da Intendencia em relação aos negocios do Contracto, que as queixas de Felisberto encontraram razão no espirito equilibrado de Gomes Freire. O Governador, ausente da Capitania, sacerdor, por cartas de Caldeira, das iniquidades com que o vexavam na demarcação, mandou que Joseph Antonio Freire de Andrade, seu irmão e substituto interino na governação das Minas Geraes, viesse ao Tejuco pôr cobro aos excessos dos administradores da justiça.

~~V~~^Nada, l^horém, conseguiu a boa vontade do Governador. O Intendente, acastellado na autoridade e preeminencias do seu provimento, recusou aceitar a intervenção de Joseph Antonio nos negocios de sua alçada, e, a despeito da recommendação do Governador, que reconhecer a suspeição oposta por Felisberto, proseguiu intemerato nos processos e devassas que lhe fizera abrir.

Frustrados inteiramente os intuitos da viagem, retirou-se o Governador interino para Villa Rica, em Janeiro de 1753, nada tendo alcançado da obstinada prevenção do Intendente a favor da justiça da causa de Felisberto.

Partido que foi o irmão de Gomes Freire, recrudesceu o zelo dos representantes fiscaes contra o famoso mineiro, decahido das graças officiaes. Já por esse tempo haviam chegado as primeiras determinações da Corte contra Felisberto e seus socios.

O tecido de intrigas e aleives, sábia e pacientemente urdido em torno dos negocios do Contracto, produzia o prelibado efeito. Passou por causa julgada no animo dos ministros do Rei que o Caldeira era um individuo prejudicial e funesto que

www.libtoof.com.cn
convinha exterminar. A permanencia desse potentado no Tejucó era perniciosa para a estabilidade da Corôa, e as fraudes e enganos, em que sempre vivera, eram motivo sobejo para que contra elle se pudesse proceder de modo decisivo. O negocio das letras não pagas em Lisboa deu o pretexto final.

E tudo isso era, principalmente, a obra infernal e impiedosa do Dr. José Pinto de Moraes Bacellar, o enamorado Ouvidor Geral da Villa do Principe e seu Termo.

Assim, não foi sem grande satisfação e intimo desafogo que o Magistrado recebeu, certa manhã, a carta regia de 20 de Fevereiro de 1753, cujo texto resava assim :

«Ouvidor da comarca do Serro do Frio. Eu El-Rey vos envio muito saudar. — Por me ser presente o prejuizo que tem resultado á minha real fazenda, e os danmos que se tem seguido ao bem do commercio e interesse dos meus vassallos do excesso que tem commettido o contractador Felisberto Caldeira Brant, que acabou o seu contracto no ultimo dia de Dezembro do anno passado, passando letras sobre os caixas

www.dlibtecnologia.com.br

do mesmo assente em Lisboa, sem que estes tenham fundos para satisfazer a minha fazenda real, e mais dividas que importam em milhão e meio, e em representarem os mesmos caixas ser muito diminuto o embolso que tem tido a respeito da dita importancia, pelas remessas do dito contractador serem todas feitas com fraude do dito contracto vendendo todos os diamantes grandes a particulares e remettendo somente os mais miudos e de menos valor:— Sou servido ordenar-vos que executais as ordens que o governador das Minas Geraes, a quem tenho ordenado o que se ha de executar.

« E quando succeda o caso de se proceder á prisão do dito contractador Felisberto Caldeira Brant, o fareis em segredo, sequestrando-lhe todos os scus bens e ao mesmo tempo lhe fareis apprehensão de todos os seus papcis e effeitos, que vos constar lhe pertencrem.

« Da mesma sorte assistireis com o governador, que mando auxiliar-vos nesta diligencia, ao exame do

cofre, fazendo-se auto do que se achar; e procedereis a perguntas judiciaes ao dito preso o qual depois remettereis com toda a segurança e cautella a entregar na Relação do Rio de Janeiro. » (68)

De posse da preciosa Carta Regia, aguardou impaciente o Ouvidor a noticia da chegada do Governador. Sobretudo exultava o Dr. Bacellar por haver sido preferido, para essas diligencias capitales, ao Intendente Castro e Lanções a quem, por melhor direito, caberia a execução dessas ordens do Rei em assumpto de sua especial e privativa alçada.

Tudo, porém, fizera o Ouvidor para substituir nesse caso singular a autoridade do Intendente. E teve dessa forma a mais completa satisfação dos seus desejos de vingança e desforra. Não guardou a chronica noticia do que foi feito da gentil donzella, que tão subitamente encantará o

(68) Esta Carta Régia não está na *Collecção* do cit. Ms. da B. Nac. Encontramola em Joaquim Felicio (*Mem. do Distr.*, pag. 91) que, transcrevendo-a dos Archivos de Diamantina, nem conserva a orthographia do original, nem refere a data, que, em Pizarro (*Mem. Hist.* cit., tomo 8º, parte 2ª, pag. 147, nota 7), se verifica ser a indicada no texto, 20 de Fevereiro de 1753.

coração do Ouvidor nem se no coração deste perdurou o subito encantamento. E' certo, porém, que o Dr. Bacellar, em toda essa emergencia, agiu com tão desassombrada crueldade que parece se haver transformado o amor do primeiro momento, no odio mais fundo por toda a familia da infeliz rapariga.

*

Em quanto taes factos se passavam, diligenciau o ex-contractador para prestar suas contas, satisfazendo os seus derradeiros compromissos para com a Real Fazenda, para o que lhe sobravam haveres e cabedaes. Apezar da manifesta aversão das autoridades do Districto diamantino, contava Felisberto com a justiça do Governador, cuja visita se annunciava proxima, e para cuja recepção preparavam os Caldeiras folguedos e luminarias.

Entretanto, não foi sem grande sobresalto que Felisberto teve, na manhã de 30 de Agosto, a noticia da chegada do Governador interino á Villa do Principe, pela tarde do dia anterior. Esse successo, que causara surpreza na cabeça da Comarca do Serro do Frio, fôra trazido aos Caldeiras

por um proprio que, para o trazer, viajára
www.dltool.com.cn toda a noite.

Se bem conhecesse o contractador o es-
pirito de justiça de Joseph Antonio Freire
de Andrade e confiasse com segurança
nos fundamentos de sua defesa e justifi-
cação, sabia comtudo quanto haviam man-
dado dizer para Lisboa os seus inimigos
e o quanto eram faceis os ministros do
Rei em dar credito ás mais absurdas e
inverosimeis narrativas que destas lon-
ginquas regiões lhes contavam os seus
delegados de confiança.

Em tal conformidade, receiava Felisberto
um golpe de surpreza; e andava já tão es-
carmentado, o outr'ora omnipotente mi-
neiro, tão certo do occaso de sua estrella,
que, se bem tivesse ainda o aspecto prazen-
teiro e o rosto affável, era no intimo pungido
pelas mais acerbas e fataes apprehensões.

Scientes da chegada do Governador, dis-
puzeram-se os Caldeiras a ir, em grande e
luzida cavalgada, encontrar-o, para o sau-
dar, a meio do caminho.

E assim, na madrugada do dia 31 poz-se
em marcha a numerosa caravana. Clae-
reava o dia e na frente seguia Felisberto,
em seu fogoso animal, ajaezado de prata.

O triste aventureiro tinha o coração apertado, e já não podia o aspecto, de costume jovial e descuidado, esconder as maguas que lhe conturbavam o espirito. Supersticioso e ingenuo, um accidente que ocorrera ao deixar a casa nessa manhã funesta, acabara por transtornar inteiramente o animo de Felisberto. Depois de montado o Contractador, e quando seguia o bando dos cavalleiros pelas ruas desertas do arraial, o animal, passarinhando na escuridão, resvalára sobre uma lage da calçada e, no imprevisto do movimento, lançara Felisberto ao chão. Subito erguera-se o Caldeira, dessa primeira queda que lhe accusava a feliz memoria, e montando de novo a alimaria infiel, disse a os que delle se acercaram que presagiava mal desse desastrado caso.

Sob a desagradavel impressão desse incidente, continuou a viagem, sem a ruidosa expansão, alegre e communicativa, que costumava fazer o encanto dessas grandes cavalgadas pelo campo.

Poucas leguas tinham feito os cavalleiros e longe estavam de pensar que proximo devia vir o Governador e sua gente, quando, chegando ao alto de um morro,

no passo viageiro em que seguiam, descobriram em baixo, no valle, um numeroso bando que galopava deixando atraç do seu tropel um turbilhão de poeira.

O rebrilhar das armas ao sol obliquo da manhã denunciou desde logo que alli vinham o Governador e o seu sequito, mais numeroso e aguerrido que de costume.

— Para já estarem aqui a esta hora matinal e virem neste andar, obtemperou Felisberto, é que têm pressa de chegar...

E, dando redea aos animaes fogosos, em alguns minutos a cavalgada do Contractador enfrentava com Joseph Antonio que, tendo ao lado o Ouvidor da Villa do Principe, seguia na dianteira do bando.

Ao aproximarem-se os Caldeiras, cortezmente se descobriram e iam a saudar o Governador quando este, mal respondendo á cortezia dos mineiros, ordenou que se collocassem atraç e os acompanhasssem.

Irritado pela inesperada presença do Dr. Bacellar e ferido pela insolita recepção, a altivez de Felisberto se revoltou e fel-o perguntar—por que? se de outras vezes teve sempre a honra de acompanhar o General ao lado?

Então ~~lib~~ o ~~Governador~~, tomando como pretexto a attitude do Caldeira, que declarou desrespeitosa de sua autoridade, dirigindo-se aos ajudantes de ordens, mandou que o prendessem em nome de El-Rey.

As duas cavalgadas tinham parado e se confundido no rapido instante em que esta scena se desenvolveu; e, quando Felisberto, surpreso pela ordem que ouvira, mettia as esporas no animal fogoso para dar ao Governador, fóra do alcance dos beleguins da comitiva, a resposta que o acto lhe provocara, viu-se subitamente envolvido por numerosos dragões do piquete, que o detiveram num circulo de espadas desembainhadas e o sequestraram do resto de sua gente.

Attonitos e desarmados, os amigos de Felisberto acompanharam as peripecias do successo com a alma accessa em colera, mas sem nada poder fazer, impotentes e mudos.

Alguns minutos depois, serenados um pouco os animos sobresaltados pelo imprevisto do caso, poz-se de novo a caminho, a passo acelerado, o numeroso bando de cavalleiros.

www.libtool.com.cn



XV

O SEQUESTRO

A notícia da prisão de Felisberto, desde logo sabida no Tejuco por um pagem que, galopando, precedeu a cavalgada, causou o maior pasmo e consternação.

As bandeiras e galhardetes, os festões de folhagem e girandolas, todos os preparativos feitos para a festiva recepção do Governador, como por encanto, num acordo tacito de todos os sentimentos, desapareceram das ruas e praças. E quando, algum tempo depois, fez entrada no arraial o irmão de Gomes Freire, com a numerosa comitiva em cujo centro avultava a respeitada e varonil figura do Contractador, foi um taciturno e hostil recolhimento

que o recebeu e acompanhou em todo o percurso até a Casa da Intendencia.

Felisberto foi recolhido á mais forte prisão e guardado por sentinelas á vista, cercada a cadeia por um cordão de dragões, no receio em que se achavam as autoridades de que o povo, que dava impacientes mostras de descontentamento, não tentasse um golpe para libertar o Contractador benemerito.

Tal, porém, não sucedeu; reunido o conselho dos mais respeitaveis amigos dos Caldeiras foi resolvido que se aguardassem os acontecimentos.

O Governador tinha alçada superior á do Intendente, e Felisberto possuia os elementos todos para dar contas cabaes de seus actos. Havia, por certo, de ser declarado inocente e restituindo á familia e aos tejuquenses que o amavam.

Qualquer tentativa violenta contra as resoluções do General não poderia fazer senão agravar a sorte do prisioneiro e trazer maiores desgraças para o Tejucó.

E assim, sobre essa resolução confiante, chegou a noite e dormiu o arraial.

Pela madrugada, porém, foi Felisberto surpreso na solidão do carcere por indi-

viduos que entraram, prenderam-lhe os pulsos e os pés em grossas cadeias, e, por essa forma infamante, o conduziram, acompanhado por grande escolta, pelas ruas, a essa hora desertas, do querido arraial, levando-o para fóra do Tejuco, caminho de Villa Rica.

Quando o arraial despertou e a noticia do caso foi sabida, já ia distante a poderosa escolta.

Não faltaram espiritos ardentes que puzessem o levantamento do Tejuco, a partida em massa para estrada onde devia seguir o Contractador.

Todas as providencias, porém, estavam tomadas para evitar que o povo do arraial tentasse ir libertar Felisberto no caminho da Villa do Principe. Pelas ruas e atalhos passeiavam patrulhas dobradas e todas as sahidas da povoação eram guarneidas por fortes contingentes de dragões e pedestres.

Qualquer tentativa, pois, de alcançar o bando que conduzia Felisberto, e que já tinha boas horas de marcha, seria frustrada pela vigilancia dos dragões.

E ainda assim, a despeito de taes circumstancias, não foi facil empreza serenar

os animos e dissuadir os mais exaltados
da realisacão do projectado levante.

Em todo o caso, prevaleceu o bom conselho de velhos prudentes, e o arraial se conformou, na confiante espectativa de que a Felisberto nada aconteceria de maior.

Horas passadas, seguro o Governador de que já não deveria esperar a explosão popular, tão receiada um momento, tiveram começo os actos da importante diligencia.

Na vespera, logo á chegada da comitiva ao Tejucó, haviam sido mandadas fechar e lacrar as portas da Casa do Contracto e suas dependencias. Já nesse mesmo dia, preso Felisberto, tiveram D. Branca de Lara, seus filhos e os demais parentes e familiares do Contractador opulento, de pedir pousada e guarida á casa de estranhos. (69)

(69) Felisberto teve os seguintes filhos, segundo uma nota comunicada pelo Sr. Visconde de Barbacena:

1.º Gregorio Caldeira Brant, casado com D. Anna Branca Joaquina de Oliveira Horta,

2.º Thomaz Caldeira Brant,

3.º D. Ignacio Felisberta Caldeira Brant,

4.º D. Jacintha,

5.º D. Anna,

6.º D. Théreza de Jesus Caldeira Brant, casada com João Gomes da Silva, avós de José Bonifacio, o velho.

1753
20
773
1800

E nesse dia partida a escolta, para a habitação de Felisberto dirigiu-se o Ouvidor; rotos os sellos e abertas as portas, penetrou nos esplendidos salões, que guardavam a recordação de tanto fausto e magnificencia, o acerrimo e intransigente inimigo dos Caldeiras.

E conta-se que, antes de fazer iniciar o arrolamento e sequestro de tudo, o Dr. Bacelar percorreu, com accentuada curiosidade, todas as salas e quartos da casa abandonada, salientando, com triumphante maldade, o alto valor e o bom gosto das enormes riquezas alli accumuladas e das quaes elle tanto concorrera para despejar os afortunados possuidores.

O Ouvidor tinha nesse momento, passando em revista os haveres de Felisberto, o ar victorioso de um conquistador entrando nos dominios do adversario subjugado.

Terminada essa visita á opulenta Casa do Contracto, fez o Ouvidor lavrar o auto de sequestro e, enquanto os meirinhos e officiaes do juizo, faziam o arrolamento dos magnificos moveis, custosas tapeçarias, grandes espelhos venezianos, baixellas de ouro e prata e do mais que

www.libtool.com.cn
enchia a morada riquissima, passou-se o Dr. Bacellar ao escriptorio de Felisberto para arrecadar papeis e livros de escripturação.

Muitos dias durou o minucioso trabalho e ao cabo, apezar do infimo preço que foi dado aos objectos de maior valia, ainda attingiu á importancia redonda de dois milhões de cruzados a avaliação feita dos haveres de Felisberto, não contando-se ahí 33.773 quilates de diamantes que estavam depositados nos cofres da Intendencia. (70)

Ora, não attendendo mesmo ao sequestro dos diamantes da Caixa em Lisboa, uma pequena parte dessa fortuna, fabulosa para o tempo e para os habitos modestos e simples do sertão mineiro, bastava para attender ás exigencias, por mais exageradas, da Real Fazenda.

Entretanto, o sequestro foi mantido na totalidade desses bens e outros ainda foram sequestrados, todos aquelles que se suspeitasse pudesse ser de Felisberto, embora estivessem em poder de terceiros. Abriu-se a devassa para verificação de

(70) Joaquim Felicio, *Mem. do Distr. Diam.*, pag. 96.

~~todos os liberdadeiros~~ dos Contracto. Para mais facilmente cobrar-se todas as dividas activas de Felisberto, com desprezo da lei lançou-se mão da via executiva, destinada exclusivamente para os interesses directos do fisco.

Da escripturação de Felisberto, irregularmente feita em pequenos cadernos e livros, apurou-se quanto se pouse, extrahiram-se listas de devedores, e estas listas tiveram a força legal de titulos de divida, certos, líquidos e incontestáveis.

Contra a acção da Fazenda não havia defesa; era pagar ou entregar os bens á penhora para que a execução se fizesse, e, não tendo com que satisfazer a exigencia fiscal, só restava ao devedor, purgar na cadea da Villa do Príncipe o seu debito, para cuja cobrança, quando fosse verdadeiro, o proprio Felisberto jamais permitiria a menor perseguição ou vexame.

E, desse modo tumultuario e violento, conseguiu o Ouvidor Bacellar arrecadar avultada importancia para solução dos compromissos do Contracto, que aliás ficariam saldados com a só baixella de que usava o liberal mineiro.

www.NãoDilera.com.br

Na dílera tanto, porém, o pagamento do fisco como a perdição dos Caldeiras que tinha em mente o Ouvidor, diziam que por inspiração directa de Pombal, pois na Corte se arrecejava do predominio dessa familia opulenta na castigada capitania das Minas Geraes, onde já dominava o espirito de revolta. E assim, a acção aniquiladora dos serviaes do Ministro foi completa e decisiva. Os Caldeiras foram litteralmente reduzidos á miseria e á indigencia.

A pretexto de que estavam fallidos e sem meios de satisfazer mediocres pagamentos á Real Fazenda, sequestrou-se-lhes a consideravel fortuna; e por muito tempo duraram as diligencias para integral arrecadação do que pertencia á familia fulminada.

Ainda em 1767, por officio de 26 de Agosto, D. Antonio Luiz de Souza Botelho Mourão, Capitão-General e Governador da Capitania de S. Paulo, informava ao General das Minas Geraes, Luiz Diogo Lobo, do estado em que se achava o sequestro feito a Sebastião Caldeira Brant, cujos poucos bens tinham andado já em praça sem achar quem os arrematasse, pelo que o General informava que se não

descuidaria de procurar que tivesse efecto sua arrematação. (71)

E tal sequestro, de facto, se converteu em confisco, pois, se é certo que se toparam as contas do Contracto e se apuraram as responsabilidades do Contractador, a quem se deu quitação, jámais se fez aos herdeiros de Felisberto entrega dos enormes saldos verificados. (72)

(71) A integra do officio está á pag. 239 no vol. 23 dos *Documentos interessantes para a historia e costumes de S. Paulo*, publicação oficial do Archivo desse Estado, e os bens sequestrados constam da seguinte *nota* que acompanha o dito officio:

«Umas lavras no descoberto de Santo Amaro em ser, que dizem nada ou pouco valem. Uma vacca com cria, tambem em ser. Onze escravos, dos quaes morreu um por nome José, como consta do recibo do sargento conductor, nos autos declarados por seus nomes, onde tambem declarara haver uma espingarda, um par de pistolas, dous tachos de cobre e uma cama de vento, que tudo foi remettido para as Minas, e mais uma cria que tinha doze dias de edade.

«Para as despezas se rematou um moleque que rendeu 77\$ e pagas as ditas despezas ainda sobrou em dinheiro 46\$094 que se remetteram como consta do recibo nos autos do dito sargento conductor, que tudo entregou nas Minas.»

(72) Por acto de 9 de Maio de 1761 se passou quitação ao 3º contracto dos diamantes, em virtude de um decreto, que se encontra na cit. *Collectão do Ms. da B. Nac.*, e cuja parte dispositiva é a seguinte:

— «O Conselho Ultramarino leve em despesa por este decreto somente, não obstante quaequer leis ou regimentos ou disposições contrárias, aos Caixas do contracto da

www.libtool.com.cn*

Em quanto estas cousas se passavam no Tejucu, era Felisberto transportado para a cadéa de Villa Rica onde por muito tempo aguardou, desolado, o seu destino, e onde tambem foi recolhido preso Alberto Luis Pereira, que havia, como procurador dos contractantes, firmado a reforma do contracto celebrado em 1751 com Gomes Freire e sacado algumas das letras enviadas para Lisboa e pagas pela Casa da Moeda.

extracção dos diamantes a quantia de 844:006\$465, assim pelo preço do 3º contracto que principiou em 1º de Janeiro de 1749 (? , deve ser 1748) e findou em Dezembro de 1752, de que foi rematante Felisberto Caldeira Brant, e pelo dinheiro com que lhe mandei assistir para animar o mesmo contracto, como pelas lavagens dos cascalhos que no fim delle se liquidaram (a), cuja quantia fizeram completa os sobredittos ; a saber : 198:000\$ que nos annos de 1752 e 1753 entregou o caixa Manoel da Silva Tojal por tres conhecimentos a João Caetano Corrêa, thesoureiro do dito conselho, e por 606:006\$465 que despenderam por Decretos meus em diferentes parcelas de meu Real Serviço, dos quaes os desobriguei de dar contas pelos mesmos decretos que por

(a) A respeito do cascalho deixado por Felisberto no Tejucu e sua avaliação para liquidar as dependencias do contracto, encontramos no *Arch. Pùblico* um Aviso do Marquez de Pombal ao Governador de Minas, expedido de Belem, aos 3 de Agosto de 1754.

Tendo para Villa Rica tornado o Governador interino, por carta de 22 de Setembro desse anno e 5 de Janeiro do anno seguinte deu, de tudo quanto se passará no Tejuco, minuciosa conta ao Marquez de Pombal e conjuntamente enviou-lhe os papeis relativos á prisão de Felisberto e sequestro de seus bens.

Essas cartas do Governador tiveram resposta com o aviso de 3 de Agosto do anno seguinte de 1754, cujo inteiro teor é o que segue: (73)

« A' carta do officio que dirigi a v. m. na data de onze de Agosto de

este ficam cassados por haverem sido nelle incluidas, fazendo as sobreditas importâncias que as Caixas entregaram pelo referido 3º contracto a ditta total quantia de 844.006\$465 que é a importânciade tudo o que deviam os mesmos á Minha Real Fazenda pelo ditto 3º contracto do que os Hey por inteiramente quites, livres e desobrigados, ordenando nesta conformidade, sem dependencia de outra algúia conta ou formalidade delle, se lhe passe carta de Quitaçao que subirá para ser por mim assignada, pelo que pertence ao sobreditto preço, dinheiro de emprestimo e lavagens do referido contracto, salvo sempre o Direito de Minha Real Fazenda pelo que toca as letras que nesta Corte mandei pagar pela fallencia do sobreditto Rematante, credito do contracto e beneficio da Praça de Lisboa. *Palacio de N. S. de Ajuda, a 18 de Dezembro de 1760.* »

(73) Este Aviso encontramos, no original, no Archivo Público Nacional de onde extrahimos esta copia, guardando a orthographia.

1753, com os exemplares da Lei publicada no mesmo dia em que S. Mag.^{de} tomou debaixo de sua regia e immedia-
ta protecção os contractos e com-
mercio dos Diamantes, fazendo-me a
honra de me encarregar de tudo o
que he pertencente a este negocio,
ajuntei a que escrevi ao Sr. Gomes
Freire de Andrada no dia quinze da
quelle mez participando-lhe individualmente os motivos em que se
estabeleceram aquellas Resoluções
de El-Rey Nossa Senhor e a urgen-
cia que elles constituiram para fazer
S. Mag.^{de} este importante negocio
e as suas dependencias superiores
aos meios ordinarios e immediata a
Sua Augusta e incomparavel provi-
dencia.

« Depois de haver escripto aquellas cartas foram presentes ao mesmo Senhor as que v. m. me dirigiu; a saber a de vinte e dois de Setembro do mesmo anno com os papeis que a acompanharam pertencentes á prisão e sequestro de Felisberto Caldeira Brant e Alberto Luiz Pereira; o que sobre este assumpto avisaram

~~www~~ largamente alguns Ministros dessas e destas partes pelo que resultou das suas diligencias; e o que v. m. acrescentou ao dito respeito na sua carta de cinco de Janeiro do anno corrente. E sobre tudo tem S. Mag.^e tomado as resoluções que agora participarei a v. m.

« O doloso plano que os ditos Felisberto Caldeira e Alberto Luiz (74) formaram para exaurirem de diamantes as terras que lhes foram demarcadas, e os corregos que escalaram fóra da demarcação, para distrahirem com descaminho contrario á natureza do contracto a maior e mais util parte daquellas grandes quantidades de Pedras que tiraram por tão illicitos e reprovados meios: para em si *ençoparem* (?) as grandes

(74) Parece que este pobre Alberto Luiz Pereira, a quem Felicio chama doutor (*Mem. do Distr.*, pag. 85), entra aqui como Pilatos no Credo. Apenas podemos apurar, por leves referencias, que elle foi o procurador do contracto em Villa Rica; mas não vimos que elle houvesse tomado parte alguma em negocios e deliberações de Felisberto, para ser assim havido como seu socio e cumplice.

www.libriolima.com.br
sommas que receberam pelos Diamantes por elles assim desencaminhados para além dessas sommas metterem da mesma sorte em si uma grande parte das grossas quantias que sacavam em letras sobre o cofre desta Corte debaixo do pretexto do costeamento do contracto, deixando ao mesmo tempo de pagar muita parte das despezas delle: para com aquelles máos fins de se apropriarem tudo que era dinheiro liquido, e deixarem a cargo do mesmo contracto, da Real Fazenda, e dos mais Accredores particulares, o perigo da venda, ou empate dos poucos e máos Diamantes que mandavam para o cofre desta Corte, ao mesmo tempo que lhe impediam o consumo em grossos contrabandos das muitas e grandes Pedras que faziam aqui vender por modo clandestino: o dólodo plano, digo, que os sobreditos fizeram com aquelles horrorosos fins e as fraudes que com elles praticaram, são hoje factos pelas devassas e evidencias manifestos e constantes de que se não pode

www.liptool.com.cn
duvidar racionavelmente, e que pela atrocidade dos roubos que contem contra a Real Fazenda e contra o bem commun, não só dos Accredores, dos contractos, mas dos outros Vassallos do Reino e da America, não podem ficar sem exemplar castigo, que sirva de satisfação a tantos damnos com muito mayor causa daquellas em que as Leys mandam proceder com a maior severidade contra qualquer Homem de Negocio que finge a quebra que não tem, (75) levantando-se por fraude com cabedaes alheyos que se lhe confiaram debaixo de fé publica.

« Assim o tem S. Mag.^e resoluto ordenando que os sobreditos dois

(75) Aqui se evidencia a má fé com que se houve o Governo da Metropole neste triste negocio, que aliás valeu ao Marquez de Pombal as violentas increpações de Camillo Castello Branco (*Perfil do Marques de Pombal*, pag. 275); como se vio atraç, foi por ser havido Felisberto por failido, que contra elle se procedeu rigorosamente ; agora insinua o Ministro que o contractador *fingiu a quebra que não tem*.

www.libtool.com.cn
Réos (76) sejam logo remetidos aos Segredos do Limoeiro desta Côrte debaixo de toda segurança; e que todas as Devassas e informações até agora feitas, com as mais diligencias que o dito Senhor mande fazer nesta occazião, e Autos que houver sobre este negocio sejam igualmente remetidos a Sua Real presença por esta Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra, para serem julgados breve e sumariamente pelos Ministros que S. Mag.^e nomear para esta desagradavel causa.

« Em ordem a cujos fins, mandou o mesmo Senhor determinar assim por carta firmada por Sua Real Mão ao Chanceller da Relação do Rio de Janeiro com a ordem de avocar e remeter logo todos os referidos Papéis, Devassas e Autos na sobredita formar. O que S. Mag.^e me manda

(76) Acreditamos que Alberto Luiz não tenha seguido para o Limoeiro, mas houvesse sido solto mesmo na Villa-Rica.

participar a v.m. para que assim o
fique entendendo e faça dar toda
ajuda e favor de que necessitarem
os Ministros encarregados das ditas
diligencias para executal-as.

« Deus G. a Vm. Belém aos 3 de
Agosto de 1754.

« *Sebastião Joseph de Carvalho e
Mello.*

« Sr. Joseph Antonio.

« Freire de Andrade.

*

E, em cumprimento destas ordens,
quando esperava Felisberto que lhe fos-
sem abrir as portas da prisão injusta,
levaram-no para o Rio de Janeiro e de lá
o enviaram, pela primeira frota, atravez
dos mares, para o longinquuo Reino.

www.libtool.com.cn



XVI

A MORTE

Havia terminado a missa do capellão do vasto presidio que outr'ora fôra o antigo paço dos turbulentos amores do rei D. Fernando e D. Leonor Telles, na velha capital luzitana.

Era o dia de Todos os Santos, 1 de Novembro de 1755. Os prisioneiros, um momento reunidos na escura capella, abobadada e soturna, foram sendo conduzidos, por grupos, para as solitarias prisões e enxovias.

Mal tinha, porém, o Limoeiro tornado á tranquillidade habitual quando sentiu-se

~~wwwquidibõa, algum an-~~ causa de extraordinario
estavava acontecendo.

A um surdo e prolongado rumor subterraneo casavam-se, numa harmonia infernal e desesperada, o estardalhaço atroador do desmoronamento de casas e igrejas, a grita lancinante de homens e mulheres em tropel, nas ruas.

Espavoridos, entre as impenetraveis paredes do carcere, entreolhavam-se os presidiarios, na muda expectação de uma desgraça imminente. Pela altura das seteiras não lhes era possivel, mergulhando o olhar para fóra, desvendar o segredo horrivel daquelle arruido sobrehumano.

Adivinharam, porém, os miseraveis emparedados uma calamidade sem par; e, transidos de pavor, acotovelavam-se, em grupo, no meio das prisões, cosendo-se os corpos, agarrando-se os membros numa instinctiva necessidade de auxilio e socorro.

E, na derrocada tremenda que devastava Lisboa, chegou a vez do Limoeiro. Em subitanea convulsão do solo, desconjuntaram-se e estalaram as grossas paredes e vigamentos do casarão secular. Em alguns pontos, ruiram os altos tectos,

sepultando, nos escombros fumegantes de poeira, os miseráveis a que uma desgraça fatal já havia sepultado em vida entre as quatro paredes do carcere.

Em outras partes, largas brechas fendiam as muralhas, abrindo aos prisioneiros, sem esperança, o inesperado caminho da liberdade.

E tão profunda foi a commoção que abalou a molle secular da prisão, que até os mais reconditos *segredos*, onde jamais entrará um raio de sol, abriram-se subitamente á plena luz, exhibindo a deploável nudez de suas entranhas de pedra, livres, pelo cataclysmo vingador, do peso enorme que os opprimia sobre o sólo.

Dos prisioneiros, aqueles que não haviam encontrado a morte no desmoronar do presidio, despertaram as pernas tropegas e esquecidas de andar e abandonaram, precipites, o derrocado sitio de tantas penas.

Entre todos, porém, um persistia em ficar sobre o montão de ruinas, que era agora o antigo palacio.

Velho, de longas e niveas barbas vestindo um rosto emmagrecido, o estranho personagem passeiava tranquillo sobre os

destroços da casa que fôra sua prisão de
tristes annos, olhando, sem magoa nem
pavor, o vasto campo de escombros, preso
de chamas, numa enorme desordem e
desespero infernal, a que havia o terremoto
reduzido a vetusta cidade.

E, só depois que um sinistro silencio
succedeu á confusão e tumulto das pri-
meiras horas, o velho presidiario desceu
lentamente do alto das ruinas, de onde
contemplára o deploravel panorama da
destruição, e se perdeu no labyrintho soli-
tario das ruas desmoronadas.

Nesse andar chegou o ancião á casa em
que, foi informado, estava o Marquez
de Pombal, cercado de outros Ministros
do Rei, tomando as providencias imme-
diatas que tamanha desgraça exigia. Le-
vado a presença do poderoso Ministro,
disse o velho :

— Senhor ! Eu sou Felisberto Caldeira
Brant, o contractador dos diamantes do
Tejucu, preso nos *segredos* do Limoeiro e
á espera, desde 1753, da liquidação de mi-
nhas contas. Como a prisão em que me
achava desabou e restituiu-me a luz do
dia, que não via desde tanto tempo, venho
pedir a Vossa Excellencia que designe

outra prisão, a que me deva recolher e aguardar a liquidação do meu debito e o levantamento do sequestro dos meus bens, o que já tantas vezes tenho requerido e de novo requeiro. »

Sorpresa com o estranho proceder do mineiro, quando todos os outros se haviam prevalecido do successo para reconquistar a liberdade compromettida por algum crime ou malversação, Sebastião Joseph de Carvalho replicou :

« — Não precisa que se lhe aponte prisão quem tão nobremente procede. Recolhei-vos aonde vos aprouver e quando houver passado esse primeiro tempo de extraordinarias preoccupações, que esta desgraça de hoje veio trazer para o serviço de El-Rey, procurai-nos de novo que vamos prover ácerca do vosso justo requerimento. »

Confiante nas palavras do Ministro, Felisberto, não antes de se haver entendido com João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, então de muito valimento, e outros brasileiros de autoridade na Corte, retirou-se para o aprazivel clima das Caldas da Rainha, a cuidar da saude arruinada por tão pesadas provações.

E não conseguiu ver cumprida a promessa de Pombal, porquanto, aí, dentro de tres mezes (77) a morte o veio surpreender no desejo ancioso de sucjar a extraordinaria saudade, revendo os olhos da espousa amada e o ceu da amada terra.



(77) Informação pessoal do Sr. Vizconde de Barbacena.



www.libtool.com.cn

www.libtool.com.cn
ver extinguida a propriedade de imóveis pertencentes, não, dentro de propriedade, para efeitos de cobrança, bens que não sejam imóveis ou que sejam imóveis que não sejam de natureza de que se fala na Constituição brasileira, restando os bens daquele imóvel à costa daquela terra.



(17) Informações juntadas ao Sr. Vicente de Barbacena.



www.libtool.com.cn